



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MESIAS RAMOS DE SOUSA NEVES

**OS HERDEIROS DA COSTURA?:
TRAJETÓRIAS DE JOVENS TRABALHADORES
DA CONFECÇÃO.**

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

MESIAS RAMOS DE SOUSA NEVES

**OS HERDEIROS DA COSTURA?:
TRAJETÓRIAS DE JOVENS TRABALHADORES
DA CONFECÇÃO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Sociologia do Trabalho. Sociologia da Educação.

Orientador: Professor Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky.

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

N518h Neves, Mesias Ramos de Sousa.

Os herdeiros da costura?: trajetórias de jovens trabalhadores da confecção. / Mesias Ramos de Sousa Neves. – Campina Grande - PB: [s.n], 2019.

127 f.

Orientador: Professor Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky.

Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades; Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Jovens e trabalho. 2. Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco. 3. Ramo de confecções e jovens. 4. Fabrico de roupas na Paraíba. 5. Reprodução social. 6. Sulanca. 7. Disposição – Sociologia. I. Título. II. Ladosky, Mário Henrique Guedes.

CDU: 331.101.234(043.2)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

MESIAS RAMOS DE SOUSA NEVES

**OS HERDEIROS DA COSTURA?:
TRAJETÓRIAS DE JOVENS TRABALHADORES
DA CONFECÇÃO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:



Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky
Orientador/Presidente da Banca



Dr. Roberto Vêras de Oliveira
Membro Titular



Dr. Márcio Gomes de Sá
Membro Titular

Trabalho aprovado em: 13 de setembro de 2019.

CAMPINA GRANDE - PB

*À Maria e Afonso, meus pais.
À Amanda, Miguel e Mateus, meus irmãos.
À Dênis, Apollo e Arthur, meus sobrinhos.
Razão de minha vida,
sentido para minha existência.*

AGRADECIMENTOS

O trabalho que hoje concluo é resultado de um percurso onde muitos tiveram contribuições. Por esse motivo, gostaria de render o reconhecimento e sentimento de gratidão àqueles que foram peças-chaves neste processo.

Sou grato aos meus pais, Maria e Afonso que sempre foram referência para minha trajetória de vida. Aos meus irmãos Amanda, Miguel e Mateus, que compartilham comigo momentos importantes na formação de minha pessoa.

Ao professor Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky pela exímia orientação deste trabalho. Sempre crítico, atencioso e disposto a auxiliar no que preciso, Mário é daqueles professores que nos inspira. Aberto a ouvir e deixar-me pensar “livremente”, me ensinou a observar a realidade com acuidade para não perder o tino sociológico.

A professora Dr. Roselli Cortelleti e ao Prof. Dr. Roberto Vêras de Oliveira pelas contribuições que fizeram desde o primeiro momento, quando defendi meu projeto de pesquisa. De lá para cá, vi quanto avancei e muito disto, devo às contribuições de cada um.

Ao querido Prof. Dr. Marcio Sá que tive a oportunidade de tê-lo como avaliador na qualificação e com muita prontidão se dispôs a me ajudar. Seu auxílio e olhar refinado sobre as teorias bourdieusianas foram indispensáveis na construção de minha pesquisa.

Sou grato aos inúmeros amigos que fizeram com que minha estadia na cidade de Campina Grande e o curso de mestrado fossem uma experiência de vida, para além do aprendizado acadêmico. Por isso, agradeço a todos os colegas pelos risos e desafios compartilhados, mas em especial àquelas que convivi de perto: Elenilda Sinédrio, Jéssica Rodrigues, Fabíola Cortezzi, Roberta Ramos, Jaqueline e Deyse. Conhecer vocês foi mais um presente que a vida me concedeu e, sem dúvidas, a trajetória quando é feita com outros e outras sempre nos faz chegar mais longe.

Gostaria de enfatizar também a importância da bolsa de mestrado que fez com que eu pudesse me dedicar aos estudos em uma cidade que eu jamais projetei morar, pois minhas condições financeiras não me permitiam. Se saí da confecção, devo muito ao contexto ambientado pelas políticas públicas implantadas pelo Partido dos Trabalhadores nas universidades.

Como sair de um contexto para outro requer a mudança de disposições e a adaptação a uma nova realidade sempre vem com algumas dificuldades, contar com os amigos é sempre muito louvável. Por isso, agradeço ao conterrâneo Daniel Dantas pela ajuda que me concedeu

nessa trajetória. A um “excluído do interior”, saber que pode contar com o auxílio de outras pessoas, na travessia da vida, é encorajador.

Agradeço também àqueles que compuseram comigo esta dissertação. Aos entrevistados que gentilmente relataram suas belas histórias de vida e que apesar de não serem identificados, deixo minha satisfação em conhecer a cada um. Os dilemas, dramas, sonhos e projetos compartilhados foram e são realidades que a confecção põe aos jovens trabalhadores no tempo e no espaço em que ela se propaga.

Obrigado também a Adriana Araújo pelo ensaio fotográfico que fizemos juntos e que compõe o anexo desta dissertação. Quando lancei a ideia não tinha noção de quanto enriquecedor seria o registro das vivências que pudemos fazer e com certeza elas serão eternizadas pelo olhar de cada um de nós.

Rendo ainda minha admiração aos que doam suas vidas na labuta diária da confecção e que sem limites dedicam-se para o sustento de muitos. Nos anos que passei na costura, aprendi, experimentei e em ligação tão íntima voltei para estudar este campo, que me fascina e me deixa realizado.

Enfim, a todos que em minha vida foram protagonistas na construção de ser humano que sou. A todos a minha gratidão, meu apreço e admiração. Que este ‘obrigado’ simbolize o reconhecimento de tantas pessoas importantes na minha vida.

A vida é uma costura.
(Roberto Vêras)

RESUMO

A presente pesquisa procura caracterizar as trajetórias, heranças (disposicionais) e mudanças (em seus complexos disposicionais) pelas quais jovens trabalhadores da confecção passam ao se inserir na dinâmica produtiva do Polo de Confecção do Agreste Pernambucano, que tem sua matriz de referência nos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe (SCC) e Toritama. Como a crescente expansão e influência do Polo nas cidades e estados vizinhos tem sido uma realidade recorrente, o campo de pesquisa foi as cidades de pequeno porte das microrregiões do Cariri Paraibano e de Umbuzeiro (Coxixola e Santa Cecília/PB), cuja alteração em suas relações sociais cotidianas por meio da confecção se tornou significativa, constituindo campos e capitais próprios, sobretudo aos jovens trabalhadores. Diante disso, buscou-se compreender essas relações em duas dimensões: identificar em que medida há estruturas, com regras definidas aos agentes que desejam progredir/manter-se no campo da confecção, bem como apresentar possíveis rotas de fuga àqueles que *a priori* são “impelidos” por estas estruturas. Em outras palavras, é objetivo deste trabalho apresentar o *modus vivendi* e o *modus operandi* do Polo de Confecção, no interior da Paraíba, que se somam e formam o roteiro de pesquisa a ser trilhado, objetivando diagnosticar *como* tem ocorrido a reprodução social, *quais* as suas características e sob quais condições/contextos podem ocorrer rupturas na eventual “lógica de reprodução”. Do ponto de vista metodológico, serão apresentadas trajetórias de jovens trabalhadores no ramo e através de entrevistas biográficas serão construídos quatro “retratos sociológicos” que dimensionam possibilidades de ação e reflexividade daqueles que estão dentro do campo da confecção. Tais retratos irão conduzir o olhar científico sobre a formação social que cada indivíduo é submetido e ao empreender tal investigação, numa abordagem de sociologia à escala individual, verificar como se efetua as estratégias de ação de cada pessoa. Em suma, constatar como se efetiva o “ciclo reprodutivo” e como alguns contextos abrem margem às estruturas que a confecção contém, será o desafio a ser perscrutado.

Palavras chaves: Trabalho. Polo de Confecção. Campo. Reprodução Social. Disposições. Contexto.

ABSTRACT

This research aims to characterize the trajectories, heritages (dispositional) and changes (in their dispositional complexes) that young clothing workers go through when inserting themselves in the productive dynamics of the Clothing Pole in the rough of Pernambuco State, which has its reference matrix in the municipalities of Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe (SCC) and Toritama. As the growing expansion and influence of the Polo in neighboring cities and states has been a recurring reality, the field of research was the small towns of the Cariri Paraibano and Umbuzeiro (Coxixola and Santa Cecília / PB) microregions, whose alteration in their daily social relations through the confection became significant, constituting fields and own capital, especially to the young workers. Thus, we sought to understand these relationships in two dimensions: identify the extent to which there are structures, with defined rules for agents who wish to progress / stay in the field of clothing, as well as present possible escape routes to those who a priori are “impelled” by these structures. In other words, the objective of this paper is to present the *modus vivendi* and the *modus operandi* of the Clothing Pole that add up and form the research script to be traced, aiming to diagnose how social reproduction has occurred, what are its characteristics and under what conditions / contexts can occur ruptures in the eventual “logic of reproduction”. From the methodological point of view, trajectories of young workers in the field will be presented and through biographical interviews will be built four "sociological portraits" that measure possibilities of action and reflexivity of those who are within the field of clothing. Such portraits will lead the scientific view on the social formation that each individual is submitted to and by undertaking such research, in an individual-scale sociology approach, verify how each person's action strategies are implemented. In short, finding out how the “reproductive cycle” takes place and how some contexts allow for the structures that the clothing contains, will be the challenge to be examined.

Keywords: Work. Confection Pole. Field. Social reproduction. Dispositions. Context.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	HISTÓRIA DO POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO.....	15
2.1	O POLO DE CONFECÇÃO NA ATUALIDADE.....	19
2.2	TRABALHO E INFORMALIDADE NO POLO DE CONFECÇÕES.....	25
2.3	O POLO DE CONFECÇÃO NA PARAÍBA – MUNICÍPIOS PESQUISADOS.....	33
3	A REPRODUÇÃO – O <i>MODUS VIVENDI</i> E A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> CONFECIONISTA.....	39
3.2	O CAMPO DA CONFECÇÃO.....	45
3.2.1	A Educação.....	45
4	UMA “ESTRUTURA ESTRUTURANTE”.....	52
4.1	A DISTINÇÃO.....	52
4.2	RETRATOS SOCIOLÓGICOS.....	58
4.2.1	“Sonho é uma coisa passageira”: Fábio e a permanência na confecção.....	58
4.2.2	“Se eu lutar pelo que eu quero, então eu posso chegar aonde meu pai chegou, sem precisar de estudo”: César e o espírito empreendedor....	64
4.2.3	Duas irmãs e sua trajetórias distintas.....	70
4.2.3.1	Érica e as “idas e vindas” na confecção.....	70
4.2.3.2	Nicole e a Universidade como porta de saída da confecção.....	84
4.2.4	Retrato 4.....	93
4.2.4.1	Lucas e o percurso da universidade ao seu fabrico.....	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
	REFERÊNCIAS.....	104
	APÊNDICE A – TEXTO AUTOBIOGRÁFICO.....	111
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (JOVEM).....	115
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA (PESSOAS QUE CONVIVEM COM O JOVEM ENTREVISTADO).....	117
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	119
	APÊNDICE E – FOTOGRAFIAS.....	120

1 INTRODUÇÃO

O Polo de Confeção do Agreste Pernambucano é composto por uma realidade ampla e com características peculiares ao território. Desde seu mapeamento geográfico de difícil mensuração, até as diversificadas relações de trabalho que tecem a vida social, há um alto grau de complexidade que produz um campo de pesquisa fértil, mas também desafiador do ponto de vista da análise desta realidade.

Pelo fato de estar inserido numa região de fronteira com o estado da Paraíba, o Polo possibilita um leque de relações locais cuja influência nos municípios vizinhos é uma característica deste grande território produtivo, que se alarga cada vez mais. Em outras palavras, o Polo é um espaço social que demonstra a vitalidade que a confeção possui, e a capacidade de expandir-se cada vez mais formando (novos) modos de vivência é uma particularidade na sua composição.

Assim sendo, municípios limítrofes contêm alto grau de influência dos municípios pernambucanos e tornam-se importantes objetos de pesquisa para buscar compreender em que medida se aproximam e/ou se singularizam do ponto de vista social. É nesse sentido que este trabalho pretende trilhar: analisar trajetórias e contextos peculiares, estabelecendo eventuais relações com as cidades-eixo e discutindo em que medida as experiências são ressignificadas a partir de seu lócus de origem.

Partindo da constatação que a confeção possui ciclos geracionais que tendem a se reproduzir (NEVES, 2016) a pesquisa busca compreender em que medida se dá essa reprodução e, por outro lado, como se rompe com essa estrutura que, *a priori*, impele os agentes na formação deste ciclo reprodutivo. Dito de outra maneira, este estudo buscará investigar como os micro-espacos sociais da confeção possuem estruturas próprias produzindo um campo – no sentido bourdieusiano – que contém características singulares e, concomitantemente, como a ação dos agentes oferece novas possibilidades de tessitura da realidade social.

Ao partir da constatação da reprodução social entre os trabalhadores da confeção, dimensiono o primeiro objetivo da pesquisa: observar *como* a reprodução acontece, neste fenômeno específico. Para isto, será apresentado um rápido histórico no intuito de situar o leitor naquilo que foi a origem do Polo de Confeção (mais precisamente os municípios-eixo) e, posteriormente serão discutidos dados mais recentes objetivando dimensionar o grau representativo dessa produção para a região.

Partindo de um contexto mais amplo e geral, a primeira parte consistirá na discussão desses processos históricos que compuseram o Polo e de uma forma mais objetiva afunilará para os municípios alvos da pesquisa realizada. Desse modo, será abordada inicialmente a gênese do Polo no Agreste de Pernambuco onde há as primeiras constituições de relações de trabalho e, posteriormente, será discutido o processo de consolidação desse aglomerado produtivo, cujo âmago se dá na formação das feiras de *sulanca*, na expansão das unidades produtivas e o crescente fluxo migratório para as cidades do entorno. Todos esses elementos elencados se somaram e desembocaram na influência das atividades econômicas já existentes – sobretudo da agricultura e pecuária – e na formação de novos postos de trabalho, que por sua vez, engendrou um complexo de relações múltiplas que deverão ser abordadas e discutidas.

Após esse resgate histórico inicial a abrangência do debate será restringida para chegar ao cerne do campo de pesquisa, os municípios de Coxixola e Santa Cecília. Situar ambas as cidades paraibanas em seus construtos histórico-sociais, geográficos e territoriais, torna-se indispensável para demonstrar a relação que tais municípios têm com a confecção.

Com a chegada da confecção as bases culturais alicerçadas na agricultura e na pecuária passam a ser norteadas por essa nova atividade econômica e buscar elucidar em que medida tais bases se alteram e/ou se justapõem será o desafio subsequente. Diante disto, será debatido o *modus vivendi* dos jovens da confecção através de uma rápida discussão acerca do modo de vida rural tão comum ao jovem trabalhador.

Esse *modus vivendi* possui uma nova roupagem, consagrado pelo *ethos* camponês e reapropriado pela confecção, cuja cultura rural ainda se mantém por serem cidades de interior com pequeno desenvolvimento. Em outras palavras, os municípios de Coxixola e Santa Cecília são influenciados pela confecção, mas não se constituem cidades de grande porte o que ocasiona a formação de uma “periferia da periferia” e todos os processos que englobam essa realidade (informalidade, precariedade, relações patrão-empregado, etc.) estão presentes nesse contexto, com as singularidades do modo de vida rural que estes lugares possuem.

Ao discutir aspectos como a informalidade, a rápida inserção na confecção, o grau de escolarização, as projeções futuras e o cálculo que é feito quando se é trabalhador deste setor, entra-se num plano “mais sutil” da formação de classe, qual seja, o dos capitais simbólicos, nem sempre tão aparentes, mas deveras cobrado em sociedade e no campo que o agente está presente.

A meu juízo, tornava-se primordial elucidar essas questões para que constatássemos a existência de uma estrutura antes de “afirmar” como se rompe com ela. Se há um processo de

ruptura é porque há uma estrutura com que se romper e, para isso precisa-se debater como se baliza essa formação.

Objetivando compreender essa relação entre estruturas, trajetórias e perspectiva de vida, a juventude se tornou elemento chave nesta discussão, haja vista que são “eles” os que vivenciaram a “socialização”, por assim dizer, que a confecção oportunizou, diferentemente de seus predecessores (que estavam inseridos num Polo emergente ainda em processo de consolidação e, além da confecção, tinham outros ramos de trabalho, impossibilitando a formação de um “*habitus*” da confecção). Para isso, foram selecionados jovens de até 29 anos¹ nesta pesquisa.

Assim sendo, ao afirmar e discutir a existência da estrutura, o próximo passo é verificar o grau de reprodutividade que ela contém, de modo que não condicione os sujeitos a fórmulas pré-estabelecidas ou de reprodução social². É preciso perceber em que medida essas estruturas abrem margem à saída/permanência do campo da confecção. Destarte, sair e/ou permanecer, “insucesso” e/ou “sucesso”³, deverão ser os referenciais que nortearão as percepções dos jovens trabalhadores em relação às suas trajetórias e perspectivas na confecção.

No que concerne à área pesquisada, os dois municípios paraibanos que compuseram o campo de análise estão em regiões muito próximas ao Pernambuco. Coxixola no Cariri e Santa Cecília na região de Umbuzeiro possuem estreita relação de produção com a confecção. Há uma intensa influência dos municípios-eixos (Caruaru, Toritama e, sobretudo, Santa Cruz do Capibaribe) nessas localidades. Essa influência conduz não apenas ao modo de produção na confecção, mas formula e fomenta modos de vida que são (re)apropriados pelos agentes que convivem em tais contextos.

Alguns elementos motivaram a escolha do campo de pesquisa, do objeto de estudo e julgo necessário elencá-los na intenção de oferecer maior clareza científica. Em primeiro lugar, considero relevante explicitar a proximidade do pesquisador com o campo de análise.

¹ O critério adotado para esta pesquisa é Estatuto da Juventude sob a Lei Nº 12.852/2013, Art. 1º. Parágrafo 1º, que preconiza a idade mínima de 15 anos e 29 como término da fase juvenil. No entanto, o “rito de passagem” que marca a entrada em outras fases da vida na sociedade capitalista é o ingresso no mundo do trabalho e a capacidade de independência que este oferece. Assim, optou-se por considerar apenas a idade “máxima”, uma vez que na costura ingressa-se muito cedo e, do ponto de vista social, as crianças entram na fase da juventude cada dia mais precocemente ressignificando este processo social (Cf. NEVES, 2018).

² Daí a interrogação no título. Uma provocação para o debate acerca do papel que as heranças disposicionais ocupam na formação das trajetórias.

³ A noção de “(in)sucesso” dos indivíduos será sempre bastante relativa, uma vez que este trabalho não tem a pretensão de afirmar o grau de êxito pessoal daqueles que foram entrevistados. Por este motivo, serão sempre utilizadas as aspas para demarcar a atenção do leitor nesse quesito, mesmo sob o risco de tornar repetitivo e enfadonho a escrita.

Durante onze anos trabalhei na costura passando por vários postos na produção (“tirador de ponta de linha”, vendedor nas feiras da *sulanca* e costureiro) e, indubitavelmente, minha trajetória de vida motivou as escolhas teórico-metodológicas realizadas⁴.

Desde criança (8/9 anos) inseri-me no ramo da confecção de modo a consolidar a tradição familiar em “costurar desde pequeno” e trabalhar se tornou imperativo a mim e às crianças/jovens que ali viviam (no município de Coxixola). Hoje, esse imperativo pouco se alterou e ainda produz histórias parecidas. Utilizando-me das palavras de Sá (2015) “é lá [na família] que a tradição da costura doméstica é aplicada ao negócio” e, sem dúvida, essa tradição é levada a cabo por cada trabalhador que desde cedo é inserido neste campo, por meio das disposições que lhe são inculcadas.

Outro elemento digno de nota é o fato dos jovens pesquisados no município de Santa Cecília participarem da instituição de ensino a qual estou ligado. Por serem alunos da escola que leciono percebi que muitas características do campo da confecção se “repetiam” o que me ocasionou a curiosidade de pesquisador em estudar aquela realidade. Se as escolhas feitas na hora da pesquisa não são neutras nem altruístas, minha proximidade com o objeto de estudo (a confecção) e o grupo pesquisado (jovens que tinha contato próximo), revelam ainda mais essa dimensão primordial à análise científica.

Do ponto de vista metodológico optou-se por uma abordagem “ampliada” com a junção de ferramentas de pesquisa e métodos diferenciados para o primeiro e o segundo momento desta dissertação. Como o município de Coxixola foi o campo de pesquisa em 2016, quando da realização do trabalho de conclusão de curso sobre esta temática, constatei naquela pesquisa em que medida se efetua a reprodução social-educacional por meio da confecção. A partir daí, discutir como essas “estruturas” estão postas nos micro espaços de relação social se tornou objeto assaz relevante para compreender de que maneira podemos caracterizar a confecção enquanto um campo de ação, nos termos que Bourdieu elenca.

Não se trata portanto de discutir uma “teoria dos campos” na confecção, mas entender em que medida a confecção pode ser caracterizada como tal e quais as implicações que isso traz na composição das disposições dos agentes e ao mesmo tempo os graus de reflexividade que estes possuem (LAHIRE, 2001).

A realidade de Coxixola em grande medida se assemelha ao município de Santa Cecília, sobretudo no que se refere a área de fronteira com o estado de Pernambuco e a forte

⁴ Com um claro alinhamento a sociologia bourdieusiana.

caracterização como municípios rurais⁵ (de pequeno porte, localizados no interior e com recente emancipação).

Desse modo, foram utilizados os dados já consolidados na pesquisa feita em Coxixola – citando-os numa espécie de “revisão bibliográfica” – e ao revisitar o campo de pesquisa, nos dois municípios, para a realização das entrevistas biográficas e a construção dos retratos sociológicos, foram discutidas algumas trajetórias de jovens inseridos na confecção.

Os “retratos sociológicos” tiveram como critério de escolha o debate no que se refere ao rompimento do ciclo reprodutivo da confecção⁶ e ao construir quatro perfis de trabalhadores que romperam e/ou permaneceram neste ciclo, tornou-se imprescindível elucidá-los empiricamente (com exceção do quarto retrato), para demonstrar como são traçadas estratégias que compõem os quadros de ação.

Numa espécie de “sociologia à escala individual” (LAHIRE, 2004a), a dissertação parte de um contexto macro (quando da discussão das estruturas que o campo da confecção contém) para um contexto micro social, que não obstante revela as singularidades da sociedade em geral. Ao discutir as trajetórias também se discutirá como as estruturas abrem margem à reflexividade e possibilita a ruptura com a reprodução.

Ao final, serão tecidas algumas considerações sobre o trabalho realizado, apontando questionamentos descobertos no caminhar da investigação, não necessariamente conclusões, mas indicações de uma agenda de pesquisa a ser formulada e perscrutada a partir do trabalho teórico-empírico nutrido em campo.

⁵ Este é um termo utilizado por Wanderley (2004) para discutir municípios que apesar de possuírem sua classificação de cidades não possuem um ritmo “citadino” e se assemelham às formas de vivências rurais.

⁶ É preciso, a meu ver, estabelecer uma distinção entre “ciclo reprodutivo da confecção” e “variações dentro do campo da confecção”. Ao primeiro, busco elucidar aqueles que dependem exclusivamente da confecção para sobreviver e tendem a permanecer durante bom tempo em postos de trabalho assalariados. A estas pessoas serão incutidas disposições duradouras que serão passadas em forma de herança cultural, por meio de *habitus* (BOURDIEU, 2014) e com isso haverá um ciclo reprodutivo. Por outro lado, pessoas, por diferentes fatores, movem-se dentro do campo da confecção e podem galgar novas posições dentro dele. Em resumo, pode-se dizer que o nível de reprodução é medido pela (in)capacidade de mobilidade social que se tem na confecção.

2 HISTÓRIA DO POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

De acordo com Vêras de Oliveira (2013, p.232) o Polo de Confecções do Agreste Pernambucano⁷ é “um aglomerado de atividade produtivas, comerciais e de serviços, especializado em confecção”. Essa região, diga-se de passagem, não meramente geográfica, tem tido grande importância para inúmeras cidades e estados, já que o Polo tornou-se referência nacional acerca da produção e comercialização de produtos como “calças, bermudas, saias, vestidos, blusas, *shorts*, *tops*, jaquetas, camisetas, roupas íntimas; para públicos feminino, masculino e infantil”.

Sua origem remonta-se para a década de 1940 onde com a decadência da agricultura de subsistência e do ciclo do algodão passou-se a criar novas formas de atuação econômica para a sobrevivência. O destaque para essa transformação se dá principalmente com as novas formas de convivência com o semiárido, já que se tornava inviável outras formas de economia na região em virtude do baixo índice pluviométrico, cuja característica marcou a necessidade de adequar-se a essas variações climáticas (ARAÚJO, 2016, p.3). Sendo assim, urgia construir uma economia mais sólida e estável, balizada em novos parâmetros que não mais apenas a agricultura e a pecuária.

Com o declínio da produção algodoeira no Nordeste, cujo marco foi a concorrência internacional, sobretudo dos Estados Unidos e do algodão de São Paulo, emerge, segundo Lira (2011), a produção artesanal calçadista e de produtos ligados ao couro. Simultaneamente a essa produção artesanal surgia também a produção com tecidos, e isso se dá com maior intensidade quando moradores da região levavam produtos diversos para serem comercializados na capital Recife e, em contrapartida traziam retalhos de tecido – que eram distribuídos gratuitamente no início - para confeccionar roupas, sobretudo para crianças.

Com o aumento da produção, esses *retalhos* passaram a ser comercializados constituindo um novo posto de trabalho: os compradores de *retalho*. Os compradores passaram a buscar esses retalhos em São Paulo, devido a grande quantidade do produto na região do Brás. Assim, começou a se consolidar a *sulanca*⁸ (LIRA, 2011,p. 85). Grosso modo, a *sulanca* é a definição de produtos de baixa qualidade, com baixo custo de produção e

⁷ O leitor perceberá que ao longo do trabalho a denominação “Polo de Confecção do Agreste Pernambucano” será gradualmente substituída pelas abreviações “Polo de Confecção” ou simplesmente “Polo”. Tal mudança é intencional e tem o objetivo de demonstrar a expansão deste aglomerado produtivo, de forma a não mais pertencer apenas ao Agreste Pernambucano e influenciar diretamente municípios, regiões e estados diversos. Portanto, considere-se sinônimos ambas as expressões.

⁸ Segundo Vêras de Oliveira (2013, p. 238, N. 7), a denominação *Sulanca* “deriva da corruptela das palavras ‘sul’ e ‘helanca’, se referindo às confecções produzidas com malhas vindas de São Paulo - do ‘Sul’.

preços abaixo dos valores de mercado destinados à população de baixa renda da região e entorno.

Conforme Lira (*Ibidem*), outra forma de disseminar a *sulanca* foi através de vendedores ambulantes que percorriam diversas cidades da região, corroborando com o aumento da produção e consolidação do Polo. Ainda que não haja uma convergência sobre aquilo que de fato foi decisivo para o surgimento histórico do Polo, entende-se que todas essas situações colaboraram incisivamente na consolidação deste ramo de trabalho das pessoas.

Essa produção intensificou-se cada vez mais, constituindo posteriormente as “*feiras da sulanca*”, isto é, lugares específicos destinados à comercialização em atacado e varejo dos produtos confeccionados. Essas feiras efetivaram-se, sobretudo nos anos de 1970 e 1980 em Santa Cruz do Capibaribe e Caruru, respectivamente, e em Toritama na década de 1990. Note-se que esse período marca o declínio da indústria do couro - que nesse momento aumentava de custo - tornando a matéria prima ainda menos acessível a ponto de migrar para a produção emergente: a costura.

A formação do Polo não resultou de grandes políticas públicas. Não houve planejamento prévio de investimentos por parte de órgãos estatais, coletivos e sindicais, mas uma incessante busca pela sobrevivência de pessoas que diante de situações adversas, sobretudo climáticas, tiveram de buscar saídas para driblar os desafios desse contexto. Para Cabral (2007), o mérito da ascensão produtiva desse aglomerado se deu pela via estreita de “agentes individuais” que procuraram sair da condição social que se encontravam e, de modo “inconsciente”, promoveram a criação do *Polo de Confeccões*.

A formação do aglomerado se deu de forma autônoma, sem que, pelo menos diretamente, em sua trajetória, houvesse intervenções de políticas públicas determinantes. [...] Personagens pioneiros, no município de Santa Cruz do Capibaribe, ajudaram a construir um novo território, como novos significados sociais, econômicos e políticos, numa área que, a princípio, de outra forma estaria condenada à estagnação, como ocorre com a maioria dos municípios do semiárido nordestino (CABRAL, 2007, p. 243).

Em depoimento à FUNDAJ (*apud* Vêras de Oliveira, 2008, p.12), um confeccionista narra como se deu esse processo inicial do *Polo*. Ao ser indagado sobre o fator ao qual atribuía o sucesso do *Polo* respondeu, em linhas gerais, que o poder público só interveio depois que viu a chance de sucesso através da confecção. Vale a pena conferir o depoimento na íntegra que de forma resumida narra a formação desse aglomerado.

O fator aí é a teimosia dos empresários daqui, o pessoal aí é teimoso ao extremo, as coisas dão errado e eles vão em frente, dão errado e eles vão em frente, até que uma hora dê certo. Parece aqueles agricultores do passado que todo ano plantavam, todo ano perdiam, mas eles diziam: ‘ano que vem vai chover e a gente lucra!’. Então, a gente está numa região inóspita que não tem infraestrutura, que não tem nenhuma promoção adequada à divulgação do mercado, mas ao mesmo tempo assim existem pessoas aguerridas que lutam bravamente para fazer valer as suas opiniões e fazer prosperar sua atividade. Resultado, terminou se consolidando um Pólo de confecções aqui na região e esse Pólo de Confecções se firmou sem nenhuma intervenção direta das três esferas do Governo. Os governos depois foi que perceberam que havia aqui uma atividade pujante que gerava emprego, gerava renda, que era um diferencial para o Estado e para a região, que não tinha nenhuma ação deles. Então eles disseram, ‘olha, vamos ajudar’. (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2011, p.12).

O Estado só viera intervir na produção do *Polo* depois que este havia se consolidado. Essa intervenção só veio acontecer naquilo que Cabral (2007) chamou de 3ª fase do Polo, ainda que num plano mais nacional que local. Essa fase marcou o início da industrialização cujo modo de atuação requereu uma maior organização das linhas de produção, comercialização e venda e, nesse aspecto, foi necessária a intervenção estatal.

O que é válido salientar no momento é a perspicácia do povo dessas cidades em atuar de forma economicamente diferente, capaz de modificar anos de tradição de mercado pecuário e agrícola, culminando, na gênese histórica desse aglomerado produtivo que atualmente tem influência em diversos municípios e estados.

Essa formação foi aumentando gradativamente e evoluindo de forma positiva. Segundo Cabral (2007, p.94), essa evolução pode ser dividida em quatro momentos essenciais que demarcam dinâmicas próprias, arranjos produtivos, bem como modos de produção diferenciados e produtos finais distintos em cada momento desses. Ainda que o mesmo autor tenha como objeto de pesquisa a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, esta reflete em certa medida aquilo que os demais municípios-eixo⁹ – cujo ingresso no ramo foi posterior – vivenciaram na consolidação de seus modos de atuação.

⁹ Os municípios-eixo a que me refiro são os pioneiros no Polo de Confecção e com maior pujança econômica: Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama. Denominação utilizada por Sá (2015).

Quadro 1 - A trajetória tecnológica e de mercado do aglomerado por atividade.

ATIVIDADE	1ª FASE (1949-1966)	2ª FASE (1967-1979)	3ª FASE (1980-1989)	4 FASE (1990-2005)
COMPRAS	Insumo Principal: Retalhos de tecidos de fábricas do Sul e de Recife. Máquinas: Vendas/Recife	Insumo Principal: Adoção de tecidos populares e de melhor qualidade. Atacadistas locais. Máquinas: Vendas/Recife	Insumo Principal: Tecidos de atacadistas locais e do Sul/ Sudeste. Algumas compras diretas nas fábricas. Máquinas: Vendas /Santa Cruz	Insumo Principal: Tecidos de atacadistas locais e do Sul/ Sudeste. Maiores compras diretas nas fábricas. Máquinas: Vendas Sta.Cruz, Caruaru e Toritama
CRIAÇÃO	Processo: Artesanal Intuitivo	Processo: Artesanal Intuitivo	Processo: Estilistas Amadores	Processo: Estilistas profissionais. Modelagem computacional
PRODUÇÃO	Local principal: Domicílios urbanos e rurais Processo: Artesanal Máquinas e equipamento: manual, a pedal, adaptadas e elétricas	Local principal: Grandes, pequenas e micro unidades produtivas Processos: Transição para fase industrial Máquinas e Equipamento: Introdução de máquinas industriais de baixa Rotação	Local Principal: Fechamento de fábricas de maior porte. Permanência das micro e pequenas. Processos: Esforços de modernização fordista Máquinas e Equipamento: Prevalência de máquinas industriais	Local Principal: Consolidação das micro e pequenas unidades. Processos: Modernização industrial Equipamentos e Máquinas industriais modernas, eletrônicas e computadores (CAD/CAM)
VENDAS	Local: Ruas de Santa Cruz e feira municipal da cidade e de outras cidades do interior de PE e do Nordeste.	Local: Expansão para outras cidades do interior de PE e do Nordeste. Agentes: Produtores e Intermediários	Local: Início das feiras de Caruaru e Toritama. Expansão para outras cidades do interior de PE, do Norte e Nordeste. Lojas próprias.	Local: Lojas modernas. Três grandes polos comerciais. Cadeias de lojas e shopping centers em capitais do NE, Sudeste e Sul. Compradores de outros países.
VENDAS	Agentes: Produtores, caminhoneiros e intermediários (mascates) Clientes: Baixa renda, trabalhadores da cana-de-açúcar. Produtos: Roupas rústicas, colcha de retalhos, vestidos femininos, roupas de criança e trabalhos de campo	Clientes: Baixa renda, trabalhadores da cana-de-açúcar e outras culturas. Produtos: Popular e de melhor qualidade	Agentes: Produtores e Intermediários Clientes: Baixa e média rendas. Produtos: de melhor qualidade e jeans de qualidade baixa e média.	Agentes: Representantes, escritórios de vendas e exportadores Clientes: Baixa, media e alta rendas. Produtos: Jeans de marca. Faixas B e C. Marcas próprias, moda praia, surf e streetware e moda íntima. Introdução de adereços e etiquetas.

Fonte: (CABRAL, 2007, p.106)¹⁰.

¹⁰ O quadro com algumas fases marcantes na história no Polo de Confecção tem como objetivo fazer uma síntese daquilo que foi a trilha cronológica perpassada. Entretanto, não deve ser classificado como um “etapismo”, uma

As fases presentes na história do *Polo* mostram claramente a ausência de grandes políticas públicas voltadas à região para o setor, num primeiro momento. A formação deste aglomerado se deu pela via de “agentes individuais” que insistiram nessa possibilidade de sobrevivência de tal forma que mais tarde será difícil para que o Estado regule e fiscalize as ações ali presentes. Isso gerará informalidade em larga escala e precariedade exacerbada em todos os setores que envolvem esse ramo. Os governantes locais só intervêm propriamente no *Polo* na quarta fase, quando da formação de espaços específicos para a comercialização, de modo ainda secundário, haja vista que foram apenas concedidos terrenos para a construção desses ambientes que, em sua maioria, foram construídos por empresários e administrados pelos próprios proprietários, condomínios e associações de comerciantes.

Essa relação imbricada produziu nuances que ainda hoje persistem dentro do *Polo*. Elementos como a precariedade do trabalho, informalidade, subcontratação e terceirização são aspectos inerentes a este aglomerado que se explicam em sua formação. Assim, para que se entenda a dinâmica do *Polo* “atual” torna-se necessário buscar as bases que formaram esse ambiente de produção, cujo trabalho foi realizado nessa seção. Feito isso, torna-se importante correlacionar sua história com a configuração hodierna do *Polo* e discutir as principais características que compõem esse aglomerado produtivo e suas relações de trabalho.

2.1 O POLO DE CONFECÇÃO NA ATUALIDADE

Diante da proporção que o Polo de Confecção tomou em todo o estado de Pernambuco e nas áreas fronteiriças, torna-se difícil mensurar as dimensões atuais desse imenso aglomerado produtivo. Com a crescente demanda potencializou-se cada vez mais a criação e sofisticação de *fabricos* e *façõões*, tanto no que se refere à produção, quanto no que diz respeito à comercialização dos produtos.

Como ressalta Bezerra (2011,p.63) o “*Polo do Agreste* vem se configurando uma realidade em expansão. Considerado o segundo maior *Polo de Confecções* em importância econômica do país, ele colocou o estado de Pernambuco em uma posição de destaque no cenário da moda e da confecção”.

vez que um período desemboca no outro e até mesmo em alguns momentos podem ser encontrados elementos daquilo que seria o período anterior, isto é, não se trata de demarcar de forma precisa quando um acaba e outro começa. É, portanto, um recurso utilizado para esquematizar resumidamente a história do Polo, sem que haja repetições enfadonhas daquilo que já foi amplamente discutido na literatura acerca deste campo de pesquisa.

A abrangência de novas cidades cada vez mais se torna comum nesta realidade. Atualmente, os municípios-eixo são referenciais para a comercialização, sobretudo para aqueles municípios de pequeno porte como é o caso de Coxixola e Santa Cecília. Quando o assunto é a produção na confecção, inúmeros municípios registram atividades nessa direção cuja proporção é difícil de mensurar.

O SEBRAE realizou uma pesquisa em 2013¹¹ sobre esses municípios no intuito de oferecer um estudo sobre a região com base nas respostas de empresários ou responsáveis pelas unidades produtivas e denominou o território pesquisado de *Polo-10* com as seguintes cidades: Agrestina, Brejo da Madre de Deus, Caruaru, Cupira, Riacho das Almas, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim, Taquaritinga do Norte, Toritama e Vertentes. No entanto, no mesmo trabalho afirma-se a dimensão do Polo de Costura no estado de modo a abranger ainda mais cidades não englobadas na pesquisa.

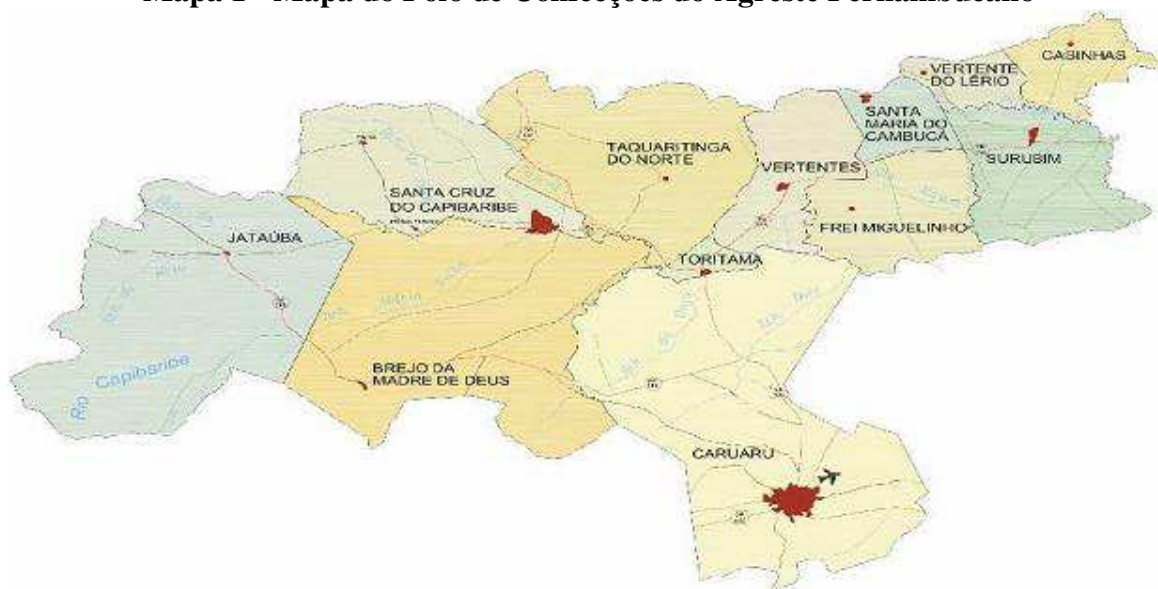
A decisão de limitar o estudo ora relatado a esses dez municípios teve razões administrativas, mas o Sebrae-PE reconhece que existe atividade produtora de confecções com intensidade relevante em outros locais de Pernambuco. Tanto é assim que, em um ‘Termo de Referência’ elaborado em 2009 pela instituição, 18 municípios (nem todos do Agreste) eram listados como aqueles em que deveria ser aplicada a então projetada pesquisa de campo. Além dos dez [...], seriam incluídos, no Agreste, Belo Jardim e Gravatá; na Região Metropolitana do Recife, Abreu e Lima, Camaragibe, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Recife e Paulista. Outros estudos apontam Passira e Pesqueira, ambos no Agreste, como lugares onde também já existiriam concentrações significativas de produtores de confecções. (SEBRAE, 2013, p.17)

Além das cidades já elencadas no estudo do SEBRAE, Lira (2011) acrescenta à lista mais seis municípios: Jataúba, Santa Maria do Cambucá, Frei Miguelinho, São Caetano, Altinho e Sanharó, deixando, inclusive, em aberto a possibilidade de haver mais cidades nesse rol, quando coloca ao final um “etc”. Em suma, o fato que pretendo chamar a atenção é a dimensão que o Polo tomou nos últimos anos.

Para efeito de recorte do objeto pesquisado, considere-se como parâmetro de análise - nesse ponto do trabalho - as cidades abordadas no Estudo do Arranjo Produtivo Local (APL) de Confecções do Agreste Pernambucano feito pelo SEBRAE para se referir ao Polo de Costura. Tal opção de representação se dá pelo fato de serem estes municípios os mais conhecidos ao se tratar do Polo, sem querer, no entanto, restringir sua abrangência. Para ilustrar melhor a representação de nossa investigação segue imagem geográfica dessa região.

¹¹ Esta foi a última pesquisa de grande envergadura com fontes primárias que se teve até o momento, por isso os dados não possuem maiores atualizações.

Mapa 1 - Mapa do Polo de Confeções do Agreste Pernambucano



Fonte. (CABRAL, 2007, p.115).

No que se refere aos números de unidades produtivas em cada município, percebe-se que a predominância delas está em municípios pioneiros na confecção, como no caso de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama, respectivamente. No entanto, como o alargamento dessa abrangência e migração de pessoas para outras cidades do entorno, vem crescendo cada vez mais o Polo na região, de modo que diversos municípios têm sido contemplados com essa disseminação.

Tabela 1 - Estimativa de unidades produtivas de confeções nos dez municípios pesquisados

Municípios	Número de Unidades Produtivas	% do Total
Agrestina	299	1,6
Brejo da Madre de Deus	1.396	7,4
Caruru	4.530	24,1
Cupira	135	0,7
Riacho das Almas	415	2,2
Santa Cruz do Capibaribe	7.169	38,1
Surubim	454	2,4
Taquaritinga do Norte	1.185	6,3
Toritama	2.818	15,0
Vertentes	401	2,1
Total dos dez municípios (Polo-10)	18.803	100,0

Fonte. (SEBRAE, 2013, p.28). Grifos nossos.

Como se percebe na tabela acima há grande quantidade de unidades produtivas nesses municípios, com destaque para os municípios-eixo que deram origem ao Polo. Cada uma destas unidades empregam inúmeras pessoas, que normalmente são familiares ou conhecidos, através dos *fabricos, fações e fábricas*¹². Segundo Raposo e Gomes (2003) no começo do ano 2000 estimava-se que durante uma semana cerca de 45 mil pessoas frequentavam esses três municípios, concentrando nas segundas, terças e quartas (dias dedicados às feira nessas cidades¹³).

Para se ter uma dimensão da grandiosidade dessa mobilização econômica que gira em torno do setor, basta observarmos os dados quantitativos de cada centro comercial destinado à venda dos produtos.

No *Parque das Feiras*, situado em Toritama, foram inaugurados 875 *boxes*¹⁴ que tornaram-se insuficientes diante da demanda, sendo necessário a construção de mais 110 lojas. Some-se a isso, as barracas instaladas nas áreas não cobertas, abrigando no total, cerca de 2 mil pessoas. Caruaru, por sua vez, contém, no *Pólo Comercial de Caruaru* 530 lojas, acrescido daqueles que colocam suas barracas no entorno do *Pólo Comercial*, cujos números são imprecisos. Já Santa Cruz do Capibaribe, compreende 9.624 boxes e 707 lojas, destinadas à comercialização sem levar em consideração os inúmeros barraqueiros que, como nos casos anteriores, não são contabilizados pela falta de precisão dos dados (VERAS DE OLIVEIRA, 2011,p.8)

Atualmente, há uma produção em larga escala escoada dessa região. Para se ter noção da proporção que este aglomerado vem ganhando nos últimos anos, basta dizer que 15% do *jeans* nacional tem saído do município de Toritama, cujo posto lhe rendeu a primeira posição no Norte e Nordeste na produção desse setor (*Ibidem*, p.4).

O PIB dessas cidades estão entre os maiores do Estado de Pernambuco. As três cidades-eixo registraram de 1999 a 2008 uma melhoria no Produto Interno Bruto significativa.

¹² Segundo Vêras de Oliveira (2013), “Fabrico é a denominação local para as unidades produtivas familiares, com o funcionamento em geral domiciliar, de caráter informal, sendo que gradativamente foram comportando dimensões variadas. [...] As fações, são unidades produtivas em geral constituídas em condições ainda mais precárias, quando comparadas aos fabricos, e que se caracterizam por atender sob a condição de subcontratadas, as demandas de fábricas e fabricos, se especializando na realização de uma ou algumas tarefas do processo de produção”. Mais tarde, o mesmo autor acrescentará o termo “*Fábricas*” para designar os locais específicos à produção, diferenciando-se dos “*Fabricos*”, que em geral são lugares divididos entre a produção e a moradia de pessoas.

¹³ A depender do lugar e do período de vendas esse dias podem ser modificados. Um exemplo disso é a feira no domingo que ocorre nos períodos de junho e dezembro.

¹⁴ Espaços com uma área de 3m² (em média), cada um. Estes são comprados pelos comerciantes, que em seguida devem pagar um taxa de condomínio a administração do centro comercial.

Caruaru lidera o ranking das cidades-eixo sendo o 7º colocado no Estado. O mesmo município computou um acréscimo de 198% nesses nove anos; já Santa Cruz do Capibaribe registrou um aumento no PIB de 237,6%, cujo número ofereceu a ascensão do 23º ao 19º PIB do Estado; por seu turno, Toritama seguiu o mesmo ritmo de evolução (310,4%) passando de 60ª à 55ª posição entre os maiores PIB's do estado de pernambucano (*Ibidem*, p.5).

Apesar das nuances que o Polo possui em seu bojo no que diz respeito à precariedade do trabalho, tem sido uma importante via de fomento à industrialização e formas de sobrevivência do povo que ali vive, empregando cerca de 76 mil pessoas em todo o aglomerado¹⁵ (*Ibidem*).

Hoje, não se fala mais em produtos artesanais feitos com baixa qualidade – o que rendia às peças produzidas o termo *sulanca* -, mas um forte investimento por parte de diversos setores que têm feito com que a produção seja realizada em curto lapso de tempo, com eficiência e qualidade. Isso se deve, em parte, àquilo que Cabral (2007, p.106) chamou de “quarta fase” do processo de consolidação do Polo de Confecção, abordado anteriormente.

Atualmente, não se encontra mais um Polo semi-artesanal como antes, mas uma estrutura cujas dimensões são extremamente grandiosas e complexas, de tal forma que perpassa a relação unidade produtiva versus comercialização, ensejando relações cada vez mais imbricadas no que diz respeito às formas de atuação do capital contemporâneo. Eis, enfim, uma rápida explicação daquilo que é o atual Polo de Confecção:

Chamam atenção a contratação de estilistas profissionais e a participação em desfiles de modas, lançamento de coleções, feiras e exposições nacionais e internacionais. No tocante às vendas, destacam-se a utilização de computadores para controle de clientes e programação de vendas, o acesso a novos mercados com as rodadas de negócios, missões empresariais, inserção de logomarcas na mídia, cursos, seminários e a implantação de três grandes centros comerciais, como tentativas de substituição às feiras tradicionais (CABRAL, 2007, p. 99).

O mesmo autor, no trabalho supracitado, ressalta ainda a implantação de instituições de ensino que direcionaram suas ações à criação de cursos técnicos, voltados à produção local e, até mesmo, cursos superiores como design, administração, contabilidade, etc. todos eles corroborando na sistemática de consolidação do que o mesmo autor chama de “quarta fase do Polo”.

¹⁵ Esse dados são apenas uma estimativa, uma vez que o mesmo autor, no mesmo trabalho, afirma que não há dados precisos sobre o *Polo* que ainda está em expansão e, devido ao grande número de unidades informais não se pode precisar os números.

Segundo Véras de Oliveira, em 2011 o Polo movimentou algo em torno de 144 milhões de reais ao mês. Cifras como esta proporcionam boas posições aos três municípios-eixo do Polo no ranking das cidades com maior renda per capita no estado de Pernambuco.

Tabela 2 - Renda per capita anual em 2010

MUNICÍPIOS	RENDA PER CAPITA (ANO/ 2010 ¹⁶)
Recife	1.144,26
Fernando de Noronha	1.034, 14
Olinda	640,13
Petrolina	605,06
Jaboatão dos Guararapes	593,90
Caruaru	553, 90
Paulista	528,04
Santa Cruz do Capibaribe	507, 05
Garanhus	492,44
Camagaribe	473,78
Toritama	470,44

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2016). Tabela adaptada pelo pesquisador.

Essas mesmas cidades do Polo estão entre os melhores IDH-Renda do estado de Pernambuco, ocupando os seguintes patamares: Caruru em 6º lugar, Santa Cruz do Capibaribe 8º e Toritama em 11º (que apesar de ter descido no ranking dos últimos anos, registra perca irrisória comparada à 10ª posição). Esses municípios mantêm respectivamente números de 0,681, 0,667, 0,655 para este indicador (ATLAS, 2016)¹⁷. Esses municípios mesmo apresentando fraca diferenciação social¹⁸ em relação aos grandes centros concorrem com atividades de grandes investimentos públicos e privados no estado (como é o caso do porto de SUAPE, da fábrica da JEEP, do turismo e outras atividades econômicas).

As cidades que compõem o Polo tiveram em 2017 um significativo número de pessoas ocupadas na semana de referência que a pesquisa foi realizada pelo IBGE. Os municípios-eixo ocuparam as seguintes posições em nível estadual: Caruaru como o 4º município com

¹⁶ Preferiu-se colocar os dados anuais pelo fato de haver oscilações constantes na renda do *Polo*, uma vez que o período de altas nas vendas se concentra no final de ano, em junho e na época do carnaval. Assim, tomou-se como referência esse intervalo de tempo para oferecer maior fidelidade à pesquisa.

¹⁷ Isto não quer dizer que são municípios com alto IDH, pois ainda são considerados “médios”. O fato que pretende-se salientar é que diante de outros municípios do estado as cidades-eixo ocupam lugar de destaque no ranking.

¹⁸ Este é um termo utilizado por Wanderley ao discutir a noção de municípios rurais. O caso de Caruru é uma exceção quando comparado com os demais, pelo fato de conter uma população maior. Em 2010 o censo registrou aproximadamente 314.912 habitantes.

maior número de pessoas ocupadas (84.645), Santa Cruz do Capibaribe na 14ª posição (14.925) e Toritama na 29ª (6.987). Contudo, quando se observa o número de salários mínimos mensais formais que os habitantes destes municípios possuem em média, o ranking se altera substancialmente. Ainda de acordo com o Instituto, as posições ocupadas em 2017 no estado foram: Caruaru no 66º lugar (com uma média de 1,7 salários por pessoa ocupada); Santa Cruz do Capibaribe na 144ª posição (com 1,5 salários) e Toritama na 172ª (com 1,4 salários).

Pode-se supor, a priori, que há um contingente de pessoas trabalhando com baixos salários¹⁹. Fato corroborado pelo o alto índice de informalidade presente na confecção, haja vista que o trabalhador na maioria das vezes é integrante de uma unidade familiar e com salários ditados de diversas maneiras²⁰.

Outra dimensão deste fenômeno poderá ser o alto nível de concentração de renda. Como a abrangência dessa pesquisa não permite tais conclusões, por ora os dados devem, ainda que de modo genérico, oferecer um panorama geral da importância que a confecção contém para esta região. Uma atividade econômica pujante que possibilita diversificadas relações de trabalho neste território.

2.2 TRABALHO E INFORMALIDADE NO POLO DE CONFECÇÕES

Um aspecto amplamente discutido e constatado na literatura sobre o Polo de Confecções é a informalidade. Talvez este seja o elemento mais ponderado nas pesquisas que se debruçam sobre esta realidade, uma vez que traz consigo outros aspectos como a precariedade do trabalho e a subcontratação. Temas como este estão na ordem do dia, sobretudo naquilo que diz respeito à dinamização do trabalho em face das novas formas de atuação do capital.

A composição das unidades produtivas do Polo é majoritariamente familiar. Essas unidades – quer se configurem como *fábricas*, *fabricos* ou *facções* – são, de modo geral, constituídas por pessoas muito próximas que não obstante vão montando seu próprio negócio e, posteriormente, começam a “contratar” familiares para ingressar em sua unidade.

Esse aglomerado produtivo compõe-se em grande medida por trabalhadores informais tradicionais, isto é, trabalhadores que são inseridos nas atividades cuja prerrogativa é a baixa

¹⁹ Que poderia ser constatado por meio de uma pesquisa nas próprias unidades produtivas, mas como não há (até onde me consta) essa conclusão através das pesquisas realizadas no Polo, utilizo-me dos dados do IBGE para ter noção mínima da realidade, ainda que bastante genérica.

²⁰ Podendo ser “por produção”, “por quinquena”, “por semana” ou até mesmo “por mês”.

capitalização, objetivando obter uma renda para consumo, tanto individual quanto familiar (ANTUNES, 2015, p.247). Em geral, estes não se apresentam formalmente como costureiros e desenvolvem a atividade sem nenhum registro oficial/formal²¹.

O Polo por ser um aglomerado bastante diversificado possui ainda o subgrupo de trabalhos informais “menos instáveis” (*Ibidem*) que estão menos volúveis as oscilações das feiras. Contudo, há aqueles que trabalham, apenas em período de alta nas vendas, sujeitos a uma maior rotatividade. Mesmo assim, por se tratar de uma atividade cujos requisitos podem ser adquiridos através da experiência, a categoria dos “instáveis” não significa necessariamente o desemprego, mas a mudança recorrente de unidade produtiva.

Dessa forma, podemos verificar um primeiro elemento que auxilia no fomento da informalidade: a facilidade de ingresso no ramo. Pelo fato de ser um campo de trabalho onde não exige grande experiência no setor – de forma que as pessoas aprendem na própria unidade produtiva que são inseridas –, elas são introduzidas desde cedo no ramo da confecção.

Acrescido à facilidade de aprendizagem está a composição familiar que as unidades produtivas têm. Uma das características fundamentais da confecção é a estreita relação entre o patrão e o empregado, conforme constatado pelo SEBRAE (2013).

Quadro 2 - Número de Unidades Produtivas que há familiares trabalhando

NÚMERO DE UNIDADES PRODUTIVAS EM QUE HÁ FAMILIARES DO PROPRIETÁRIO TRABALHANDO		
<i>Empresas</i>	<i>Empreendimentos Complementares (Facções)²²</i>	<i>Total de Unidades Produtivas</i>
7.581(59,4%)	5.183(40,6%)	12.764

Fonte: (SEBRAE, 2013, p.62)

O SEBRAE constatou em sua pesquisa que das 18.803 unidades produtivas pesquisadas 12.764 utilizava mão de obra familiar, o que representa um percentual de 68%. Mais da metade das unidades contam com seus parentes para integrar seus empreendimentos. Quando pensadas no contexto de cidades de pequeno porte, onde há um maior inter-relacionamento das pessoas, esses números podem ser ampliados ao se considerar familiares

²¹ Grande parte dos trabalhadores da confecção se identificam como “agricultores”. O fato de muitos não trabalharem em unidades produtivas formais, não ter carteira assinada e os direitos subsequentes que envolvem esta atividade, faz com que eles declarem-se como agricultores, associem-se aos sindicatos de trabalhadores rurais para ter acesso a aposentadoria e os outros direitos ligados à agricultura.

²² O estudo do SEBRAE (2013) define “empreendimentos complementares” da seguinte forma: “é a unidade produtiva que desempenha tarefas que correspondem a etapas do processo produtivo de confecções, como costurar peças de uma calça e/ou produz partes ou componentes das confecções, como forros de bolsos de calças e outros”.

de um grau de parentesco mais distante ou até mesmo aquelas pessoas que são consideradas integrantes do rol familiar sem os laços consanguíneos²³.

Eis uma das maiores nuances que o Polo comporta em sua tessitura. Como são relações de produção marcadamente próximas, o trabalho dessas pessoas fica a cargo dos patrões que são seus próprios familiares. Elementos como carga-horária de trabalho, preço dos salários, posto profissional a ser ocupado, etc. são decididos pelo pai, pela mãe, tios, vizinhos, isto é, pessoas com estreita relação com o empregado. Nesse sentido, o trabalho informal se robustece ainda mais, dado que as pessoas que trabalham na confecção não querem, por exemplo, suas carteiras assinadas pela simples razão do pagamento de impostos serem feitos pelos próprios integrantes da renda familiar. Se assim for feito, prejudica-se toda a cadeia produtiva do empreendimento familiar.

Quando essa relação não é familiar e de parentesco, há uma dependência muito grande por parte do trabalhador em relação ao patrão. Como relata Milanês (2015) ao descrever a relação do empregador que empresta suas máquinas sem nenhum custo a ser cobrado nas facções, fica patente a “relação amigável” que se tem com o dono do empreendimento.

Se por um lado, o fato dos “patrões” disponibilizarem as máquinas no Agreste Pernambucano e permitir que as pessoas que não tem acesso a esse bem não fiquem fora do mercado de trabalho, por outro, essa circunstância gera uma relação de dependência muito forte, pois a partir do momento em que tal pessoa lhe fornece uma máquina para trabalhar, você só pode costurar para ela, caso contrário, muitos conflitos podem surgir (MILANÊS, 2015, p. 93)

Esse estado de dependência que permeia a relação patrão-empregado cria um ambiente de lealdade muito intenso. Comparativamente, seria uma espécie de dádiva – descrita por Mauss (2003) – onde o valor da retribuição àquele que lhe ofereceu um posto de trabalho constitui um valor simbólico.

No caso do Polo, quando se emprestam máquinas, contrata um trabalhador e emprega na sua confecção, o sentimento de gratidão por parte daquele que está sendo empregado não permite que haja constrangimentos com aquele que “lhe deu a mão”, o que por vezes inviabiliza situações como a denúncia para que haja fiscalização e/ou reivindicação de direitos trabalhistas.

Por outro lado, se não há uma relação próxima com o patrão e/ou independência no trabalho, surge outro elemento por parte das pessoas empregadas que é a aspiração pela

²³ Este debate será feito mais adiante quando da discussão do modo de vida rural que esses municípios possuem. Todavia, penso ser importante introduzir algumas caracterizações para que o leitor compreenda como se estrutura toda a dissertação e qual a finalidade de cada tópico.

aposentadoria rural e benefícios similares. Quando se trata de uma pessoa de mais idade trabalhando, esta, normalmente, não almeja a formalização de seu trabalho em vista da aposentadoria que lhes é mais próxima e conveniente.

Aspectos como estes têm produzido um conjunto de fatores cuja dinâmica tem produzido intensa informalidade²⁴. Vale ressaltar que o trabalho realizados nos próprios locais de morada constitui a ponta mais precária de toda a cadeia produtiva presente no Polo e, apesar dessa configuração acontecer de modo intenso, “as formas de subcontratação envolvendo o trabalho à domicílio não ocorrem da mesma forma no tempo e no espaço” (BEZERRA, 2011, p.102).

De toda forma, apesar de haver tais diferenças, via de regra, encontram-se inúmeras semelhanças no que se refere à composição das unidades produtivas e, por conseguinte a informalidade.

Para se ter dimensão da proporção da informalidade basta dizer que em 2013, nos dez municípios estudados pelo SEBRAE, constatou-se um quantitativo de 80% de unidades informais. Para verificar a magnitude dos dados nesse quesito, seguem os números da pesquisa.

²⁴ Conjunto este que vai muito mais além do que apenas estes fatores acima mencionados. O Polo de Confecção tem uma realidade complexa que perpassa qualquer forma de generalização e redução a simples fatores como estes. No entanto, a intenção de elencar essas características tem o objetivo de demonstrar como se compõe a “informalidade familiar” e como ela irá culminar na formação do campo da costura. As disposições duradouras que são transferidas nesses espaços serão fundamentais na compreensão da noção do *habitus* incutido no trabalhador, ocasionando a herança cultural e a reprodução social.

Tabela 5 - Estudo econômico do Arranjo Produtivo Local de Confeccões do Agreste

Municípios	Número de Unidades Produtivas ²⁵	Número de pessoas ocupadas	Unidades produtivas Informais	Unidades Produtivas Formais ²⁶	Percentual de Unidades Produtivas formais por município
Agrestina	299	1.402	261	38	13%
Brejo da Madre de Deus	1.396	7.508	1.173	223	16%
Caruaru	4.530	24.963	3.568	963	21%
Cupira	135	1.286	113	22	16%
Riacho das Almas	415	2.629	339	76	18%
Santa Cruz do Capibaribe	7.169	38.973	5.820	1.349	19%
Surubim	454	3.184	304	150	33%
Taquaritinga do Norte	1.185	6.072	1.057	128	11%
Toritama	2.818	17.750	2.174	644	23%
Vertentes	401	3.338	329	72	18%
TOTAL	18.803	107.177	15.138	3.666	

Fonte: (SEBRAE, 2013).

As principais características dessa informalidade não é apenas a ausência de CNPJ cujo indicador torna-se importante ferramenta à pesquisa. Nas unidades produtivas tem se verificado cada vez mais trabalhadores assalariados sem registro que não têm direitos sociais e trabalhistas garantidos (ALVES E TAVARES, 2006). Portanto, essa configuração perpassa a relação unidades produtiva-CNPJ e vai muito mais além, uma vez que a unidade produtiva poderá ter formalização e terceirizar sua produção ou até mesmo manter trabalhadores na informalidade²⁷.

²⁵ O conceito de Unidade produtiva adotado no presente trabalho é o mesmo colocado pelo SEBRAE (2013.p.25), qual seja, “todo e qualquer conjunto de uma ou mais pessoas, com administração independente, que se reúne regularmente para: (i) produzir confeccões, entendidas como peças de vestuário, na forma de produtos finais; (ii) desempenhar tarefas que correspondem a etapas do processo produtivo de confeccões, como cortar os tecidos ou costurar partes de uma camisa; (iii) produzir componentes das confeccões, como casas de botões ou bolsos de calças”.

²⁶ O critério adotado pelo SEBRAE para a pesquisa foi o número do CNPJ, isto é, aquelas unidades que não possuíam o número de pessoa jurídica foi considerado informal.

²⁷ O relato de Fábio, no primeiro retrato sociológico, menciona esse acontecimento. Uma fábrica de grande porte na região “fechava” em alguns momentos para que não fosse fiscalizada e pudesse manter alguns de seus empregados na informalidade.

No que diz respeito aos espaços de trabalho, as unidades produtivas de modo geral, são “quartinhos”, “puxadinhas”, garagens ou até mesmo cômodos feitos na própria casa designadas à produção. Isso explica, em certa medida, a carga horária exacerbada dos que trabalham na confecção, visto que já estão “em casa” e realizam seus afazeres pessoais simultâneas ao trabalho²⁸.

Como as unidades informais não estabelecem critérios de contratação baseados na legislação é comum ficar a cargo do empregador a forma de pagamento do trabalho realizado. Nesse caso, há duas formas de salários que são frequentemente acordadas: por tempo trabalhado (semana, quinzena ou mês, podendo haver hora extra) e por produção (quantidade de peças confeccionadas). Em ambas as formas, recaem sobre o trabalhador a capacidade de fazer seu próprio salário, isto é, quanto mais trabalho “melhor” será seu salário.

Os *serões*²⁹, por exemplo, são frequentes àqueles que ingressam na confecção sendo, inclusive, “vantagem” ao trabalhador intensificar sua jornada de trabalho, conforme depoimento colhido na pesquisa realizada no município de Coxixola/PB (NEVES, 2016, p.33).

“Eu tô assim por dia [trabalhando], por ‘peça’; cada peça tem o seu valor. Pronto, aí duas horas de ‘serão’, aí já ganha por fora...eu costuro, aí quando termino minhas peças eu vou pra arrumação, aí já ganha por fora também, no caso é uma hora extra (Lívia, 21 anos. 29 de Março de 2016)

Faço hora extra, trabalho em feriado, num tem isso não; só quando é um dia ‘santo’ mesmo, que a gente num trabalha, mas trabalho da terça ao sábado e raramente nos domingo [sic]. Trabalho [...] fazendo hora extra - que a gente conhece aqui por ‘serão’ - na quinta e na sexta. Sempre, geralmente, é das sete às nove e meia, dez... no máximo até dez, nunca passa mais do que dez não. (Pedro, 23 anos. 16 de Abril de 2016).”

O *serão* e as atividades extras em dias feriados e finais de semana são frequentes nas unidades produtivas do município de Coxixola e em certa medida essa realidade pouco se altera no Polo de Confecção em geral. No relato de Pedro o trabalho só é dispensado quando é dia “santo”, pois o “patrão” entrega uma quantidade determinada para a produção e como a produção é que eleva o salário do trabalhador, este se submete as diferentes formas de jornada de trabalho para suprir a demanda que lhe foi designada.

No que se refere à organização do trabalho, esta se dá de várias formas. Normalmente, os que ingressam no ramo – muitas vezes ainda crianças - são introduzidas no posto de “ponta de linha” ou “arrumação”, um trabalho semi-artesanal cujo objetivo é dar o

²⁸ Daí se explica a diferenciação de nomenclatura própria do *Polo* acerca de *Fabrico*, *Façções* e *Fábricas* já discutidos na seção anterior.

²⁹ Podendo ocorrer na sua própria casa e/ou no deslocamento para uma unidade de trabalho, por meio de “horários corridos” ou em outras formas e momentos distintos. Não há uma homogeneidade na configuração dessa forma de trabalho. Portanto, este termo refere-se tão somente às “horas extras” trabalhadas.

acabamento final, embalagem e organização dos produtos em “molhos”³⁰ para facilitar a venda em atacado. Já os costureiros ocupam diversos postos, migrando de uma máquina à outra, mas no geral, ficando responsável por uma fase específica do produto.

Outros postos de trabalho são os “cortadores de tecido” e “infestadores”³¹, responsáveis pelo corte das peças em moldes, confeccionados na maioria das vezes pelos próprios fabricantes, cujo modelo é comprado e, posteriormente, retirado para a produção³². Por fim, o produto final vai à venda nos boxes ou lojas dos centros comerciais. A última fase desse processo compreende a venda nas feiras que comumente são realizadas pelos próprios integrantes da família. Neste caso, quando isso acontece, as pessoas vendem seus produtos nas feiras, geralmente realizados nos dias de domingo, segunda e terça – dependendo da cidade a ser destinada tal produção.

De modo geral é assim que se configuram as unidades produtivas. Nessas unidades não há uma padronização e organização do trabalho no sentido estrito que o termo comporta.

Quando se tem informalidade desse porte é razoável que os processos produtivos fiquem a cargo daquele que é o dono do empreendimento. Tal constatação se alinha àquilo que Pereira Neto (2013, p,170) já chamava a atenção, que é o fato da informalidade engendrar “um tipo específico de organização do trabalho, bem menos complexa que aquela levada a cabo pelas grandes empresas, abrangendo basicamente dois níveis: o comando e a execução do trabalho”.

Nas palavras de Cacciamali (1982) também é feita a mesma discussão acerca dos processos que envolvem essa organização dos postos e funções exercidos no trabalho informal.

A divisão do trabalho, neste caso, é ainda pouco complexa, podendo o trabalhador, neste tipo de firma, executar uma multiplicidade de conjuntos de tarefas, que corresponderiam a postos de trabalho específicos e diferenciáveis caso a escala de trabalho fosse maior. O patrão é responsável pela gestão da empresa, ajudado, de forma temporária ou permanente (...) por assistentes especializados em certos conjuntos de tarefas que, no entanto, não tem poder de decisão sobre o processo produtivo (CACCIAMALI, 1982, p.48-49).

³⁰ Os “molhos” são pacotes de peças já embaladas, em quantidades de 5, 10 e 15 produtos. Esses, podem ser todos de um mesmo produto (modelo, cor, tamanho, referência, preço, etc.) ou de produtos sortidos (geralmente as cores). Este último tem a finalidade de oferecer ao comprador produtos diversificados, principalmente àqueles que compram para “revender”.

³¹ A “infestação” consiste na arrumação do tecido numa mesa larga em várias voltas. Depois que é espalhado todo o tecido, são riscados os moldes e, finalmente, é cortado. Este processo faz com que todas as peças saiam de uma mesma forma com maior rapidez e precisão.

³² Essa peça “matriz” que origina as demais é chamada comumente de “peça piloto”.

Em resumo, todos esses fatores agregam-se na composição deste complexo de relações que é a informalidade. Em última análise as pessoas não querem ou pretendem tornar seus estabelecimentos formais para não se verem obrigados a oferecer dias feriados, direitos trabalhistas, férias, fundo de garantia, etc. que implica diretamente na produção e rentabilidade do patrão. Ao mesmo tempo, os trabalhadores por serem pessoas muito próximas ao empregador tendem a não denunciar esses empreendimentos aos órgãos de fiscalização, haja vista que eles mesmos serão “prejudicados”.

De modo inverso, quando as pessoas empregadas não têm parentesco com o patrão, há o fato de haver uma mão de obra abundante. Assim, ficam vulneráveis às formas de emprego que lhe são oferecidas, pois o empregado cria um estado de dependência em relação ao trabalho que exerce, robustecendo o ciclo de informalidade.

Outro agente que merece destaque no debate da informalidade é o Estado. Por ser um agente passivo na construção de todo esse aglomerado, o aparato estatal não se imiscui nessa seara, deixando para que os atores do *Polo* “resolvam”, por assim dizer, essas questões.

Diante da rentabilidade gerada pelo aglomerado e com a enorme proporção de emprego, seria inviável ao Poder Público frear a produção, que se traduz, em última instância, no voto. Diante do cálculo racional que é feito a partir da relação custo-benefício, firma-se aquilo que Tandler (2003) denominou de “*Pacto Faustiano*”.

O não pagamento de taxas e impostos nesta região não é nenhum segredo, aliás, vem sendo atribuído como um fator importante de competitividade, ou seja, uma das explicações para venda de mercadorias mais baratas, historicamente, (...) umas das alavancas do crescimento do *Polo*. Aí residiria na visão de Tandler (2003), um pacto *faustiano*, um tipo de acordo tácito estabelecido por fidelidade de voto entre os pequenos empresários informais das confecções e poder público, municipal e estadual. O referido pacto consistiria, de um lado, na inexistência de programas de desenvolvimento capitaneado pelo Estado que investisse localmente em infraestrutura, por exemplo, situação legitimada, por outro lado, pelos próprios empresários das confecções em troca do incentivo indireto, demarcado pela não fiscalização do recolhimento de impostos e da observância das leis trabalhistas. (PEREIRA NETO, 2013, p.231)

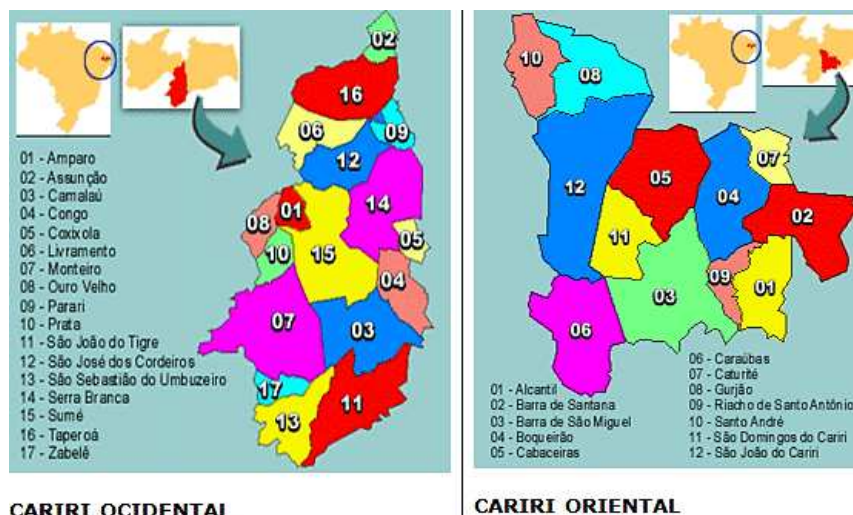
Todo o conjunto de fatores até aqui discutidos origina e potencializa a informalidade como elemento “característico” do Polo de Confecção. A discussão sobre esta composição da informalidade elucida como se compõe essa estrutura de códigos ético-morais, capitais e disposições que estão na ordem do dia dos que estão inseridos no ramo. Essas formulações incidem diretamente naquilo que os jovens têm acerca das percepções em sua trajetória e daquilo que disporão a seu favor para permanecer, mover-se ou sair do campo da confecção.

2.3 O POLO DE CONFECÇÃO NA PARAÍBA – MUNICÍPIOS PESQUISADOS

O Cariri Paraibano é uma região inserida no bioma da caatinga, zona semiárida nordestina, situado na mesorregião da Borborema. Marcada pela aridez, onde os índices pluviométricos são relativamente baixos, faz dessa característica uma das principais referências da localidade. Possuindo uma composição de 29 municípios, suas cidades registram baixo número de habitantes, o que lhe rende a caracterização de um território rural.

Dividido entre Cariri Ocidental e Oriental, sua região faz fronteira com o estado de Pernambuco, de modo que muitos de seus municípios recebem a influência cultural e econômica, como no caso de Coxixola e outros municípios do entorno. Para que o leitor possa ter uma dimensão deste território considero válido apresentá-lo por meio de imagens, por considerar mais dinâmico e com a visão mais global de onde se situa tal microrregião.

Mapa 2 - Microrregião do Cariri Paraibano



Fonte: Milkpoint.com.br. Acesso em 02/07/2019.

A história de sua ocupação se resume na inviabilidade da criação de gado no litoral Paraibano, cuja economia pujante se dava através da atividade canavieira. Como não dava para se criar gado dentro das plantações de cana-de-açúcar, a migração para as regiões do interior paraibano ocorreu na intenção de criar esse tipo de animal, uma vez que havia muitas terras nessas localidades até então “desocupadas”³³.

³³ De acordo com Moreira (2011, p. 7) “a penetração do gado para o interior seguiu duas vias: a primeira de sentido leste-oeste seguiu o curso do rio Paraíba e a segunda procedente da Bahia adentrou o território de Pernambuco e na sequência o da Paraíba. [...] Da mesma forma do verificado na região litorânea, a penetração do processo de colonização em direção ao interior foi também acompanhada pelo rastro do sangue nativo. A reação do indígena sertanejo à sua transformação em cativo e pela defesa de suas terras deu

A pecuária passa a predominar na região caririzeira de forma que irá se estabelecer como principal atividade econômica por muito tempo. Numa alternância entre a agricultura e a pecuária, muitos daqueles que antes de encontrarem na confecção uma oportunidade de trabalho, dependiam do lucro das colheitas e da criação de animais³⁴.

Uma atividade que merece destaque por fazer parte da economia da região durante décadas foi a produção do algodão em fins do século XVII. Com essa configuração de pecuária somada à agricultura, rendeu à região uma formação fundiária concentrada na figura do “fazendeiro” que perdurou por décadas (FAVARETO, 2011, p.7). Entretanto, com a crise do ciclo do algodão, agravada pela desvalorização do produto, com a praga do bicudo e as secas constantes, a economia local começou a enfrentar dificuldades, de modo que ocasionou intenso fluxo migratório para a Região Centro-Sul do país.

Essas crises ligadas à agricultura e à pecuária por se tornarem recorrentes inviabilizaram formas de sobrevivência entre os que dependiam exclusivamente destas atividades econômicas. Sair de seus lugares de origem foi a alternativa que aos poucos restou àqueles que não conseguiam viver da plantação e da criação de animais. Esse processo se intensificou ainda mais na década de oitenta e o êxodo rural no semiárido ocorreu em uma maior intensidade nesse período (MOREIRA, 2011).

É neste contexto de semiárido nordestino que está o Cariri e o município de Coxixola. Com uma extensão territorial de 169,878 km² e caracterizado pela baixa população, cujo patamar ficou na casa de 1.907 habitantes em 2018 de acordo com o IBGE (2019), é um dos municípios menos populosos da Paraíba. Seu IDH é de 0,641 e ocupa o 13º lugar no ranking do Estado para este indicador (*Ibidem*), o que lhe rende o título de “Pequena Notável”.

Já o município de Santa Cecília-PB está inserido na microrregião de Umbuzeiro, que por sua vez abriga cinco cidades no total³⁵. Sua população registrou 6.554 habitantes no ano de 2018. Assim como parte do Cariri, possui uma área de fronteira com Pernambuco,

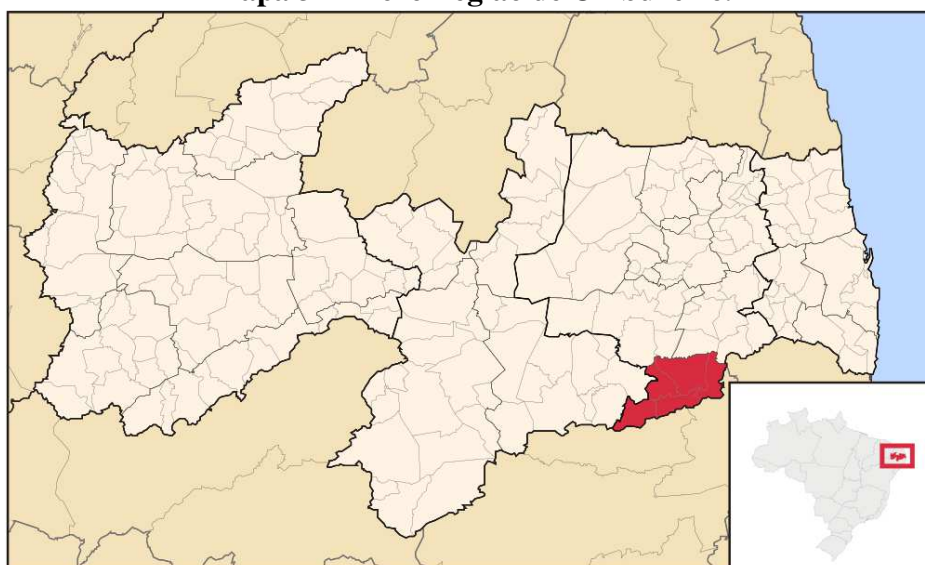
origem à Confederação dos Cariris. [...] O saldo foi o extermínio desta população ou sua fuga do nosso território para terras que hoje compreendem o Estado do Rio Grande do Norte”.

³⁴ No que se refere a estas atividades econômicas sempre constou o papel das fazendas para que as pessoas pudessem trabalhar e conseguir seu sustento. Esta constatação pode ser colocada nos termos de Favareto e Abramoway (2011, p. 7): “Até a década de setenta no século XX, as áreas rurais do Semi-árido, Cariri incluído, tinham sua atividade econômica praticamente reduzida à convivência conflituosa entre as grandes fazendas de gado e minifúndios. Com o objetivo de formar os pastos e garantir a manutenção da fazenda, as primeiras contratavam moradores e minifundistas para plantarem fibras e alimentos. Elas representavam praticamente a única fonte de emprego, de geração de alimentos e de renda monetária para pequenos proprietários e trabalhadores sem-terra.”

³⁵ A região a qual Santa Cecília pertence não possui homogeneidade de informações. Segundo alguns relatos de moradores, faz parte do Cariri Oriental da Paraíba; para outros, faz parte do “Agreste”, numa alusão a região pernambucana, uma vez que a cidade vizinha Vertente do Lério fica a 6 Km de distância; o critério levado em consideração nesse trabalho será a classificação feita pelo IBGE.

sobretudo com a cidade Surubim (por ser a mais próxima), e não obstante tem grandes influências em sua formação territorial, cultural e econômica.

Mapa 3 - Microrregião de Umbuzeiro.



Fonte: Wikipédia.org. Acesso em 03/07/2019.

A região de Umbuzeiro ficou marcada pela rota dos tropeiros que passavam por ali (sobretudo vindo de Campina Grande) para levar a produção de algodão a Recife³⁶. Nas idas e vindas, o descanso obrigatório às margens do Rio Paraíba criava um ambiente favorável para a formação de novos vilarejos e posteriormente de novas cidades.

O povoamento das cidades da região – mais especificamente de Santa Cecília – tem como marco a capacidade que o Rio Paraíba oferecia por ser um lugar produtivo mediante as terras e a água numa região caracterizada pela seca (IBGE, 2019).

Tanto a microrregião do Cariri Ocidental, quanto a de Umbuzeiro apresentam baixos índices pluviométricos. Para o Cariri Ocidental, a média anual em um ano considerado “normal” é de 308 mm e apenas 78 mm em períodos de seca³⁷. Já a microrregião de Umbuzeiro 808 mm em ano normal de chuvas e 433 mm em ano de pouca precipitação³⁸ (FIEP/SEBRAE, 2010).

O que é importante salientar é a semelhança entre os municípios pesquisados, no que se refere aos aspectos climáticos que influenciam diretamente nas atividades econômicas da região. Conforme discutiu Araújo (2012,p.3), mediante a inviabilidade da agricultura e

³⁶ O que abre margem a uma eventual constatação do ambiente fértil que se tornou essa região para a atividade na costura, para além dos critérios geográficos.

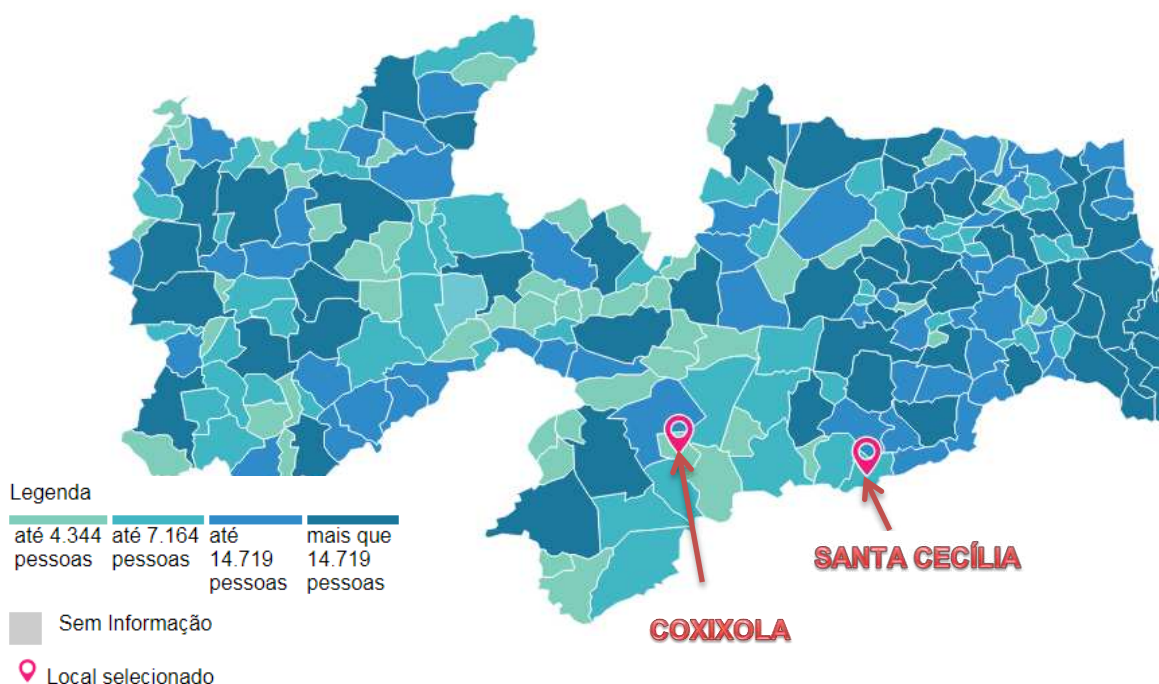
³⁷ Esse índice pode variar de município para município haja vista a extensão do território que é de 4.159 Km².

³⁸ Neste caso, a microrregião de Umbuzeiro possui 1.294 km², o que rende uma maior capacidade de generalização dos dados para todos os municípios que a compõem, pelo fato de ser menor.

pecuária, nesses locais, surgem “novas formas de convivência” com a seca e, nesse sentido, há uma tendência de migração para a atividade emergente: a confecção.

Pelo fato de serem áreas geograficamente próximas às cidades-eixo do Polo (Caruru, Toritama e, sobretudo SCC), os municípios do entorno aliaram essa característica a possibilidade de novas formas de trabalho na região sem precisar migrar para grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro ou São Paulo, como era recorrente. Diante desse contexto, esses locais têm sido ambientes férteis para a expansão da confecção que se pulveriza nesses municípios de pequeno porte.

Mapa 4 - Municípios da Paraíba por população.



Fonte: (IBGE, 2018).

Outro fator que tem orientado essa expansão, conforme observou Bezerra (2013), é a migração das unidades – diga-se de passagem, de maior porte – que têm fugido da fiscalização nos centros urbanos e se aloca nos interiores onde esse tipo de regulação é menos frequente.

O *Polo* do Agreste vem se configurando como uma realidade em expansão. (...) a produção do *Polo* necessita cada vez mais da incorporação de força de trabalho com as mais variadas formas de vínculos: flexíveis, informais, subcontratados. E esta incorporação não se dá apenas localmente, nem nos municípios no entorno do *Polo*, atinge também cidades e estados vizinhos. Uma das direções para onde o *Polo* historicamente vem se expandindo é o estado da Paraíba, mais precisamente para a região conhecida como Cariri Paraibano. (BEZERRA, 2011, p.63)

O contexto do Polo ainda é uma realidade em expansão cujos nichos não se pode enumerar com precisão, o que impossibilita, por exemplo, datar com exatidão quando a atividade da confecção “chega” a essas cidades³⁹. O que é válido salientar é a proporção que este aglomerado tem alcançado nas regiões fronteiriças e como isso tem afetado as realidades locais.

Nesse rol de influências, o jovem e seu processo formativo também são reformulados. É na capacidade produtiva da confecção que os jovens vislumbram a possibilidade de mudança de vida. É através dela que eles terão acesso aos “bens da civilização”⁴⁰ e se (re) afirmar perante outros jovens e construir sua identidade social, sem precisar sair de seu lócus de origem e de seu gueto (CASTRO; CARNEIRO, 2007, p.267).

Podemos constatar o envolvimento dos jovens na fabricação da sulanca. Eles identificam a costura como importante fonte de renda para a região, bem como alternativa de permanência, já que segundo eles, muitos jovens não se identificam mais com a agricultura, além das condições de sobreviver deste meio tornar-se cada dia mais difícil devido o prolongamento da seca dos últimos anos (FARIAS, 2016).

As dificuldades de se manter na agricultura e o anseio dos jovens em relação à confecção também foram relatados em outros trabalhos (NEVES, 2016) e ilustram essa capacidade criativa que a confecção possibilita.

Na infância eu trabalhava com agricultura e caprinocultura também. A caprinocultura aqui é bastante forte no nosso sítio e a agricultura antes trabalhava, mais hoje em dia num tá dando só pra viver de agricultura, né?! Aí a costura por ser um método mais fácil, melhor de... mais viável pra gente não precisar tá se esforçando tanto pra gente trabalhar, aí optei por tá na costura hoje. (Pedro, 23 anos. 16 de Abril de 2016)

A necessidade, a ‘precisão’, assim... e a oportunidade apareceu; eu trabalhava aqui com a agricultura, pecuária, criação de animais essas coisas assim. A agricultura aqui todo mundo sabe que é muito difícil, né?! Falta de chuva, as oportunidades são muito poucas e eu achei na costura uma forma mais rentável de prosseguir, assim... vamos dizer, mais oportunidade de uma profissão, você tá aprendendo ali. (Joel, 25 anos. 05 de Maio de 2016) (NEVES, 2016).

Destarte, pode-se verificar que além do declínio da agricultura por conta das secas recorrentes, a confecção aparece como um ramo de trabalho “menos pesado”, onde as pessoas têm a oportunidade de exercer um trabalho menos exaustivo, se comparado à agricultura e

³⁹ Sobretudo pelos altos índices de informalidade, já discutido anteriormente. Assim como no Agreste das Confecções essas regiões repetem a mesma configuração e mantêm a mesma estrutura produtiva de modo que precisar dados torna-se sempre um desafio.

⁴⁰ Este termo utilizado pelas autoras possui certo grau de imprecisão por não tratar de que “civilização” está se referindo. No entanto, para ser fiel à citação manteve-se literalmente a expressão, fazendo as devidas observações. Assim, considere-se bens da civilização aqueles adquiridos pelos jovens como celulares, motos, carros, roupas, etc.

pecuária. Aliás, “oportunidade” é a palavra que impera nos depoimentos dos jovens. Para eles, muito mais que um trabalho informal e precário a confecção é uma chance de ter aquilo que se “necessita para viver”. Em uma das entrevistas apresentada em Neves (2016), quando um jovem foi indagado sobre o motivo de sua saída da agricultura para a costura, ele realçou esse processo tais dimensões.

É que atualmente... pegou uma série de fatores, né?! Anos de seca, bastante anos de seca [sic]... e é uma coisa que é imprevisível, você pode plantar mas não pode colher. Também na caprinocultura, também, a gente arrisca muito; é uma coisa muito pesado [...] tem que tá indo pra cima de serra, atrás de bicho, tirar ração e costurando é coisa só ali, mais dedicada, mais ali dentro de um salão, uma coisa na sombra. (Pedro, 23 anos. 16 de Abril de 2016)

Assim posto, fica evidente que a expansão do Polo para as regiões do entorno altera significativamente as relações sociais locais. A atividade econômica transmutada, a inserção no mundo do trabalho, as experiências proporcionadas, as expectativas dos jovens e as suas percepções acerca da confecção são elementos que devem ser ponderados e analisados acuradamente. Em que medida a confecção é uma “oportunidade” para esse segmento da sociedade será o desafio a ser perscrutado.

3 A REPRODUÇÃO - O *MODUS VIVENDI* E A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* CONFECCIONISTA⁴¹

A atividade da confecção sempre foi marca das cidades do interior no Agreste Pernambucano. O Polo se consolidou como um território produtivo que não se concretizou em grandes centros urbanos. Do contrário, encontrou solo fértil no interior do estado a partir das cidades-eixo de Santa Cruz do Capibaribe (SCC), Caruaru e Toritama, expandindo-se em seguida para outros lugares (conforme discutido até aqui).

Esses municípios tinham como principal atividade econômica a agricultura e a criação de animais (caprino, ovino e bovino) que inviabilizou-se mediante longos períodos de seca e demandou novas formas de convivência com o semiárido (ARAÚJO, 2016). Assim, ao identificar a mudança na atividade econômica é preciso indagar em que medida as relações sociais se alteraram e/ou mantiveram-se. Como se (re)configura o modo de vida dessas pessoas, uma vez que a socialização foi realizada sob moldes culturais arraigados no tempo e no espaço que elas viveram (vivem)? Um indicador que pode auxiliar neste debate é se perguntar o que ainda “há de rural” nestes espaços sociais e como eles foram adaptados na confecção.

Partindo do pressuposto que a atividade econômica é insuficiente para qualificar o *modus vivendi* rural, adotam-se aqui alguns parâmetros para se elucidar e discutir tais elementos que fundam as novas ruralidades no bojo da pluriatividade sem, no entanto, perder de vista o caráter identitário das pessoas que vivem nesses espaços.

Nas sociedades modernas, o desenvolvimento dos espaços rurais dependerá, não apenas do dinamismo do setor agrícola, porém, cada vez mais da sua capacidade de atrair outras atividades econômicas e outros interesses sociais e de realizar uma profunda ‘ressignificação’ de suas próprias funções sociais (WANDERLEY, 2009, p.212).

Adotando essa perspectiva de análise constata-se que muitos municípios que têm a confecção como atividade econômica pujante tornaram seus espaços ressignificados através da confecção (pluriatividade) calcado sob alicerces rural. Esse alicerce que baliza as relações sociais juvenis reconfigura as percepções daqueles que estão nesses contextos sociais.

Segundo Mendras (1984.p.214) *apud* Wanderley (2009) “a nova vitalidade social (que) brota de todos os lados em cada um dos municípios, mesmo os menores, é [...] capaz de

⁴¹ No sentido amplo do termo, qual seja, aqueles que estão no campo confecção (trabalhadores, donos de fabricos ou facções, atravessadores, etc.).

atrair a juventude, ao oferecer espaços e ocasiões de lazer e, sobretudo, alternativas profissionais locais”.

Nesse sentido, ao observar o trabalho como categoria analítica para se pensar o Polo, enquanto território econômico-social, pode-se verificar que há novas oportunidades de permanência no campo – quando se considera o alto número de migração que havia nesses lugares⁴². Diante disso, o espaço rural se (re)vitalizou a partir da confecção na medida em que ela possibilitou aos moradores do campo a permanência em seu local de origem.

Ainda que a agricultura se torne uma atividade paralela, a confecção emerge como alternativa às instabilidades climáticas que a região está inserida (como discutido anteriormente). A pluriatividade se caracteriza como “uma estratégia dos próprios agricultores, que visa integrar atividades não agrícolas ao seu núcleo vital e social que é o estabelecimento familiar” (WANDERLEY, 2009, p.238).

Se as unidades domésticas caracterizam a composição do mundo rural é na *facção* e no *fabrico* que esse processo se ressignifica. O roçado que mantinha as definições claras “do que fazer” e “como fazer” (desde a divisão do trabalho até aquilo que se fazia com os lucros da produção) passam a ser demarcados nitidamente no âmbito da confecção. É parte integrante da família não apenas o processo de produção dentro da confecção, mas as relações nela mantidas constituindo o “núcleo vital e social”, supramencionado.

Uma vez constatada a presença familiar como âmago da vida na confecção, podemos trilhar a discussão feita por Wanderley no que se refere à forma de se considerar uma comunidade ou “município rural”⁴³ e a partir daí correlacionar e perceber em que medida as cidades do Polo têm evidenciado esse modo de vida *sui generis*.

Em certos casos, o meio rural se caracteriza pelo habitat concentrado em um núcleo, que aglutina não somente as residências dos habitantes do campo, mas também as instituições públicas e privadas ligadas à vida local (Igreja, postos bancários e de cooperativas, escolas, postos de saúde, etc.) (WANDERLEY, 2009, p. 206).

Ao prosseguir com a discussão acerca dos indicadores que caracterizam o campo, Wanderley evoca os seguintes autores:

⁴² Do ponto de vista geracional a juventude atual se torna um indicador importante da capacidade que a confecção tem de manter as pessoas no campo, uma vez que aqueles que necessitavam migrar para outras cidades e outros setores da economia – como no caso da construção civil - se tornaram menos frequentes. Assim, “nativos” trabalhadores da confecção possibilitam uma análise do modo de vida rural no Polo mais acurada e segura, pois foram socializados sob o *modus vivendi* da confecção - já consolidada-, diferentemente daqueles que viveram os processos do trabalho na agricultura, sua paulatina substituição e ascensão da confecção.

⁴³ Esta definição feita pela autora se encontra baseada no critério da baixa capacidade de urbanização da grande maioria dos municípios brasileiros.

Se considere como espaço de uma comunidade rural aquele que corresponde à área onde se realiza o essencial de suas trocas e que ‘abarca os espaços onde os rurais fazem suas compras e resolvem suas questões; consiste do centro e de um interior que lhe é tributário’” (NELSON, 1954, p.59. *apud* WANDERLEY 2009, p.207); Para Henri Mendras, [...] as sociedades rurais (camponesas) tradicionais apresentam cinco características: uma relativa autonomia face à sociedade global; a importância estrutural dos grupos domésticos; um sistema econômico de autarquia relativa; uma sociedade de interconhecimento; a presença de mediadores entre a sociedade local e a sociedade global (WANDERLEY, 2009, p.6).

Sorokin (1986, p.204-208) na intenção de caracterizar as novas ruralidades aponta ainda outros fatores que podem conduzir nossa hipótese. Dois deles nos chamam a atenção para pensar a realidade do Polo.

a) *a homogeneidade das relações*; a população das comunidades rurais tende a ser mais homogênea em suas características psico-sociais do que a população das comunidades urbanas. Por homogeneidade é entendido, em primeiro lugar, similaridade de características psico-sociais adquiridas, tais como a linguagem, crenças, opiniões, tradições, padrões de comportamento, etc.; [...] b) *mobilidade interocupacional comparativa*; quanto mais alta for a percentagem dos filhos “herdando” a ocupação dos pais, menor será a taxa de mobilidade ocupacional através das gerações.

Ademais, Wanderley chama a atenção em seu debate acerca das novas ruralidades a partir de um modo de vida singular cujas características estão num plano mais abrangente e nas apropriações desse *modus vivendi* sem, no entanto, perder características essenciais da vida rural, mesmo quando se exerce outra atividade que não a agricultura.

O personagem principal deste mundo rural é o camponês, cuja atividade e modo de vida constituem o núcleo central da sociedade assim constituída. Outros atores sociais, como os artesãos e toda gama de ‘mediadores’ convivem com os camponeses, assegurando, através de uma certa divisão social do trabalho, a reprodução da autonomia relativa da coletividade local. Uns e outros têm como referência identitária a própria comunidade rural (WANDERLEY, 2009, p.207).

Diante do exposto, pode-se verificar que, no que se refere a identidade coletiva, a homogeneidade das relações e a mobilidade interocupacional comparativa (aludidas anteriormente) o Polo compreende tais dimensões e insere-se numa realidade em que os municípios analisados podem ser enquadrados na categoria do mundo rural.

A *homogeneidade das relações* se dá quando grande parte dos habitantes locais tem relação de parentesco, de trabalho e de vizinhança muito estreitas. Um exemplo interessante para salientar são as padronizações das confecções, que apesar da divisão de máquinas e incumbências de certas tarefas, mantêm, via de regra, a uniformização daquilo que se

produz⁴⁴, ocasionando a ajuda múltipla de algumas unidades produtivas para com outras; cite-se ainda a interdependência das *façções* com o dono da produção, as lojas de revenda daquilo que se é produzido, lojas de tecidos, aviamentos, entre outros exemplos. São relações que mesmo contendo graus distintos de diferenciação do trabalho mantêm semelhanças e consagram forte nível de homogeneidade.

No que se refere à *mobilidade interocupacional comparativa*, que mantém a herança profissional dos pais, é notória a manutenção cíclica daqueles que estão inseridos na confecção, de modo que os jovens são inseridos desde cedo na confecção e têm como objetivo permanecer na confecção ou montar seu próprio negócio (em ambas as situações ligadas ao Polo⁴⁵);

A *construção identitária* se estabelece quando a família se caracteriza elemento vital na confecção. Somado ao trabalho, que está na ordem do dia àqueles que vivem nessas localidades, engendram-se níveis morais arraigados nos valores apreendidos na família⁴⁶ e solidificados na “vida tradicional” que se leva nas cidades rurais do Polo. Viver ociosamente sem trabalhar provoca a aplicação das sanções morais que a sociedade impõe, e quando esse processo ocorre em cidades cujo modo de vida tradicional é característico, toda a prole submete-se a estas sanções. Há uma identidade coletiva que preconiza o valor do trabalho como passo necessário à integração do grupo social e quando não feito se é punido de diversas maneiras. A este respeito Bourdieu discute:

Trabalhar, mesmo que por uma renda ínfima, é, perante si mesmo e perante o grupo, fazer tudo que é possível para ganhar a vida trabalhando, para subtrair-se à condição de desempregado. Ao se estar na impossibilidade e encontrar um trabalho verdadeiro, tenta-se preencher o abismo entre as aspirações irrealizáveis e as possibilidades efetivas desempenhando um trabalho cuja função é duplamente simbólica pelo fato que ele traz uma satisfação fictícia àquele que a realiza, ao mesmo tempo que lhe proporciona uma justificação perante os outros, aqueles que a pessoa tem a cargo e aqueles a quem essa pessoa recorreu para subsistir (BOURDIEU, 1979, p.65).

Trabalhar na confecção, ainda que seja por um baixo salário, é reforçar os laços sociais da vida tradicional que se é levado nos contextos rurais do Polo. Estar ocupado significa dizer que é uma “pessoa esforçada” para conseguir aquilo que se pretende e com isso, adquirir a noção de pertencimento ao grupo social. Bourdieu prossegue a discussão:

⁴⁴ São dignas de notas as caracterizações feitas às cidades do *Polo* para propagar a capacidade produtiva daquela região. A título de exemplo, temos a cidade de Santa Cruz do Capibaribe como a capital da moda (leia-se “modinha” no entender da costura), Toritama a “capital do jeans”, Jataúba a “terra da moda íntima”, entre outras formas de marketing que são empreendidas.

⁴⁵ Para maior aprofundamento do tema, conferir Neves (2016); Sá (2015).

⁴⁶ A ideia que se segue da formação moral dos pobres acerca do trabalho tem seu fundamento da constatação de Sarti (2011).

Apesar da identidade aparente, a atividade tradicional conforme as expectativas do grupo diferencia-se do trabalho enquanto atividade produtiva do mesmo modo que a simples ocupação. Uma sociedade que, como a sociedade camponesa, atribui-se o dever de dar trabalho a todos os seus membros, que, ignorando a noção de trabalho produtivo ou lucrativo e, ao mesmo tempo, a raridade do trabalho, exclui a consciência do desemprego, pode estimar a possibilidade de que sempre há algo a fazer para quem quer fazer alguma coisa e tratar o trabalho como um dever social, a ociosidade como falta moral. Identificando-se a atividade à função social e não se medindo ao produto em espécie (e menos ainda em dinheiro) do esforço e do tempo despendidos, cada qual está no direito de sentir-se e de dizer-se ocupado, conquanto preencha o papel que convém à sua idade e a seu código (BOURDIEU, 1979, p.65).

Quando esse trabalho acontece de modo precário, sobretudo no que se refere aos salários, os níveis de capitais tendem a ser diminutos e com isso o modo de vida rural se torna uma estrutura social ainda mais profícua. Por ora, o importante é salientar o elevado nível de vida tradicional que esses contextos contêm e esmiuçar esse modo de vida *sui generis*.

Outro aspecto que elucida esse *modus vivendi* é o fato do local de morada e local de trabalho constituírem-se o mesmo, potencializando a vizinhança e as relações de parentesco, reforçando, por sua vez, os laços sociais que produzem os modos de vida rural.

Um questionamento assaz relevante é se perguntar se a crescente globalização e a integração desses espaços num âmbito cada vez mais generalizado pode ocasionar a mudança nesse modo de vida e, por conseguinte, como tem afetado essas relações sociais. Dito de outra maneira, o acesso aos diversos meios de comunicação, carro, moto, máquinas de costura, etc. não teriam viabilizado uma nova forma de vida urbana aos “confeccionistas do campo”?

A este assunto, me valho das palavras de Carneiro e Guaraná (2007, p.267) ao afirmar que o acesso aos “bens da civilização” não determinam a “urbanização” dos confeccionistas, uma vez que os “hábitos e valores de cariz urbano tendem a ser interpretados e assimilados à luz da cultura local e dos modos de vida tradicionais preexistentes”.

Ainda que em contextos sociais mais “cidadinos⁴⁷” aqueles que saem de seu lócus de aprendizagem levam consigo sua *hexis* corporal e a gramática social apreendidas (BOURDIEU, 2006), cuja visão de mundo não está desvencilhada, mas ressignificada ou até mesmo adaptada aos novos espaços sociais.

Para elucidar ainda mais o debate, podemos verificar outro exemplo desse *modus vivendi* que é a reorganização na noção de tempo a partir das demarcações feitas anualmente pelos confeccionistas entre “feira boa” e “feira ruim”. A primeira indica o período de alta nas

⁴⁷ As categorias rural, interior e cidadinos estarão sempre entre aspas pelo fato de as cidades que compõem o Polo serem regiões de interior. O que difere, por exemplo, as cidades-eixo das outras, é o grau de ruralidade que elas contêm, uma vez que estas têm maior complexidade e notoriedade (como o município de Caruaru, por exemplo). Como os municípios influenciados pela confecção são de menor porte, tendem a conter mais elementos do mundo rural. São a eles que me refiro neste trabalho.

vendas e a possibilidade de mais trabalho, maiores jornadas, logo, mais dinheiro para consumir e produzir⁴⁸; nas “feiras ruins” acontece o inverso e a forma de organizar o tempo livre se dá de forma diferente, realizando “bicos” para complementar a renda, “segurando” os fabricos para não parar de trabalhar, produzindo estoques, etc.

Nas “feiras boas”, o domingo é por excelência o dia de comercializar e o espaço da feira é exclusivamente para a venda diante da multidão que chega para comprar; nas “feiras ruins”, o domingo é “dia santo” - sendo inclusive fechados alguns locais de venda - e a atenção se volta para a religiosidade. Em resumo, as feiras demarcam o tempo e o ritmo das atividades nas cidades do Polo, processo similar ao que Garcia (1990) constatou acerca da divisão anual que os agricultores fazem entre “inverno” e “verão”.

Ao observar a sociedade *cabila*, Bourdieu constata a mesma situação acerca do tempo, de maneira que a colheita é núcleo vital para a consagração dos ritos e rituais que aquela sociedade vivenciava.

Os cabilas guardam o trigo ou a cevada em grandes jarras de barro furadas a diversos níveis de altura, e a boa dona de casa, responsável pela gestão das reservas, sabe que quando o nível do trigo está abaixo do furo central chamado *thimit*, o umbigo, é preciso controlar o consumo: **o cálculo**, como se vê, é feito por si só, e a jarra é como uma ampulheta que permite perceber a cada instante o que não existe mais e o que resta. Em resumo, o uso do dinheiro exige uma conversão análoga à que opera, em outro tipo de moldura, a geometria analítica: à evidência clara, fornecida pela intuição, substitui-se a ‘evidência cega’, resultante do manejo dos símbolos (BOURDIEU, 1979, p.27).

O estoque de produção dirá o cálculo acerca de *quanto* e *o que* será feito na confecção. Em períodos de alta, o confeccionista tende a manter a produção daquilo que está “saindo bem”. Quando o período “não é bom”, o mesmo vai buscar novas tendências, frear o estoque, economizar no processo produtivo, etc. e converter o manejo dos símbolos, cujo cálculo se torna imprescindível.

O trabalho, enquanto dimensão imprescindível para se estudar um contexto social, se configura elemento fundante dessa realidade rural a que nos referimos. É no bojo da pluriatividade que se consolida a transmutação da atividade econômica com a manutenção das bases ético-morais rurais e, por conseguinte, se materializa esse *modus vivendi* peculiar.

Se o modo de vida rural engendrou esse campo que é o Agreste das Confecções no passado, todos os elementos que o compõem estão no cerne da vida daqueles inserem-se nesse aglomerado produtivo. Essa formação que outrora se deu aos herdeiros da confecção permanece sendo incutida, ainda que em grau menor, aos seus integrantes. Nas palavras de Sá

⁴⁸ Esse período de alta nas venda geralmente ocorre nas épocas de festejos juninos e nas festas de fim de ano.

(2015, p.103), “ao migrarem ou crescerem nas cidades, trouxeram consigo ou receberam por meio do convívio e da educação doméstica as heranças deste tipo de família inscrito em seus corpos e no seu jeito de estar no mundo”.

Pensar esse território a partir das sociabilidades empregadas, da constituição da moral e dos valores, na composição tradicional das relações, na gramática social que se é empreendida, no disciplinamento dos corpos, em suma, na construção identitária de um *ethos* próprio⁴⁹ é refletir sobre o *modus operandi* que o Polo contém, sobretudo em uma realidade de periferia da periferia.

Esses movimentos de ação e estruturação de ordenamentos sociais balizam a confecção e seus construtos morais. Essa ética – no sentido weberiano do termo – pauta os significados que são atribuídos a cada modo de vida do confeccionista do campo. Sob a égide desta ética forma-se o campo da confecção (nos termos bourdieusianos) dentro do espaço social rural e engendra disposições duradouras, *habitus*, posições de classes, capitais simbólicos e mecanismos de distinção social.

Assim, pensar esses elementos (e tantos outros), que num primeiro olhar podem ser classificados como citadinos e urbanos, por assim dizer, encerram generalizações que perdem a capacidade analítica de perceber as apropriações e ressignificações dos espaços e dos modos de vida rural. Em outras palavras, os agentes reapropriam tais características e atribuem novos significados à vida local, cujo dinamismo está na capacidade de ressignificar essas experiências, contextos e atribuir a eles graus diversificados de reflexividade da ação.

3.2 O CAMPO DA CONFECÇÃO

3.2.1 A Educação

As unidades produtivas que compõem o Polo de Confecções – *fabricos e facções* – são marcadas pela informalidade, pela relação familiar e, por conseguinte, por um modo de vida peculiar, como discutido até aqui.

Outro elemento que está na ordem do dia dos jovens é a educação. É por meio dela que se alcança uma profissão e/ou se especializa numa área de estudo desejada e com isso, se

⁴⁹ Nas palavras de Sá (2015) encontramos o termo “*habitus* feirante” para designar a aquisição das disposições duradoura da feira. Aqui, ao me referir a um *ethos* busco unir a um só tempo a categoria utilizada por Sá e a ideia de camponês observado por Bourdieu (2006), no texto “O camponês de seu corpo”, cujo debate é a interpretação de um modo de vida próprio de uma juventude rural. Assim, as disposições da feira somadas a um mundo rural compõem múltiplos contextos que tendem a ser assimilados e ressignificados pelo indivíduo (LAHIRE, 2001).

torna um indicador das posições diferenciadas que se ocupam na sociedade, a partir do trabalho no qual se está inserido⁵⁰.

No que tange esse assunto é possível constatar que dentro do Polo as relações com a escola são extremamente incipientes, do ponto de vista da elevação no grau de estudo, de modo que grande parte das pessoas que estão ligadas a confecção não tem escolaridade elevada, dada a facilidade de ingresso no ramo sem necessitar de muitos requisitos educacionais.

Eufrásio (2013) verifica que em Pernambuco o índice de analfabetismo registra algo em torno de 53,17% e a média de anos de estudos é de 2,42%. O índice de escolarização na faixa etária de 15 a 24 anos para o Estado é de 22,7%. Outro dado por ele verificado e que chama a atenção é o caso específico do município de Caruaru/PE, que computa cerca de 45,7% da População Economicamente Ativa-PEA com o ensino fundamental incompleto na cidade e região do entorno.

O mesmo autor destaca ainda que nessa região o índice de evasão escolar, bem como a ausência dos estudantes na escola – em dias de feira, para poder trabalhar – é algo frequente, de forma que mesmo aqueles que permanecem estudando têm dificuldades de acompanhar o ritmo escolar.

Para averiguar a situação desses trabalhadores em relação aos estudos, vale a pena verificar alguns dados – ainda que genericamente – dos dez dos municípios do Polo de Confecção do Agreste Pernambucano, pesquisado pelo SEBRAE.

⁵⁰ Cf. Canário (2008) em “A escola: das ‘promessas’ às ‘incertezas’”.

Tabela 6 - Polo-10: Dados gerais sobre as características da população dos dez municípios estudados.

Municípios	População	Pessoas de 15 anos ou mais de idade que não sabem ler e escrever (%)	Relação entre matrículas do ensino médio e matrículas do ensino fundamental (%)	Rendimento mensal domiciliar per capita nominal - total - 2º quartil (mediana) (R\$) ⁵¹
Agrestina	22.679	32,4	13,9	170
Brejo da Madre de Deus	45.180	32,3	14,6	170
Caruaru	314.912	15,6	26,7	306
Cupira	23.390	30,7	20,3	198
Riacho das Almas	19.162	34,5	20,6	200
Santa Cruz do Capibaribe	87.582	16,0	22,7	306
Surubim	58.515	24,9	29,2	217
Taquaritinga do Norte	24.903	23,0	20,6	262
Toritama	35.554	20,6	14,5	300
Vertentes	18.222	24,4	18,7	233
<i>MARCOS DE COMPARAÇÃO</i>				
Recife	1.537.704	7,1	39,9	366
Petrolina	293.962	12,1	28,5	255
Manari	18.083	39,9	15,0	91

Fonte: SEBRAE (2010).

Como demonstrado na tabela acima, os índices educacionais das cidades do Polo-10 são ínfimos se comparados a outras cidades que têm rendimento mensal domiciliar per capita nominal parecido ou até mesmo inferior. Um exemplo é o caso de Toritama que tem uma renda de 300,00 reais nominal per capita, superando a cidade de Petrolina que registra R\$ 255,00. No entanto, Toritama tem 29,6% de 15 anos ou mais de idade que não sabem ler nem escrever, enquanto Petrolina registra apenas 12,1%. Estes casos se repetem também em cidades como Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe.

A baixa escolaridade tem sido característica marcante do perfil educacional dos trabalhadores no Polo. Para Pereira Neto (2013), a exigência primordial ao ingresso no ramo é, de modo geral, a habilidade, o ritmo e a qualidade experiencial dos trabalhadores, contribuindo para a consumação da baixa escolaridade presente no Polo, uma vez que não se necessita de um elevado grau de estudo para operacionalização das máquinas, logo, para ocupar tais postos de trabalho.

⁵¹ O cálculo feito pelo SEBRAE obedece a seguinte lógica: “ao dizermos que o rendimento domiciliar per capita mediano em Caruaru é de R\$ 306 estamos dizendo que em metade dos domicílios daquela cidade as pessoas ganham, em média, menos do que (ou, no limite, igual a) aquele valor”. (SEBRAE, 2013.p.58)

De acordo com Menezes e Silva (2013, p.287), “para os jovens, o trabalho está entre os assuntos de maior interesse”. Ainda segunda as autoras, no que diz respeito ao Polo, “o trabalho assume um significado de maior relevância do que a escola”. De acordo com seus estudos, elas revelam que o sentido do trabalho na vida dos jovens se configura em diversos significados, os quais estão associados à necessidade, independência, crescimento, autorrealização e ainda, exploração.

A inserção dos jovens no Polo se dá em grande medida ainda na adolescência ou até mesmo quando crianças. Pelo fato de haver inúmeros processos de produção na confecção, muitos são iniciados na “ponta de linha” ou “arrumação” e posteriormente vão sendo inseridos na costura ou em outras fases que necessitam de maior experiência.

Como o Polo é construído por espaços cujos laços familiares são frequentes, eles ingressam ainda cedo na confecção dos produtos, de maneira que o trabalho constitui-se um valor ético-moral incomensurável. Esse valor ‘ético-moral da confecção’ é repassado de geração em geração aos trabalhadores por meio da inculcação de *habitus*⁵², enquanto disposições duradouras perpetradas aos agentes na mais tenra idade.

No contexto em que se soma o modo de vida tradicional, que exige dos indivíduos o trabalho enquanto dimensão moral, e o núcleo familiar como lócus importante da composição das unidades produtivas, o *habitus* ganha força como mecanismo de reprodução social entre aqueles que estão inseridos do campo e a educação se torna apêndice desse processo.

Consagram-se, portanto, os “*herdeiros da confecção*”⁵³ que têm na socialização do seus pares a transferência do *habitus* incutido e, nesse sentido, a escolarização e o capital cultural tornam-se secundários no que tange ao ingresso na confecção⁵⁴ (NEVES, 2016).

⁵² Definição dada por Bourdieu ao seu conceito: “Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade de projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de uma maestro.” (BOURDIEU, 1983, p.15)

⁵³ Utilizo a categoria de *herdeiros* de Pierre Bourdieu (2014) de modo inverso utilizado pelo sociólogo. O mesmo usa o termo para denominar classes que buscam se perpetuar na classe dominante e, para isso utilizam de diversos mecanismos para a manutenção do *status quo*. No entanto, ao usar este termo, objetivo demonstrar sujeitos receptivos de *habitus* que os repassam em forma de herança cultural aos seus pares, constituindo uma estrutura. Como esta será rompida é o debate que iremos empreender mais adiante nos retratos sociológicos.

⁵⁴ A menos que haja a intenção de distinção social dentro do campo da costura. Mediante o avanço tecnológico e a formação de um Polo cada vez mais informatizado, aqueles que buscam se qualificar e proporcionar um diferencial à sua “marca” acabam ocupando posições de destaque no campo. Ademais, surge uma demanda de novas profissões como estilistas, designers, trabalhadores de máquinas computadorizadas, contadores financeiros, etc. que especializa funções e cria novos cursos, instituições e diplomas que emitem poder simbólico. Aquele que dispor de todos esses elementos tende a obter mais sucesso em seu empreendimento. Porém, já estamos falando aqui de pessoas que lograram êxito no rompimento da estrutura da confecção. O que por ora pretendo discutir é como esta se compõe.

A partir do momento que no seio familiar não se é inculcido o *habitus* que a Escola exige, qual seja, “identificação afetiva com o conhecimento, concentração para os estudos, disciplina e autocontrole”, a capacidade de pautar suas ações no presente a partir de um planejamento racional do futuro fica comprometida em vista de uma “culpabilização” que se introjeta por meio da ideia de que esse universo escolar é inacessível e que é mais “vantajoso” sair para ingressar em postos imediatos onde caiba a suposta “capacidade” do indivíduo sem grandes esforços escolares (FREITAS, 2009, p.288).

Neste caso, por não dispor dos capitais simbólicos exigidos pela Escola – sobretudo o capital cultural –, os jovens tendem a encarar as carreiras acadêmicas como desproporcionais às chances objetivas da qual dispõem. Nas palavras de Bourdieu,

Se os membros das classes populares tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outras, as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível. Dizer, a propósito dos estudos clássicos em um liceu, por exemplo, ‘isso não é para nós’, é dizer mais do que ‘não temos meios para isso.’ (2014, p.47)

Mais adiante o autor prossegue,

Pelo fato de as condições objetivas se definirem por uma relação específica entre mecanismos, tais como o mercado de trabalho ou o mercado escolar e o conjunto das propriedades constitutivas do patrimônio de uma classe particular de agentes, as práticas engendradas pelo *habitus* são ajustadas a essas condições objetivas toda vez que este for o produto de condições semelhantes àquelas às quais deve responder. [...] Nesse caso, a concordância das expectativas com as probabilidades, das antecipações, está no princípio de ‘realismo’, enquanto sentido da realidade e senso das realidades que faz com que [...] cada uma tenda a viver, ‘de acordo com a sua condição [...] e tornar-se inconscientemente cúmplice dos processos que tendem a realizar o provável (2014, p.47).

Na confecção, a saída ou o parco investimento em educação se deve em grande medida pelo “cálculo” – inconsciente ou não – feito pelos agentes que não dispõem dos capitais necessários ao sucesso educacional por meio de uma carreira acadêmica prolongada, “aferem”, por assim dizer, as chances objetivas que esta atividade oferece como forma de sobrevivência e distinção social. Os retornos ao jovem trabalhador são mais imediatos e os capitais simbólicos dentro do campo são mais acessíveis ao “jogador”, que sabe como se portar diante deste campo social uma vez que ele foi inserido desde cedo e inculiram-se disposições duradouras das quais serão mais prováveis à obtenção de retorno.

Diante do campo educacional e suas (im)prováveis carreiras, a confecção se apresenta como um campo com retornos mais imediatos sem grandes riscos de insucesso. Assim, o jovem “calcula” as vantagens que terá, e nesse sentido, ela emerge como probabilidade de êxito diante das necessidades que lhe são prementes.

Conhece-se o caso do filho de mineiro que deseja ir para a mina o mais depressa possível, porque isso é entrar no mundo dos adultos. (Ainda hoje, uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem sair da escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de ascenderem o mais depressa possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que se lhe encontram associadas: ter dinheiro é muito importante como afirmação perante os amigos, perante as raparigas, permite-lhes saírem com os amigos e com as raparigas e serem reconhecidos e reconhecerem-se como homens (BOURDIEU, 2004, p.155)

Ao jovem, a necessidade de se autoafirmar perante seus pares engendra novas formas de “necessidades” que não se resume tão somente às necessidades primárias (que pode ocorrer em alguns casos). Ter o mais recente celular, a roupa de ‘marca’, a moto, o carro, etc. são elementos que conferem distinção no seu meio social e, nesse sentido, quanto mais cedo ingressar, maior a possibilidade de êxito no seu grupo social. A distinção que lhe é conferida incide no sucesso posterior, seja no campo da confecção que contém seus capitais específicos ou até mesmo na saída dele.

Ao ingressar cada vez mais cedo na confecção a “juventude” também se ressignifica enquanto processo social, uma vez que o marcador de entrada no mundo dos adultos são as “responsabilidades” e o rito de passagem que inaugura essa dimensão, na modernidade, é o trabalho.

Poderia se afirmar que o rito de passagem da juventude é pela via da educação (como na maioria dos casos), que outorga os títulos e consagra as posições sociais a serem ocupadas pelos agentes (BOURDIEU, 2014). No entanto, se as “necessidades” despontam como sendo o principal indicador do ingresso na confecção e a educação como agente secundário neste processo, é através do trabalho que se adquire notabilidade no campo da confecção que em última instância é também a notoriedade do lugar em que se vive (sobretudo quando se considera o modo de vida rural marcado por valores e dispositivos morais que são acionados permanentemente, conforme já levantado).

Como esse processo tende a iniciar-se desde cedo, os jovens que ingressam na confecção, por visualizar chances objetivas, passam a endossar o “ciclo de reprodução” quando aquilo que em um primeiro momento se tornara elemento de distinção social no seu grupo, se torna necessidade de primeira ordem quando se constitui uma nova família. A partir daí, a renda obtida no trabalho torna-se insuficiente para diferenciação no campo e começa a ser marcada pela necessidade primária⁵⁵ de sustentar sua prole. Assim posto, os filhos dos confeccionistas (herdeiros) serão submetidos a mesma lógica de reprodução social: inculcação

⁵⁵ A conceituação acerca das “necessidades” a que me refiro são as “necessidade primárias” de sobrevivência e “necessidades secundárias” que são importantes para a distinção social, como por exemplo, o acesso aos bens da civilização (Castro e Carneiro, 2007). Para maior discussão sobre os dados que revelam os investimentos feitos pelos trabalhadores da confecção, conferir Neves (2016).

de *habitus*, ingresso cedo no trabalho mediante as necessidades, “inaptidão” a outros campos (sobretudo o campo escolar) e a posterior formação familiar.

Diante desta estrutura que impele os jovens à permanência como trabalhador assalariado é preciso indagar qual o grau de mobilidade social que este campo oferece; em que medida o *habitus* condiciona os agentes a uma formação sem possibilidades de mudanças? Como os atores têm se comportado e refletido sobre suas práticas? Para isso, será discutido inicialmente como se dá a distinção dentro do campo da confecção e em seguida, partiremos para um universo microsocial que são os contextos múltiplos, cuja pluralidade disposicional desemboca na reflexividade de cada indivíduo.

4 UMA “ESTRUTURA ESTRUTURANTE”

4.1 A DISTINÇÃO

A dominação não é o efeito direto e simples da ação exercida por um conjunto de agentes (“a classe dominante”) investido de poderes de coerção, mas o efeito indireto de um conjunto complexo de ações que se engendram na rede cruzada de limitações que cada uma dos dominantes, dominando assim pela estrutura do campo através do qual se exerce a dominação, sofre de parte de todos os outros (BOURDIEU, 1996, p. 52).

Nas palavras de Bourdieu encontro a síntese daquilo que foi discutido até o presente momento. A reprodução dos herdeiros na confecção se dá por um conjunto de forças estruturais e simbólicas que influem nas decisões dos agentes em vista de seu futuro no campo. Nesse sentido, o conceito de “campo” se torna elemento chave para compreender a gênese dos capitais, *habitus*, disposições e ressignificações nele envolvidos.

É no campo que se encontram as lutas simbólicas de cada jovem que mora no interior e mantém sua vida ligada à confecção. Sua perspectiva acerca do futuro está diretamente ligada a posição que nele ocupa e sua trajetória está profundamente arraigada nas disposições inculcadas ao longo do tempo. O *habitus* – enquanto mecanismo de aprendizagem e inculcação dessas disposições duradouras – reflete as distinções que cada agente tende a possuir.

Como a juventude é o lapso de tempo que ritualiza e consagra o futuro do trabalho e a trajetória posterior, essas disposições funcionam como elementos essenciais na condução das escolhas. Assim, diante do campo escolar e do campo da confecção⁵⁶ o jovem tende a fazer suas escolhas pela aferição dos capitais que dispõe e das condições objetivas de sucesso no campo que está inserido.

Se não há concessão de moratória social a este jovem, para que possa dedicar-se aos estudos e obter rendimentos em longo prazo, essa escolha provavelmente será feita em favor da inserção e/ou postergação do lugar que ocupa. Entretanto, como o campo é resultado das múltiplas experiências, uma vez que o ator pertence a vários campos e subcampos ao mesmo tempo (LAHIRE, 2001, p.43), são produzidos contextos distintos evocados a partir do maior ou menor grau de disposições que se contém e o nível de capitais por eles oferecidos acionará os esquemas de ação de cada indivíduo.

⁵⁶ Para ficar apenas em dois campos de ação. Como o debate da dissertação se concentra na discussão do sucesso pela via escolar ou não, cito apenas estes dois. Mas, considero relevante mensurar o fato de que há mais campos que engendram “(in)sucessos” similares.

É importante elencar como se coloca o ator perante os diversos contextos e nesse sentido, urge debater como se compõe o campo da confecção para entender de que forma essa noção pode contribuir no que concerne à saída do ciclo reprodutivo.

Inicialmente é preciso salientar que no campo da confecção coexistem padrões e empregados, de posições diferenciadas e que precisam ser analisadas com acuidade para dimensionar cada colocação do agente (como demonstrou [SÁ, 2015]). Como o objeto de estudo deste trabalho se insere no rol da juventude, é válido considerar ambos os postos, uma vez que o desejo de autonomia dos trabalhadores é montar seu próprio negócio e/ou atingir uma posição de destaque (que pode coincidir com a posição de patrão ou não). A questão que está posta é em que medida esse campo oferece margem de mobilidade social e como isso acontece, nos diversos (micro) espaços.

Para ocupar cada posição dentro da confecção é preciso incorporar (seja por meio da socialização primária ou secundária) os capitais simbólicos e as disposições duradouras pré-definidas nesse cosmos. Como os jovens trabalhadores herdam essas disposições e capitais mais elementares não apenas no campo da confecção, todos os atores que estão neste ramo convivem com experiências diversificadas compondo o *stock*⁵⁷ que cada pessoa possui. Neste universo, confluem contextos que não necessariamente são campos – no sentido que Bourdieu atribui –, mas que estão no ordenamento social de cada jovem trabalhador. Família, amigos, religião, namorados, festas, etc. não se enquadram no conceito bourdieusiano e, no entanto, estão a todo tempo formulando as ações dos atores (LAHIRE, 2001, p.42-43).

Surge aqui um debate que pode ser a princípio considerado contraditório, isto é, a partir do momento que o indivíduo tem em sua teia de relações, contextos diversos na sua socialização, o campo da confecção não seria em tese produtor de disposições e hábitos a ponto de produzir um ciclo reprodutivo ou até mesmo uma estrutura social (como se levantou anteriormente). Diante disso, é preciso ponderar o fato que, enquanto um campo de ação⁵⁸, a confecção exige dos atores capitais e disposições. Quanto maior a integração dos contextos e instituições sociais na produção homogênea da socialização, em favor dos capitais simbólicos postos na confecção, maior será o grau de êxito daquele que foi submetido nestas condições sociais e, por consequência, se inseriu neste campo.

⁵⁷ Um metáfora utilizada por Lahire (2001, p.46-47) na intenção de dar nome ao conjunto de disposições que são acumuladas ao longo das trajetórias de cada indivíduo.

⁵⁸ Na própria definição de Lahire podemos enquadrar a confecção: “Os campos dizem respeito essencialmente ao domínio das atividades ‘profissionais’ (e públicas) e muito particularmente às dos agentes em luta no interior desses campos, isto é, dos produtores (vs consumidores, os espectadores ou as pessoas que participam do campo, mas que não estão particularmente comprometidas com as lutas no interior desses campos: pequenos funcionários administrativos, funcionários de serviço, operários...) (2001, p.43).

Quando esses contextos caminham na mesma direção, esse fenômeno da formação das disposições tende a ser mais bem sucedido e se isso coincidir com os capitais simbólicos da confecção, logrará ainda mais êxito.

Uma sociedade que possuir um funcionamento mais tradicional, que for fracamente diferenciada (como no caso de zonas rurais e cidades como Coxixola e Santa Cecília), terá maior probabilidade de manter o *habitus* de forma homogênea e com instituições sociais com maior eficácia na condução da socialização a que se pretende. No dizer de Lahire (2001, p.31), ao mencionar a sociedade Cabila interpretada por Bourdieu (1979), isso funciona da seguinte maneira:

Devido à grande homogeneidade, à grande coerência e à grande estabilidade das condições materiais e culturais de existência e dos princípios de socialização que daí decorrem, os atores modelados por tais sociedades são dotados de *stock* de esquemas de ação incorporados particularmente homogêneo e coerente.

Como o Polo de Confecções é um território de múltiplas influências, o *stock* de disposições de cada ator varia conforme o grau de diferenciação que ocorre nas cidades que ele se insere. Esse processo não ocorre de forma isolada, uma vez que as cidades de pequeno porte mantêm relações sociais com as cidades-eixo e isso produz experiências relevantes na composição do *stock* de cada ator da confecção.

É nas “idas” e “vindas” ao Polo de Confecções do Agreste, por exemplo, que a pluralidade das relações sociais se estabelece e tecem-se novos contextos de ação e, nesse quesito, as instituições sociais que o ator compartilha serão de suma relevância na condução dos esquemas de ação. Assim, a estrutura da confecção nas cidades com fraca diferenciação social⁵⁹ confronta-se com outros contextos e abre margem às estratégias de ação e reflexividade. Vejamos como isso acontece na prática.

Uma possível estratégia para a saída do ciclo reprodutivo da confecção é a percepção dos capitais simbólicos existentes e de modo intencional buscar adquiri-los para galgar uma nova posição no campo, em vista de uma futura distinção. Neste caso, os trabalhadores da confecção ingressam um novo contexto de ação, cuja categoria pode encontrar terreno de apoio na definição de “batalhadores” (SOUZA, 2012), isto é, são aqueles que apesar de não dispor de capitais de distinção social em campos como o campo político, acadêmico, das

⁵⁹ É preciso, a meu juízo, estabelecer uma diferença acerca do Polo das cidades-eixo e do Polo das cidades de pequeno porte. As relações sociais, não se dão do mesmo jeito, com a mesma intensidade e com as mesmas influências. Um exemplo disso seria a comparação entre um fabrico ou facção localizado em Caruaru e outro em Coxixola. Apesar de estar na mesma seara, são tecidas relações muito diferentes, o que explica a necessidade do debate acerca do modo de vida rural.

artes, etc. buscam, por diversos meios, possuir algum tipo de capital em sua conduta e, desse modo, sair do imperativo que a estrutura social da confecção lhe reservara.

Os atores-batalhadores devem investir nos capitais simbólicos que estão posto no campo da confecção. Devem conhecer as regras do jogo – ainda que não seja de modo racional e calculista – e concentrar seus esforços na obtenção da distinção em relação aos seus pares. Na interpretação de Sá (2015, p.246),

Este campo, como outros, possui suas próprias regras. Conhecê-las e saber bem jogar com elas é algo decisivo para a atuação de quem por lá se aventura. Por mais que possa ser negada a concorrência (para além da economia) entre aqueles que dele tomam parte, há disputas de poder, por signos distintivos socialmente reconhecidos no campo e no agreste das confecções.

Assim, investir nesses capitais é antes de tudo investir no seu próprio negócio. Para tanto, é preciso incorporar, naturalizar, tornar legítimo e aceito pelos jogadores, de modo que se consolide uma disposição “inata” e duradoura. Essa disposição quer seja apreendida ou incorporada mais tarde, funciona como elemento fundante dos que pretendem jogar neste campo e quando os contextos socializadores convergem nesse sentido, o objetivo final terá maior probabilidade de êxito. Conforme apresenta Sá (*ibidem*.p.170),

A compreensão corporificada, que abriga a compreensão do ‘pano de fundo’ e é a base da capacidade de pessoas como os filhos das feiras para apreender instruções, agir conforme orientações, atender normas e condutas tácitas, enfim, seguir uma regra no sentido amplo.

Para jogar é preciso estar disposto, seguir as regras e, mais ainda, encará-las como naturais. Os espaços sociais da confecção servem como potencializador deste processo, pois, seja na feira ou na unidade produtiva em que se trabalha é fundamental demonstrar a disposição para a confecção.

A feira, por exemplo, é o lugar onde se dá a consagração do rito das vendas⁶⁰ e a consumação dessas disposições individuais. Ainda segundo Sá (*ibidem*.p.156),

O *habitus* feirante seria como um ancestral comum, porém ainda contemporâneo, que permite aos filhos serem elaborados deste modo, para além das diferenças entre suas trajetórias, perfis atuais e tipos de negócio que possuem, enfim, do modo como se projetaram neste campo. [...] A feira pode ser vista como um cosmo no qual diversas práticas são reproduzidas, compartilhadas, adaptadas ou modificadas.

A feira dita o tempo de trabalho e a resignificação das relações por ela engendradas; as peças produzidas e o valor dos salários, da produção, dos contatos a serem estabelecidos; o

⁶⁰ Sá (2015) encontra outras formas de venda e disseminação dos produtos confeccionados. Entre eles, via representantes a outros estados e países, bem como por “encomenda”, quando se entrega direto ao freguês.

contato com pessoas de lugares diferentes e a troca dos capitais simbólicos; em suma, é neste espaço social que se consoma o ritmo da vida social daqueles que estão inseridos na confecção. Por isso, pensar os capitais simbólicos e seus templos de consagração é imprescindível para perceber como o jovem está inserido neste meio, de modo a se pensar quais os contextos mais relevantes ao seu sucesso no campo.

Para o trabalhador da confecção que vai às cidades-eixo é preciso jogar as regras do jogo e por meio do *habitus* incorporado adentrar nesse campo, desenvolvendo aptidões, posturas (*hexis*), linguagens, etc. Nas palavras de Sá (2015) “ele [*habitus*] se mostra no jeito de feirante visto como ‘desenrolado’, de quem tem convicção de que saberá como improvisar em situações não esperadas, que assim vai se virar do melhor modo possível por lá”.

Na categoria “desenrolado” se estabelece um capital simbólico⁶¹ deveras cobrado que é a capacidade de “se sobressair” mediante as situações que ocorrem aos agentes. Comprar tecidos, fabricar, levar nas facções (quando é o caso), oferecer os produtos na feira, conhecer pessoas, adquirir prestígio e confiança no campo, etc. são elementos que devem ser cultivados. Em todas essas situações, a educação torna-se secundário na progressão do campo, exceto quando for para ocupar uma profissão/posição que necessite de um conhecimento específico (neste caso saindo da posição de trabalhador da confecção, o que não acontece com frequência e quando ocorre, rompe-se o ciclo reprodutivo de modo a constituir um novo campo, do qual terão novas regras, capitais e disposições).

Além dos capitais compartilhados, outros dispositivos simbólicos acrescem esse conjunto de elementos que compõe o campo. A *hexis* corporal e a gramática social se somam na tarefa de formar a herança adquirida e as regras necessárias aos jogadores. Ainda que o jovem possua disposições do mundo rural⁶² em que se foi socializado, ao estar em contato com a confecção deve se incorporar novas disposições como se natural fosse. É aqui que os contextos e as instituições sociais às quais se pertence, ditam o ritmo da incorporação das regras do jogo. Quando se é nativo da confecção e os contextos confluem na introjeção das disposições necessárias, esse processo se torna ainda mais eficaz.

Lá na feira, tal *habitus* é compartilhado em plena rua, quando se diz ‘chegue freguesa, que lhe faço um desconto’. Ou então quando se grita: ‘eita que a macaxeira hoje tá boa demais! Pague dois quilos e leve três!’ Se mostra por meio do pequenino menino que, em pé em cima do banco, anuncia imitando os adultos como fazem os adultos: ‘oito laranjas por um real, quem vai levar, quem vai!’ [...] Está na habilidade com que se arruma, se coloca o maço de notas de dinheiro no bolso e no

⁶¹ Definição dada por Bourdieu (1996.p.107): “Capital simbólico: é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social) percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las e reconhecê-las, atribuindo-lhe valor”.

⁶² Aqui me refiro à ideia do *ethos* camponês colocado por Bourdieu (2006).

jeito como se puxa dele as necessárias ao troco. [...] tudo é vivido e apreendido por meio de um sentimento de práticas que se dão naqueles dias de feira – práticas que fazem a cabeça e se inscrevem no corpo de quem cresceu, negociou ou ainda negocia por lá desde muito tempo atrás (SÁ, 2015, p.173-174).

Some-se ainda a capacidade de conhecer fregueses, interagir com eles, saber onde comprar o material para se confeccionar, encontrar peças para costurar (no caso das facções), etc. Ser um bom trabalhador, vendedor e/ou autônomo é ser conhecido, ter nome na praça, amizade, confiança e nome limpo (SÁ, 2015). Em cidades como Coxixola e Santa Cecília isso se dá ainda com mais intensidade, pois as relações de vizinhança e parentesco marcam o modo de vida rural, cujas sanções ético-morais são acionadas quando não são praticadas as normas pré-estabelecidas e, nesse sentido, os contextos sociais tendem a ser mais uníssonos.

É fundamental ao jovem ser um “sujeito trabalhador” disposto a pegar qualquer peça, vender nas feiras sem ressalvas, trabalhar qualquer dia, fazer *serão* e entregar as peças no prazo estabelecido, enfim, é preciso jogar as regras do jogo.

Ao jovem que almeja tornar-se um trabalhador independente e ocupar uma posição de destaque no campo da confecção é fundamental que disponha dos capitais pré-definidos, logo, seus investimentos deverão se concentrar neste poder simbólico. A educação e o capital cultural podem se caracterizar como elemento que potencializa essa diferenciação, mas não parece ser definidor e por esse motivo investir em longas carreiras educacionais se torna secundário nessa missão.

Se os contextos de ação demarcam a possibilidade de ação e reflexão, é preciso analisá-los no intuito de debater os graus de mobilidade que são oferecidos no campo. Alguns cenários despontam como referenciais para se pensar tais contextos e resultam em cinco projeções comuns aos jovens da confecção: a) a continuação no ramo como trabalhador assalariado (ocasionando o ciclo reprodutivo); b) a montagem de seu próprio negócio (*facção*, *fabrico*, loja de revenda, compra e aluguel de boxes, etc.); c) investimento em outro campo com o valor obtido pelo trabalho⁶³; d) concentrar os esforços em uma ascense possibilitando a saída da confecção da geração posterior (quando se têm filhos) ou do próprio jovem em um futuro menos imediato; e) intervenção de outros contextos, que não da confecção, para a saída do campo.

É importante lembrar que essas “referências” de análise não necessariamente estão isoladas ou ditam por si só a saída/permanência no campo da confecção. Em algumas vezes elas convergem, outras não. Mas, é preciso considerá-las como marco de comparação para

⁶³ É muito comum, por exemplo, um jovem costureiro pagar seu curso de graduação para que futuramente possa sair da confecção.

discutir em que medida se abre margem à saída da reprodução social e quais elementos fazem parte de seu *script*.

Desta feita, a trajetória de cada herdeiro da confecção terá seu grau de mobilidade mediante os contextos e investimentos despendidos pelo agente. Sua posição no campo será conferida conforme sua adesão às regras e os sentidos que lhe são atribuídos, em suma, ao *stock* empreendido para a consagração de um ou mais elementos distintivos.

4.2 RETRATOS SOCIOLÓGICOS

4.2.1 “Sonho é uma coisa passageira”: Fábio⁶⁴ e a permanência na confecção

Fábio é um jovem de vinte anos que encontrei em uma de minhas turmas de ensino médio. Estudando o primeiro ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA), quase passava despercebido numa turma numerosa. Sempre uma pessoa de poucas palavras, me falou certa vez ao terminar a aula que trabalhava na confecção há alguns anos. Eu havia comentado sobre o fato de estudar jovens que trabalham no ramo e ao lecionar uma aula de sociologia, citei alguns exemplos que certamente o fez identificar-se.

Sua esposa Bárbara, também aluna da mesma escola, estudava em uma sala diferente e apesar de cursar o primeiro ano médio, estava na modalidade de ensino regular. Ela, sempre me falava muito sobre ele e os convidei para serem entrevistados e falar sobre a biografia de Fábio.

Fábio desistiu dos estudos ainda em 2018 e não voltou mais para a escola. O contato era sempre feito com sua esposa, com quem marquei duas vezes a entrevista, porém sem sucesso. Ele quando não estava trabalhando durante o dia, estava cuidando do filho a noite, para que sua esposa pudesse dar continuidade aos seus estudos. Foi em um feriado que consegui entrevistar Fábio, porém a presença de sua esposa (que teve de trazer o recém-nascido) o deixou inibido em algumas questões que precisaram ser abordadas novamente. Ao terminar a primeira entrevista os convidei para almoçar juntos e este momento foi tão revelador quanto a própria entrevista. Ambos falaram de sua vida pessoal e conjugal cujas anotações tiveram de ser registradas ao final, pois havia alguns aspectos da vida Fábio que eu não havia compreendido no primeiro momento.

⁶⁴ Todos os nomes envolvidos nos retratos que apresento a partir de agora serão fictícios para preservar a identidade do entrevistado.

Sua história de vida começa no sítio do qual tem boas recordações. Sua convivência com os pais foi bastante rápida, já que eles nunca constituíram uma família e sua criação foi toda pautada pelos ensinamentos dos avós maternos. Segundo ele,

Minha mãe morava fora, passou muito tempo morando em Brasília, aí depois veio pra Santa Cruz [do Capibaribe], só que ficou nessa. Aí depois de... quando eu tava com 12 anos ela foi morar lá [no sítio onde residia]. Aí eu só via ela assim, de dois em dois meses, uma vez no mês. Aí minha convivência foi com minha avó e com os primos que quando eu nasci pediram para cuidar de mim. Aí fiquei assim, passava o dia na casa de um, um dia na casa de outro e ia.

O pai de Fábio também não participou dos seus primeiros anos de vida e relata que sempre que dava ele ia buscar o filho para passar o final de semana com ele, mas não houve uma convivência forte nem com o pai, nem com os irmãos. Os pais separados fez com que ele fosse criado com os avós maternos e com primos⁶⁵, que os considera como irmãos.

Outro fato importante é que até os doze anos de idade, onde viveu no sítio, Fábio teve como referência os vizinhos que trabalhavam numa oficina de motos. O casal que era sempre presente na vida dele o fez considerá-los como pais, segundo Bárbara⁶⁶, até mais que sua própria família de sangue. No dizer da esposa,

Uma boa parte do dia dele, quando ele não tava na escola, tava na oficina com as pessoas que também ajudaram a criar ele. Não é da família, mas hoje em dia é como [se] fosse aquela coisa ‘considerado’. Hoje ele chama de tia, irmã, que não é exatamente da família de sangue. [...]Ele considera mais família ‘eles’ [casal da oficina] do que o resto da família de sangue, que não trata ele como família por conta da separação.

O casal da oficina de moto também trabalhava com a confecção e por ter uma situação financeira “melhor” costumava auxiliar na criação de Fábio. Foi este o primeiro contato que ele teve com as máquinas e sempre estava no meio delas quando sua avó o deixava na casa dos vizinhos. “Eu ia com meus tios as vezes fazer serão, aí me levava com eles. Aí minha avó saía, aí num tinha onde eu ficar e eu ia com ele. Aí mandava eu sentar na máquina, ficava me explicando como era, me ensinou, aí foi que eu cheguei [na costura]”.

Após esse contato inicial com a confecção, Fábio ingressou numa grande empresa da região que tinha uma fábrica no sítio onde ele residia. A influência para o ingresso nesta fábrica foi através de sua mãe que já trabalhava no local, porém mediante a instabilidade do emprego resolveu sair, pois o considerava inseguro e sem condições de permanência.

⁶⁵ Os primos a que ele se refere são os filhos de um casal de vizinhos que ele tem bastante consideração e os chama de tio. Ora ele chama de primos, ora de irmãos. Para não confundir o leitor adotei o primo como grau de parentesco.

⁶⁶ A entrevista feita com sua esposa foi realizada em outro dia sem a presença de Fábio. No total foram três entrevistas, duas com Fábio e uma com Bárbara.

Quando eu comecei, aí minha mãe tava trabalhando, aí me chamaram pra fazer um teste e passei. Aí passei uns quase três anos lá, trabalhando para eles. Aí [foi] quando fechou. Aí quando voltou, num quis voltar mais não (reabriu a fábrica). Eles fichavam a carteira, aí eles tiravam tudo, aí ficava tudo trabalhando clandestino. Depois de seis meses eles voltavam, porque quando tava muita peça aí eles dava uma parada no estoque.

A intermitência no trabalho fez com que Fábio deixasse de vez a empresa que, segundo ele, “fichava” a carteira e depois retirava os direitos, ficava na clandestinidade e parava a produção quando achava necessário. Isso produzia muitas incertezas na visão dele e achou melhor não voltar mais quando a fábrica reabriu.

Ao vir para a cidade com seus avós, já tinha experiência na confecção e já começou a trabalhar fixo em um fabrico. Fábio relata que quase sempre é chamado para fazer “bicos”, o que lhe rende mais alguns trocados no orçamento.

Sobre sua vida escolar ele relatou que já desistiu duas vezes, uma na sétima série (hoje oitavo ano) e outra recentemente no primeiro ano do ensino médio. Quando perguntei os principais motivos de suas desistências ele respondeu enfaticamente “rapaz, era ‘cabeça’ que não tinha. Os conteúdos que não entravam na cabeça, aí ficava sem vontade de ir.” Sua expressão “não entra na cabeça” revela a insuficiência dos capitais e códigos exigidos pela escola (BOURDIEU, 2012) e a “falta de vontade” confirma o cálculo que se é feito a partir das disposições incorporadas e/ou as condições objetivas que se têm.

Outro aspecto relevante que ele coloca é o fato das necessidades primárias o obrigarem a largar o estudo e obter alguma renda para ajudar na casa dos avós, já que o que seu avô ganhava era insuficiente para mantê-los.

No começo, quando eu comecei a trabalhar, na época minha avó e meu avô não tinham boas condições. Só era meu avô que recebia salário. Trabalhava de vigilante na prefeitura, aí sempre quando eu trabalhava tinha que tá ajudando em casa. As vezes eu preferia tá trabalhando pra ajudar (porque minha avó sempre foi doente) do que tá indo pra escola.

As necessidades fizeram com que a reflexão feita por Fábio, acerca da realidade objetiva que o cercava, fosse em favor do trabalho e não dos estudos. Mais tarde, aquilo que era a necessidade de primeira ordem quando adolescente, passou a ser uma necessidade de pertencimento ao grupo da juventude e, para isso, era fundamental “possuir” e “sair” para integrar seu gueto.

Meu avô sempre pedia pra eu ficar estudando, porque eu num era de tá estudando em casa, assim, direto. Aí ele sempre influenciava, mas eu num tinha jeito não. Nos meus quinze anos, eu só pensava em conhecer o mundo, aí quando aparecia uma proposta, sempre tava viajando, sempre tava indo pra festa. Aí eu preferia tá na ‘gandaia’ do que tá estudando.

A escola como elemento primordial à realização dos seus “sonhos” não foi um caminho vislumbrado por Fábio. Em seus depoimentos ela aparece sempre como uma alternativa caso não “dê certo”, de modo que trabalhar sempre esteve no horizonte mais próximo de suas projeções. Quando indagado sobre os planos acerca de sua vida profissional, ele respondeu: “tenho vontade de fabricar pra mim mesmo, aí se não der certo, vai [vou] correr atrás dos estudos”.

Se para Fábio a escola não se configura um elemento definidor de mobilidade social, para seus avós não acontece o mesmo. Na sua fala, supracitada, ele enfatiza o desejo que seu avô tinha de incentivá-lo a estudar. Isso se alinha ao que Lahire (2004b.p.334) chamou a atenção ao identificar que nas classes populares nem sempre há um desinteresse ou descrédito pela educação. Do contrário, há uma forte esperança de que a educação seja um caminho possível aos seus pares⁶⁷. No entanto, na maioria das vezes esse caminho não é trilhado, por múltiplas situações, entre elas, o fato de que aqueles que lideram o processo de formação não conseguem implementar uma socialização exclusiva que contemple os capitais e os ritos escolares.

No caso de Fábio, não dispor dos capitais simbólicos exigidos pela escola, o que lhe rendeu a noção de “incapacidade” somada às necessidades que sua trajetória incidiu, tornaram-se peças chaves na sua conduta.

Sua esposa relata a tradição familiar de Fábio em ganhar seu próprio dinheiro sem que haja a necessidade de passar pela escola.

Não sei se porque ele foi criado em sítio, não sei se isso influencia em fazer faculdade, eu não sei. Só sei que é pouquíssima gente da família dele que tem faculdade. Quando num é vivendo de costura, a família do pai dele tem essas coisas de vídeo game, desse povo assim, cada um procura um jeito de viver, mas num pensa de ter uma profissão certa.

Outro elemento que integra sua história é a passagem por uma escolinha de futebol que ele acentua com bastante ênfase. A escolinha ocupou um lugar central na formação do *stock* de disposições que orientaram as práticas de Fábio, de modo que sua formação social foi embasada no contato com esta instituição.

Eu jogava na escolinha e pra você tá na escolinha de futebol era obrigatório você frequentar alguma igreja (evangélica ou católica). A gente treinava na quarta, sexta e sábado. Aí o treinador falava pra gente que quem não frequentasse a igreja final da semana ou durante a semana, quando tivesse jogo não ia jogar. Porque, tipo, as coisas que vinham pra gente era de uma Igreja. Era a Igreja que fazia a doação. A

⁶⁷ Sobretudo por aqueles que já viveram o bastante para identificar situações e vivências que não oportunizaram a saída da condição social que viveram.

gente tinha que frequentar alguma igreja pra poder eles... eles queriam tirar a gente da rua, da droga... Passei seis anos [na escolinha]. Comecei eu tinha quatro a cinco anos.

O futebol na escolinha e a religião fizeram com que o lazer de Fábio se tornasse também uma formação ético-moral, que ele relata com prazer em ter participado, sobretudo pelo fato de não estar em outros contextos (droga e rua como sinônimo de perversão). Essa formação disciplinar também fez com que ele tenha um bom desempenho onde trabalha e muitos o chamem para fazer hora extra em outras unidades produtivas. Sua esposa relata com orgulho as coisas que o marido faz:

As vezes ele sai do trabalho e tem de fazer trabalho extra e tal. É uma coisa meio louca, corrida. E o bom é que ele nunca se reclama de trabalhar. Por ele, eu acho que ele ficava o dia todo trabalhando. Sempre as pessoas chamam ele para fazer serão por conta que eu disse, ele é aquela pessoa que não reclama, entendesse?! As pessoas gostam de gente assim. Aí geralmente toda semana, [chama] pra trabalhar 'fora', quase sempre.

No trabalho, Fábio busca dar o melhor de si e isso é considerada uma vantagem àqueles que trabalham na confecção. Ter rapidez, experiência e produzir com qualidade é fundamental ao trabalhador que deseja ser “chamado”. Este elemento da autodisciplina é ponderado por Sá (2018, p.86) como um importante capital para obter êxito no campo da confecção. Na trajetória de Fábio, esse capital é revelado na expressão de sua esposa ao afirmar que se seu marido “não reclama” dos serviços que lhe são propostos.

Essa autodisciplina poderia ser caracterizada como um traço da personalidade de Fábio, no entanto, Bárbara relata que ele sempre foi um menino inquieto e bagunceiro na escola sem muitas preocupações com o disciplinamento: “eu estudei com algumas professoras que ensinaram a ele quando ele era pequenininho. Elas disseram que Fábio era muito bagunceiro. Muito, muito, muito. Aquele menino inquieto, que não consegue se concentrar em nada. E que não era muito ligado a estudo não”.

É notório que a autodisciplina adquirida por Fábio na Igreja e na Escolinha de futebol era muito peculiar do contexto que ele estava inserido. Quando se tratava de escola Fábio a considerava secundária em sua trajetória de vida, mediante a insuficiência dos capitais e códigos exigidos por ela, a ponto de se considerar “inapto” e frequentar esse ambiente se tornou inviável.

Assim, a múltipla socialização fez com que Fábio evocasse as regras do jogo conforme as necessidades perpetradas ao longo do tempo. Neste caso, a reflexividade é balizada no “contexto favorável ou desfavorável à ativação, ao desencadeamento dos esquemas em

questão” (LAHIRE, 2001, p. 67). Em cada momento, ele atualizou os esquemas de ação, ainda que estes não coincidam, nem sejam homogêneos.

Fábio também é garçom nas horas vagas e gosta de promover festas e eventos. Desenvolve essas atividades no intuito de complementar a renda familiar. Ele relata que gosta de promover festas e se sente bem fazendo isso.

Eu sempre gostei de fazer festa. Também é um plano que eu tenho pra minha vida é sempre tá organizando uma festa pra ajudar [nos custos]. Já fiz algumas festas, já me chamaram pra trabalhar só que era longe e num dava pra... agora só dava se eu fosse solteiro, aí preferi ficar.

No dizer de Fábio, a família trouxe muitas responsabilidades das quais não pode eximir-se com facilidade e antes de tomar qualquer decisão é preciso pensar nela.

Como os planos do casal era ter filho, o recém-nascido foi bastante desejado e projetado conforme as possibilidades dos dois. Bárbara lembra que foi tudo bem pensado para que não atrapalhasse sua ida à escola e ele pudesse ficar com o bebê durante a noite, quando chegasse do trabalho.

Aí quando eu engravidei a gente fez praticamente um acordo, eu disse a ele “olhe, eu vou engravidar em tal mês pra conseguir passar o ano estudando e no outro ano conseguir estudar”⁶⁸. Eu engravidei um mês depois do que eu queria, mas deu certo. Aí a gente fez um acordo, eu disse assim “olhe, eu vou estudar esse ano e o ano que vem”, enquanto eu tiver na escola você fica com ele [o filho]. Ele fez, ‘tá certo’.

O planejamento que o casal fez não foi apenas em relação aos estudos. Ambos vieram morar na cidade para que ficasse mais perto da escola onde Bárbara estuda e do fabrico onde Fábio trabalha.

Quando eles se casaram, ela tinha treze anos de idade e ele dezoito, de modo que estão há três anos juntos⁶⁹. Nesse período, construíram uma casa para morar no sítio onde o marido foi criado, sob dura peleja, no intuito de sair da casa dos avós de Fábio, pois a esposa e a “sogra” não tinham boas relações. Bárbara trabalhou para ajudar financeiramente na construção da residência, já que havia muita vontade de morar em seu próprio ambiente. Depois de um tempo residindo em sua própria casa começaram a fazer planos a dois. Foi aí que ela engravidou e decidiu vir morar na cidade, porque não estava mais “suportando aquele lugar” (se referindo ao sítio). Ambos concordaram e resolveram alugar uma nova residência.

Nesse novo contexto, muitas coisas se modificaram. Bárbara não conseguiu emprego e ficou fazendo algumas tarefas para ajudar na renda familiar, porém Fábio ainda é o provedor e para isso precisa trabalhar fora e ficar com o bebê para que sua esposa possa estudar. Essa

⁶⁸ Coincidir com o período de férias.

⁶⁹ Essa entrevista ocorreu em abril de 2019.

realidade de Fábio dificulta sua saída da confecção por enquanto, uma vez que ele precisa do dinheiro para sustentar a família. A sua saída para um novo trabalho e/ou empreendimento próprio – que no seu caso seria promover festas – é ter que optar por novos contextos, aquisição de novos conhecimentos, novas pessoas do ramo, de ganhar notoriedade, de conter um investimento financeiro mínimo, etc. e todos esses elementos são freados pelas necessidades objetivas que sua nova vida familiar possui no momento. Para finalizar a entrevista, perguntei como se encontrava os planos futuros do casal e a resposta de Bárbara resume este retrato e o título que lhe dá nome.

Ele já pensou em montar uma marca, ele já pensou também em abrir uma facção pra ele... porque é aquela coisa, quem trabalha em facção pra os outros nunca enrica. Nunca! É só você enricar os outros, porque é aquela coisa, é um pouco que dá pra você viver, mas não é ‘pouco’ [muito] que dá pra você dizer ‘não, vou guardar tal quantia pra investir’. Não dá. Nunca dá. [...] Ele já pensou em montar uma marca pra ele, uma facção só que aquela coisa: ‘sonhos passageiros’. Sonho é uma coisa que a gente sonha hoje e amanhã pode ser outra coisa. Pra mim, a realidade é quando acontece e pronto. Sonho é uma coisa passageira.

4.2.2 “Se eu lutar pelo que eu quero, então eu posso chegar aonde meu pai chegou, sem precisar de estudo”: César e o espírito empreendedor

César é um jovem de dezenove anos. Filho único, seus primeiros anos de vida aconteceram no sítio onde seus avós moram até hoje. Em seu relato ele enfatiza que sua convivência com eles foi muito saudável, de modo que sua infância era brincar e ir para escola, da qual se recorda com saudosismo.

Seu pai trabalhava durante o dia como “toyoteiro⁷⁰” e sua mãe estudava para concluir o ensino médio, o que explica o pouco tempo que passavam com César, cuja educação foi dada em grande parte pelos avós. Para facilitar a vida do casal, resolveram se mudar para a cidade, objetivando otimizar o tempo e os esforços nos estudos da mãe e na profissão do pai.

Ao chegar lá, seu pai resolveu montar uma oficina de motos em sociedade com seu irmão que queria abrir um negócio para obter alguma renda. Foi aí que César começou a entrar nos negócios e ajudar nos trabalhos do pai. Passados alguns anos, o sócio da oficina sofreu um acidente e não conseguiu mais ficar tomando conta do empreendimento, então César assumiu a liderança, já que seu pai passava o dia fora nos fretes do toyota.

No que se refere a sua vida escolar, César relata que sempre foi bem e não teve muitos percalços em sua trajetória: “desde o pré pra cá, eu só repeti um ano (2ª série). Até hoje nunca

⁷⁰ Motorista do carro que recebe o nome de sua marca. Por ser comum na região, as pessoas trabalham com fretes pesados e, sobretudo viagens para as feiras no Polo.

fui mal na escola. Tanto é que eu nunca fiquei em recuperação. É muito difícil. Nunca fui de ficar em recuperação final”. No entanto, relata que não costuma estudar nas horas vagas e não tem hábito de leitura, escrita e afins. Seu contato com a cultura escolar é “na hora da prova ou trabalho” e, com isso, não se considera um pessoa apta ao ensino superior.

Concluente do ensino médio, César relata que fez a prova do ENEM, mas não faz muita questão de ingressar o ensino superior. Seu principal objetivo é montar seu próprio negócio onde tenha resultados, assim como seu pai teve ao fazer fretes e montar a oficina.

Se dependesse do pai, César faria uma faculdade, pois ele sempre valorizou os estudos apesar de não ter tido um grau de escolarização elevado. Ele conta que seu pai sempre o incentivou e gostaria muito que ele continuasse estudando, porém não acha que seja necessário para seu sucesso pessoal e profissional.

Pai sempre gostava muito de pegar no pé; ‘ah, você tem que ir pra escola!’. Sempre quando eu tirava nota baixa, dizia coisa comigo, “rapaz, que é isso? Num é pra tirar nota baixa não! Tá indo pra escola fazer o que?” Ele queria muito me colocar na faculdade. Ele até me proporcionou (sic) que se eu quisesse, ele queria, ele fazia por mim, só que até agora eu não agarrei essa oportunidade. Não sei, eu sou preparado para estudo não. Porque eu não tenho tanto... sei lá, vei! Num tenho cem por cento de interesse em estudo. Eu acho que pelo fato de meu pai ser sempre um ‘empreendedor’. Meu pai sempre mexeu com negócio. Aí eu num sei se essa conexão veio da infância até hoje e eu num me importo muito com estudo. Eu vou mais pra o lado do empreendedor que esse lado de estudo, do próprio negócio, porque meu pai sempre teve o próprio negócio dele, ele nunca foi de tá trabalhando para ninguém. Teve o tempo que ele foi pra o Rio de Janeiro, mas lá não deu certo. Passou um ano lá, aí veio pra cá. Aí aqui ele comprou o toyota com o pai dele, aí começou a trabalhar no toyota, foi dando certo até hoje.

César reúne alguns fatores importantes que poderia potencializar sua vida nos estudos e dar a ele a carreira que seu pai sonhara. Ao afirmar a disponibilidade do pai em investir financeiramente em um curso de seu desejo, ele demonstra que a possibilidade de ingressar no ensino superior foi cogitada, mas refreada pelo cálculo entre o “empreendedorismo” e seu “gosto” pelos estudos.

O investimento do pai para que seu filho seguisse uma carreira por meio da escolarização não foi suficiente para substituir o desejo de César em seguir o mesmo caminho que o pai. O contexto que ele foi inserido desde cedo, foi uma realidade que observava o sucesso do pai em seus empreendimentos e isso o tornou referência na vida profissional. Lahire (2001, p.39) discute essa pluralidade de contextos nos quais os indivíduos estão inseridos, cuja junção dirá o grau do *stock* e da reflexividade do ator.

A partir do momento que um ator foi colocado, simultânea e sucessivamente, no seio da pluralidade de mundos sociais não homogêneos, e por vezes mesmo contraditórios, ou no seio de universos sociais relativamente coerentes, mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então estamos perante um ator com o stock de esquemas de ações e hábitos não homogêneo, não unificado e com práticas consequentemente heterogêneas (e mesmo contraditórias), que variam conforme o contexto social no qual ele será levado a evoluir. (LAHIRE, 2001, p.39).

No caso de César, o contexto escolar e o contexto familiar entram em conflito a partir do momento que ele não consegue “se ver” seguindo uma carreira de cunho acadêmico. Apesar do desejo do pai, o contexto familiar prevaleceu com maior intensidade a ponto de se tornar referência para o jovem empreendedor. No dizer de Lopes *et al* (2012, p.17) “o grau de fixação e a força ou a fragilidade das disposições dependem, em grande medida, da frequência com que são requeridas, ativadas e atualizadas contextualmente”.

Quando os capitais escolares não foram devidamente desenvolvidos a ponto de haver a incorporação de códigos e condutas, este universo, apesar de ser um desejo do pai, não se tornou o projeto de vida de César. Do contrário, o contato desde cedo com a oficina e experiência familiar de sucesso nos empreendimentos ofereceu maior grau de ativação de suas disposições individuais: “eu acho que minha mente é mais pra isso [se referindo aos negócios do pai] do que pra estudo. Tipo, eu acho que se eu lutar pelo que eu quero, então eu posso chegar aonde meu pai chegou, sem precisar de estudo”.

Nos dizeres de César, seu pai chegou além do esperado, quando não tinham muitas condições financeiras e esse passo foi para ele uma importante referência de vida.

No começo de tudo era o toyota. O toyota era a vida dele, além dos animais que ele criava. Mas o toyota sempre foi o principal ali. Aí depois que a gente veio pra cidade começou comprando casas (tem seis casas aqui na rua), a oficina (de motos). Mas, além disso, tem o caminhão [pipa] agregado no exército, tem uma van na prefeitura...

Fato consumado da grande influência que o “pai empreendedor” exerceu sobre César é o seu relato acerca das influências familiares. Quando perguntando sobre essas influências nas suas decisões pessoais, ele respondeu que tinha “apego” tanto ao pai como à mãe (sua namorada inclusive relata que ele tem mais apego à mãe⁷¹). Todavia, sempre que se refere à vida profissional seu pai é um “exemplo” a ser seguido. Em sua fala sobre as decisões da família ele revela a importância que seu pai ocupa neste contexto: “nessas coisas quando vai tipo, vou comprar alguma coisa, pai vai comprar pra mim, sempre conversa os três. Aí conversa eu e pai, ‘pai é isso?’. Aí mãe vai fala também, se der pra fazer...”.

⁷¹ Em entrevista realizada com ela após a entrevista de César.

Em sua fala, César demonstra a clara influência que seu pai exerce sobre suas decisões. Com isso, a experiência em que está inserido permite desenvolver uma visão “empreendedora” de negócios, cujas disposições são acionadas e potencializadas a partir deste contexto (LAHIRE, 2001).

Diferentemente de Fábio, César teria condições para dar prosseguimento aos estudos se quisesse. A ascense que seu pai empreendeu ao longo dos anos (WEBER, 2004) permitiu a margem necessária à escolha da carreira que pretendesse e, por conseguinte, a saída de uma eventual reprodução da profissão do pai. Em uma escolha lúcida ele busca seus objetivos naquilo que julga mais adequado ao seu contexto.

César pretende, ainda, ingressar no ramo da confecção montando seu próprio fabrico. Seu grau de projeção futura tem objetivos claros e bem definidos, com uma reflexividade tácita daquilo que pretende realizar. Seu sucesso profissional, no seu modo de ver, está atrelado a esta nova experiência e a noção de sucesso não passa pelo crivo do diploma, mas da realização profissional com retorno financeiro imediato que ele resume na noção de “empreendedor”.

Até agora na minha meta de vida é abrir meu fabrico. Eu acho que esse é meu ponto principal agora. É o meu foco. Desses tempos pra trás aí, eu vinha pensando com ela [se referindo a namorada] o que era que eu ia fazer. Ela mesmo queria estudar. Aí eu pensando bem, eu vi que tava gostando, vendo o pessoal trabalhando com isso e tal. Aí eu ficava pensando, analisando as coisas, depois botei aquilo na minha cabeça ‘eu quero abrir um fabrico’ pra ver se dar certo, aí eu tô pensando em abrir o meu.

Seu pai o aconselhou investir na oficina de motos, que poderia ser uma realidade interessante para aplicar a sua noção de “empreendedorismo”. No entanto, por se tratar de uma “sociedade” no negócio ele prefere seguir seu próprio caminho e para isso já pesquisou preços de materiais, calculou os custos, está vendo qual produto vai fabricar, para onde levar, enfim, fez previsões que o fazem refletir em favor do fabrico.

A minha principal influência [para montar o fabrico] é eu. Eu tô focado naquilo dali, mas quem tá me ajudando bastante é ela [a namorada]. Eu quero mexer com isso também porque eu vejo que eu gosto. Eu vejo que eu posso me dar bem ali, entendesse?! E também por causa dela que já mexe, tem um bom conhecimento ali, tal.

Sua namorada já trabalha numa grande empresa da região e tem falado sobre a confecção para César. Apesar de achar que sua influência se dá única e exclusivamente a partir dele mesmo, o contexto que está inserido (seu pai toyoteiro, sua namorada trabalhadora da confecção) faz com que sua escolha seja pautada pelas influências locais, revelado na sua

expressão “vendo o pessoal trabalhando com isso e tal. Aí eu ficava pensando, analisando as coisas, depois botei aquilo na minha cabeça ‘eu quero abrir um fabrico’ pra ver se dá certo”.

Neste caso, o desejo “empreendedor” somado ao contexto de proximidade com a confecção ativam a disposição individual e sucumbe o desejo de uma trajetória escolar. Na discussão feita por Lopes *et al.* (2012, p.17), “os indivíduos podem ter diferentes níveis de reflexividade em contextos sociais diferentes. Alguns contextos podem estimular mais do que outros a aquisição, o desenvolvimento e a ativação de competências reflexivas”.

Outra discussão que emerge neste ponto é a noção de “sucesso” ou “insucesso” para os jovens. Aquilo que porventura seria o êxito da vida profissional através de um grau de escolarização elevado, para César não é definidor. Isso demonstra o quanto estas noções são relativas a partir do contexto em que se está inserido e reacende o debate do sucesso pela via da escolarização⁷². Mesmo assim, é preciso ponderar, ainda, que os contextos são mutáveis e a ideia de sucesso que César tem, pode ser modificada e/ou ampliada.

Podemos supor que após a montagem do seu fabrico o jovem trabalhador possa ingressar em algum curso para auxiliar nos seus empreendimentos e isto o tornará mais dinâmico. Com esta conjectura, pretendo chamar a atenção para o fato de que os contextos não necessariamente são assimétricos, mas podem confluir e até mesmo se complementarem. Nos termos de Lahire (2004, p. 29), “o mesmo corpo passa por estados diferentes e é fatalmente portador de esquemas de ação ou de hábitos heterogêneos e mesmo contraditórios”.

Ao término das entrevistas César ainda trabalhava administrando a oficina de motos e estava calculando todas as medidas necessárias para o êxito de seu novo empreendimento⁷³. Não há como afirmar se o seu fabrico terá o sucesso que ele espera e classificar sua trajetória como uma “história de sucesso” sem passar pelo crivo escolar, pois o lapso de tempo que compreende a montagem do fabrico e os resultados por ele obtidos ultrapassam os limites do campo de pesquisa. Indubitavelmente, o que faz deste retrato um recorte interessante para se pensar as possibilidades no campo da confecção é o ingresso através do investimento provocado pela ascense.

Quando alguém que ingressa no ramo da confecção resolve “economizar” em vista de um futuro desejado, as estruturas passam a abrir margem de ruptura que podem ensejar a

⁷² Cujo debate não é o foco da pesquisa, mas faz-se interessante sua menção para que haja a devida provocação acerca da discussão.

⁷³ Este é um limite do campo de pesquisa do qual não temos controle e por se tratar de uma trajetória importante de um jovem que tacitamente escolheu não cursar a Universidade, penso ser relevante não deixá-lo de fora, ainda que sob os riscos de realizar um retrato sociológico calcado em conjecturas.

eventual saída dele próprio ou da geração posterior (como no caso do pai de César). Comprar uma máquina própria, ir começando a montar seu empreendimento, pegar “peças dos outros”, confeccionar peças de pequeno valor e/ou com baixo custo, etc. são possibilidades que vão aos poucos reduzindo o grau de força do ciclo reprodutivo da confecção. Quando somados a outros contextos que favorecem essa dinâmica, o ator plural tende a uma maior capacidade de incorporação das regras do jogo e manter-se na posição desejada, dentro do campo da confecção, se torna mais plausível.

Bourdieu (2014, p.102) discute essa relação entre o princípio de causalidade acerca dos desejos e as condições objetivas que o ator/agente realiza em favor da consolidação dessas projeções.

Todo agente econômico é uma espécie de empresário que procura extrair o melhor rendimento de recursos raros. Mas o sucesso de seus empreendimentos depende, primeiramente, das chances de conservar ou aumentar seu patrimônio e, por consequência, dos instrumentos de produção e reprodução que possui ou controla; e, em segundo lugar, de suas disposições econômicas [...], isto é, de sua propensão e aptidão para receber essas chances. Esses dois fatores não são independentes: as disposições em relação ao futuro (cujas dimensões econômicas são uma dimensão particular) dependem do futuro objetivo do patrimônio – que, por sua vez, depende das estratégias de investimento das gerações anteriores –, isto é, da posição atual e potencial do agente ou do grupo de agentes considerado na estrutura da distribuição do capital (econômico, cultural e social) entendido como poder sobre os instrumentos de produção e reprodução”.

Os investimentos do pai em aluguéis de imóveis e carros (que Bourdieu chama de “aplicações dos que vivem de rendimento”) concede a César a noção objetiva daquilo que é o seu futuro sem riscos de retrocessos ou perdas financeiras. Para ele, montar seu fabrico e possuir aquilo que seu pai possui, está na base do realismo prático que sua reflexividade engendra a partir do contexto que está inserido.

Ao invés de sair do campo da confecção, César resolve investir seus esforços para ingressar neste campo e o fato de não se configurar um trabalhador que depende única e exclusivamente da confecção para sobreviver, lhe possibilita um grau maior de reflexividade. O que chama a atenção é o grau de importância legado aos estudos na construção de uma trajetória, mesmo quando o ator reúne as condições necessárias para tal. César sintetiza sua projeção na afirmação convicta daquilo que pretende realizar ao longo de sua vida: “Eu acho que da minha parte, depois que abrir o fabrico, der certo, eu acho que negócio de estudo eu num quero mais nada”.

4.2.3 Duas irmãs e sua trajetórias distintas

Este é um retrato sociológico de duas irmãs, Érica e Nicole, que tiveram em suas trajetórias, experiências muito diferentes com a confecção. A opção por fazer entrevistas biográficas com duas pessoas de uma mesma família objetivou captar os contextos que foram ativadas disposições distintas, sob uma mesma socialização familiar, aparentemente. Em tese, o retrato se restringe às duas irmãs, contudo o leitor perceberá que a história de vida delas é costurada por uma teia de relações que vão tecendo suas trajetórias. Assim, muito mais que um relato de duas irmãs, esse retrato é uma junção das vivências em família.

Para não perder aspectos pontuais de suas histórias, o retrato será subdividido para contar como foi a trajetória de cada uma, ora se complementando, ora seguindo seu percurso próprio.

4.2.3.1 Érica e as “idas e vindas” na confecção

Érica é uma jovem de vinte e nove anos. Fisicamente aparenta bem menos que isso, pois é bastante vaidosa e gosta muito de estar na moda. Sua vida sempre foi no sítio onde mora até hoje e recorda que desde pequena eram os quatro irmãos com seus pais.

Ela é a segunda mais velha de quatro filhos que têm todos quase a mesma idade (diferença de um ano para cada uma deles), sendo dois homens e duas mulheres. Érica recorda, ainda, que na infância conviveu praticamente com seus irmãos e alguns poucos vizinhos que eram suas referências, de modo que os laços familiares sempre foram muitos intensos.

Foi uma infância humilde, mas, assim, tudo que é essencial na vida de uma criança eu acho que eu tive: de liberdade, de viver solto no meio do mato, no rio, correr na terra... A gente vivia numa comunidade um pouco isolada, de transporte na época, de acesso a cidade mesmo, mas, assim, foi uma infância ótima para criança.

Sua mãe, professora, ficou viúva muito cedo e teve de criar os filhos, que ficaram na idade de nove a onze anos. Érica menciona que foi uma fase difícil financeiramente e que para ajudar a família todos da casa tiveram de trabalhar na agricultura para sobreviver.

Quando meu pai faleceu que a gente ficou na idade de 9,10,11 anos, aí a gente teve que ir [para a agricultura] porque a gente criava também, vaca, cabra, aí a gente tem que se virar. Minha mãe ia no período da manhã mais uns dois, para tirar ração [...] e plantar. A gente tinha ajuda dos tios, dos parentes, dos primos também, mas assim, a gente ia e ficava dois em casa cuidando da casa.

A atividade com a agricultura e pecuária ainda hoje é presente na vida da família, que embora seus integrantes tenham outras profissões, ainda mantêm a criação de vacas e cabras. O filho mais novo assumiu a liderança desta atividade, uma vez que seu irmão mais velho é funcionário público e precisa trabalhar durante o dia. Mesmo assim, ainda auxilia em algumas tarefas, pois a ajuda mútua dos afazeres domésticos foi um valor cultivado pela mãe desde cedo.

A gente sempre ajudou, onde a gente morava não tinha água encanada na torneira, nem tinha energia elétrica. Aí eu lembro, assim, as primeiras atividades nossas era colocar água pra casa (os quatro). Aí depois a gente foi ficando maiorzinho, aí era água e cuidar da casa (as meninas) e os meninos ajudar meu pai.

Após a morte do pai, as coisas ficaram mais difíceis e sua mãe teve de trocar de escola e se mudar com a prole para outra casa. Essa nova fase da vida familiar modificou toda a rotina dos irmãos que tiveram de se adaptar à nova realidade.

Pelo fato de estudarem os três irmãos mais velhos na mesma série, sempre tiveram um percurso escolar parecido, de maneira que desde a infância até o ensino médio compartilharam desafios comuns. Érica afirma que sua mãe sempre fez questão que eles fossem exemplo, pelo fato de serem filhos da própria professora que lecionava: “ela [mãe] cobrava da gente [...] porque ela sempre disse que era pra gente dar exemplo ao outros (que a gente estudava com primos) e era pra gente ser comportado, estudar, dar exemplo aos outros, porque tinha que começar de casa”.

Essa cobrança era “punida” quando não era realizado aquilo que sua mãe colocava e a sanções ocorriam de diversas maneiras. Tal fato fica evidente quando na mudança de escola as crianças tiveram de “repetir de ano”, pois sua mãe julgava alguém do esperado para aquela série: “A gente tava na primeira série, ia pra segunda. Aí quando ela viu o nível dos outro da turma, aí ela disse ‘não, vou repetir vocês tudim. Vocês tudim vão fazer a primeira série, pra vocês se familiarizarem com a escola, e tal’. Aí todo mundo repetiu de ano e ficou”.

A severidade com que a mãe de Érica tratava os estudos ambientou um contexto de autodisciplina e formulou as bases necessárias às aptidões aos capitais simbólicos cobrados pela escola. Desde cedo, as crianças tiveram contato com a leitura e a escrita e isso foi fundamental na construção de seus conhecimentos.

Minha mãe dava aula numa casa, num era nem numa escola, aí ela era tudo, merendeira, professora e tal. E nesse lugar não tinha espaço para biblioteca, tudo era feito lá em casa. Aí ficava lá em casa, os livros. [...] A vida dela era cuidar da casa, dar aula, fazer essa merenda pra os meninos... ela ensinava multiseriado, todas as coleçõeszinhas de livro que vinha pra essa escola, ficavam lá em casa, aí a gente desde cedo, assim... eu mesmo não gostava muito de ler...Sempre tinha um que

gostava mais, aí minha irmã, no caso, ela quem lia pra o restante, os três mais novos. Aí pronto, a gente leu esses livros quase todos.

Esse acesso ao material e aos ensinamentos de sua mãe fez com que o contexto escolar fosse desde cedo cultivado por ela, que se tornou a principal referência na vida dos filhos.

Ao criar um ambiente favorável à escola, eles sempre “se interessaram” e conseguiam ser bons alunos. Entretanto, no que se refere aos conteúdos Érica relata que sempre encontrou muitas dificuldades: “eu sempre fui muito ruim em matemática, sempre criei uma coisa pra o lado de Letras, de Humanas, porque matemática eu não sei nem se fui alfabetizada, né?! [risos]”. Sua disposição para “o lado de letra, de humanas”, se justifica no contato desde cedo com a leitura e com as artes.

Eu sempre gostei mais de escrever do que de ler, eu gostava de saber das histórias, saber o que tinham nos livros, mas eu tinha preguiça de ler. Sempre tive, até hoje tenho. Eu gostava de ler [na infância e adolescência] revista de fofoca, gibis, poesias e livro de historinha, quando já grande. Mas eu tinha preguiça. Eu não sei se é porque as poesias e os livros que eu tinha acesso era de uma linguagem tão miserável de ruim, tão ruim, que eu não entendia quase nada. Uma coisa que eu sempre gostei de ler foi letra de música. Tinha uns discos que a música principal vinha com a letra, eu gostava de ler.

Seu relato acerca da sua atual “preguiça” para a leitura será debatido em sua trajetória acadêmica. Por ora, é importante salientar que as disposições para a área de letras e humanas foram despertando a partir do momento que o contato com esse universo foi incentivado desde cedo.

Outro elemento que Érica faz questão de mencionar é o lugar que a religião ocupou na sua formação. Seu contato com esta realidade possibilitou ir além do ciclo restrito de convivência com os irmãos e possibilitou a ativação de novas disposições.

Desde que eu lembro, da gente pequeno, morava um pouco distante, a gente ia todo domingo para a igreja. Meu pai, minha mãe, sempre muito religioso, muito católico. A gente inventou de entrar no coral (muito pequeno ainda), de cantar na igreja e é uma coisa que querendo ou não a gente desenvolve. Assim... da gente ficar mais dinâmico, de falar com o pessoal, de interagir com uma turma que não é só sua turma de escola, sua turma de seus amigos... amplia mais o ciclo [círculo], né?! Aí pronto, a gente foi gostando dessa coisa de...deixando de ser “matuto” e depois entrou na ‘liturgia’, fez uns cursos de liturgia, fazendo leitura na igreja... É uma coisa que acho que ajuda muito a você se desenvolver, a sair daquele grupinho restrito de casa, dos grupos familiar, da escola, vai ampliando, né?! Vai conhecendo pessoas que você não convive.

Deixar de ser “matuto”, na visão de Érica, é incorporar novas formas de conduta que possibilitem novas sociabilidades, diferentes das que o mundo rural engendrou por meio da socialização primária (BOURDIEU, 2006). Essas regras, a gramática social, a *hexis* corporal, são elementos que são compartilhados em grupo e, uma vez fora do contexto inicial

emplacam as devidas sanções que outro contexto possui, pelo fato de não fazer parte do grupo social que se foi incutido tais ensinamentos.

Essa violência simbólica se dá nos vários espaços sociais e a escola como um dos primeiros ambientes de convivência social se torna o lócus que esse processo acontece com bastante ênfase. Acrescido à escola, a religião concedeu a Érica disposições das quais ela não possuía e o conjunto dessas disposições foi importante na produção do *stock* que cresceu-se ao longo de sua trajetória.

Para comprar “besteirinhas” que uma jovem de sua idade necessitava durante o ensino médio, Érica precisou trabalhar, pois sua mãe não podia custear essas aquisições. É aí que entra a confecção. Ela ingressou quando tinha dezesseis anos, por influência da mulher de seu tio, natural de Santa Cruz do Capibaribe, que ao casar veio residir no sítio onde eles moravam. Mas, o encanto maior de Érica era com a “costura particular” onde ela pudesse colocar em prática os desenhos que fazia.

Minha mãe incentivou porque eu sempre quis costurar, mas não uma costura ‘sulanca’, como fala. Eu sempre quis aprender a costurar particular naquela ‘maquininha’ porque minha mãe costurou muito. Sem saber muito, mas aprendeu. Depois que casou teve os filhos e ajudou muito ela [a costura]. Minha madrinha quem costurava, ela quem fazia umas roupas nossa, sabe?! Eu sempre achei muito bonito. E sempre gostei dessa coisa de moda, inventar roupa para minhas bonecas, com resto de pano. Eu sempre achei o máximo isso! Mamãe sempre falava que um dia ia me colocar para eu aprender corte e costura, e eu sempre fiquei ‘naquela’, mas nunca entrei numa escola [voltada à costura].

O desejo de Érica em criar seus próprios modelos e fazer “moda” explicará muito a sua disposição na confecção. Por ora, é preciso ponderar o seu ingresso na confecção pela via da necessidade, mediante o contexto que ela estava inserida.

Durante sua passagem pelo ensino médio, Érica, assim como seus outros irmãos, tinham poucas perspectivas de cursar o ensino superior, haja vista que a universidade ficava longe e a sua mãe não tinha condições financeiras para tal.

Na realidade eu nem sabia o que eu queria porque assim, como a gente não tinha essa perspectiva de uma universidade próxima, a gente não sonhava “ai, meu curso dos sonhos é ser isso, ou meu curso dos sonhos é ser aquilo!”, que nem tem menina “ai eu vou ser médica, ai eu vou ser isso, vou ser aquilo”. Eu nem tinha, porque assim, desde muito novo a gente sempre foi muito consciente da nossa realidade, num dava muito pra sonhar em ser essas coisas – pelo menos eu não lembro sendo. Como eu via minha mãe sendo professora, teve aquela ‘vontadizinha’ de ser professor, de querer ensinar alguma coisa. Também já vinha na parte da igreja de eu ficar com grupo de catequese. Aí você vai se familiarizando, gosta de lidar com gente, de ensinar alguma coisa a alguém. Mas, assim, não era um sonho.

Na formulação das disposições para os estudos duas instituições sociais despontam no relato de Érica: a família (na figura da mãe) e a igreja (quando ela assumia a função de catequista). No entanto, esses dois contextos sozinhos não foram suficientes para desenvolver projeções futuras de muita ambição, pois o nível de conjecturas de um indivíduo está fincado na base do realismo prático e o princípio do cálculo é ditado pelas condições a que ele está submetido (BOURDIEU, 2014). Na sua fala em relação ao “curso dos sonhos” ela revela a inviabilidade de desmensuradas expectativas mediante a sua realidade.

Tal conjuntura se modificará a partir do momento que outras forças influenciarão a trajetória de Érica. A figura de um professor e um conjunto de políticas públicas, que viabilizaram seus sonhos, constituíram novos contextos de ação e possibilitaram um grau maior de reflexividade.

Ela relata que durante o ensino médio as perspectivas eram terminar o terceiro ano e trabalhar. Foi aí que chegou um professor “cheio de vontade” que se tornou amigo - dela e de seu grupo - e os incentivou a dar continuidade aos estudos.

Aí chegou esse professor, que meio que jogado assim, tipo ‘tapa buraco’, e ele era um professor jovem (com uma diferença de idade). Era uma pessoa, assim, animada e falando que a gente era o futuro. A escola com muitos professores antigos, com idade de se aposentar, meios desmotivados, era meio desmotivador pra gente. [...] Se tornou nosso amigo e quando viu que a gente tinha uma carência [...] quis suprir, quis nos dar uma força, perguntou se a gente tinha interesse de continuar os estudos e nós, todo mundo jovem, tinha vontade, ou por influência, ou pra sair de casa (de uma maneira ou de outra), despertou aquela vontade. Aí pronto, ele dava a disciplina dele como podia (que também não era a formação dele), mas nos ajudava na parte que ele entendia mais. Se a gente quisesse reforço, se a gente quisesse livro (que tinha uma antiga biblioteca na cidade), tinha uns livros muito bom, se a gente quisesse ele tinha acesso e nos emprestava. Aí pronto, a gente combinou uma turma e ele vinha pra o sítio (a gente dava a gasolina para ele vir) e ele deu umas aulas de um ‘bucado’ de coisa. Disse como era mais ou menos a universidade, nos apresentou como eram as inscrições (que na época não por internet, como é hoje), nos levou para nossa primeira inscrição e nos auxiliou (organizou a documentação) e levou a gente para a inscrição desse primeiro vestibular.

O professor que ajudou o grupo de jovens possuía identificação com eles. Seja pelo fato de ser do mesmo município e ter passado pelas mesmas condições, ou até mesmo pela idade, o que é válido salientar é que houve uma aproximação que acabou por desenvolver influências. Esse contato, nas palavras de Lahire, (2004, p.37), produziu “relações com forças externas” que desembocaram na formação de um novo contexto e a figura do professor proporcionou isto.

Outro fator externo que acresceu as chances objetivas de cursar o ensino superior foi a expansão das universidades que implantou vários *campi* em cidades do interior.

Chegou o campus mais próximo, a gente viu a oportunidade. A gente sempre foi consciente que pra longe a gente não podia ir que ela [mãe] não tinha condições de nos sustentar numa cidade grande, longe. Tanto porque ela precisava da gente ajudando, como não tinha condições. O salário que ela recebia não dava pra manter todos e os três [irmãos]. Se interessavam [interessasse pelos estudos], ela não ia lá e deixar os outros em casa, entendeu? A gente foi mais se adaptando as realidades. Quando a gente terminou [o ensino médio] abriu o campus perto, no Cariri. Aí foi a oportunidade que a gente viu de ir.

Esse fator foi de extrema importância para modificar o cenário inicial e atenuar a eventual estrutura que impelia a trajetória de Érica. Entretanto, outra dificuldade que surgiu foi a escolha do curso, pois teve de optar pelo turno da noite já que era o único horário de havia transporte para a universidade.

Quando veio os campus [...] fui ler todos os cursos [folders de divulgação]. A maioria eu não entendia o queria dizer aquilo, mas enfim. Eu vi que Ciências Sociais era mais leitura e tal. Eu até que me agradei. Foi quando a gente fez, não passei e tal. Aí minha irmã começou fazer, um ano ou dois antes de mim. E depois meu irmão passou pra Agroecologia. Aí eu não queria. Também não podia. Não tinha condição de estudar pela manhã, tinha que escolher um a noite. A noite só tinha três cursos. Aí como minha irmã foi fazendo e ela chegava em casa e ia contar, e eu gostava de saber e tal, fui achando aquilo bem familiar. Não achei aquela coisa do outro mundo e me interessei pela temática. Fui fazer o cursinho e disse “oxe, vou fazer esse aqui mesmo!”, aí pronto.

A nova conjuntura de Érica também foi refletida a partir das chances objetivas que o seu contexto possibilitou. É preciso considerar que certo “conjunto de forças externas” é concorrente com outros “conjuntos de forças externas”. Essas forças podem confluir e/ou entrar em atrito na formação de um contexto e, por conseguinte, de suas disposições; quando unívocos, o grau de formação das “disposições permanentes” tendem a ser maior e, quando não, os contextos tendem a ser mais efêmeros e produzir “disposições sob condição” (LAHIRE, 2001, p.70).

Em ambos os casos, entra em cena a reflexividade do ator ou o domínio de si (LAHIRE, 2001, p.75), isto é, o ator diante da pluralidade de forças e de contextos, reflete e pondera aquilo que mais lhe convém no momento de suas escolhas. É importante destacar, ainda, que o ponto de ruptura de um contexto com outro nem sempre é um ponto bem demarcado e as barreiras entre eles são muito baixas. Desse modo, as disposições adquiridas nos diversos contextos vão compondo o *stock* de cada indivíduo ao longo do tempo, cuja (re)ativação se dará em situações diversas.

A despeito de não ser o curso dos sonhos, Érica fez a escolha pelo turno da noite e manteve-se até o final. Para arcar com os custos da universidade precisou voltar para a

confeção, só que agora em outro fabrico⁷⁴. Trabalhava durante o dia e estudava a noite, e nas madrugadas e finais de semana fazia os trabalhos e lia os textos.

Sua estadia na universidade foi marcada principalmente pela falta de tempo e pelo “não acompanhamento” dos conteúdos. Se os contextos já explanados fizeram com que o ingresso de Érica na universidade fosse concedido, eles não foram suficientes para a produção do *stock* necessário à obtenção das disposições necessárias à academia e mais precisamente ao curso escolhido.

Fiz um curso que aproveitei, dei tudo de mim. Além das dificuldades pessoais que você tem para compreender determinados assuntos, de absorver determinados conteúdos - nem todos que você [vê] compreende bem. Aí eu tentava aproveitar o máximo nas aulas porque tempo de ver vídeo explicativo ou de ler livros... eu também não tinha internet em casa, a internet que tinha era na universidade, não tinha celular com internet, como hoje eu tenho. Aí assim, se você tinha alguma dúvida, num dava para eu tirar essa dúvida [com relação aos conteúdos]. Aí foi meio que na garra.

Cursar na “garra” significa dizer que na condição que Érica tinha, o que se podia fazer era aquilo que foi feito. Ela não desenvolveu as aptidões (capitais) necessárias à progressão e sucesso no campo acadêmico e no subcampo de seu curso. Essas aptidões não foram devidamente ativadas a ponto de constituir uma “disposição permanente” e de realizar uma projeção futura. O que ocorreu, no dizer de Lahire (2001, p.75), foi a formação de uma “disposição sob condição” que não exclui a experiência vivenciada, mas não possui o cabedal necessário à disposição duradoura, incorporada e tornada natural em seu cotidiano. Com a palavra, o autor:

Se essas forças exigem por vezes de nós, outras coisas que não podemos dar, então não temos geralmente outras opções senão encontrar uma outra forma de continuar a viver - o menos mal possível – no mesmo contexto (adaptação mínima), senão mudar de contexto (fuga) ou transformá-lo radicalmente para que seja mais possível vivê-lo (reforma, revolução). Da natureza dos contextos que somos levados a atravessar, depende o grau de *inibição* ou *recalcamento* de uma parte mais ou menos importante da nossa reserva de competências, de habilidades, de saberes e saber fazer, de maneiras de dizer e de fazer das quais somos portadores (*ibidem*.p.77)

Érica conseguiu no último ano do curso uma bolsa de estudos que a motivou a permanecer na universidade. Ela relata que além de ajudar no financeiro, foi importante na construção de conhecimentos pertinentes à sua formação, o que reforça ainda mais a noção de adaptação ao contexto acadêmico através de um conjunto de fatores externos (neste caso, a política pública).

⁷⁴ Ela havia deixado por um pequeno lapso de tempo, para poder fazer o cursinho pré-vestibular.

O fato deste conjunto de fatores externos permitirem a adaptação ao contexto em que ela estava inserida não significa dizer que os demais contextos foram sucumbidos ou substituídos, mas ativados conforme as necessidades. Lahire lembra que algumas competências, hábitos e disposições permanecem “inertes, entorpecidos, sonolentos, que ficam à espera (da sua hora) ou em suspenso temporariamente ou mais duradouramente (2001, p.75)”.

No que se refere à adaptação de Érica na universidade sua fala inicial, que registra uma “preguiça para leitura”, revela a incipiente formulação de uma disposição acadêmica, sobretudo em sua área. A igreja, sua mãe como referência, os incentivos do professor e o conjunto de políticas públicas compuseram a noção de importância de ingressar no ensino superior, mas não foram suficientes para compor uma disposição permanente à vida acadêmica (ao menos no curso que ela ingressou).

Eu acho que eu fui muito pé no chão da nossa realidade o tempo todo. Até um pouco pessimista [risos]. Eu fiz porque era uma coisa que eu quis fazer. Eu paguei um ano todinho de cursinho pra fazer alguma coisa e acho que me esforcei. Não me cobro mais porque acho que eu me esforcei o tanto que eu pude, dentro da minha realidade. Também não fiz o curso forçado, contando os dias pra terminar. Aproveitei o máximo o que eu pude. Achei muito massa todas as temáticas.

Érica menciona em seus depoimentos que ao terminar o curso, sua irmã e alguns de seus amigos já estavam formados na mesma área e isso inviabilizou o prosseguimento neste campo. O que ocorre, é que além de ser um curso do qual ela não almejava a “inflação de títulos acadêmicos” (BORDIEU, 2014, p.167), originada pela participação de pessoas de seu convívio na mesma área de atuação, culminou na formação de um contexto que refreou momentaneamente possíveis disposições à continuidade no campo. Evidentemente, o tempo que ela passou na universidade produziu disposições (ainda que não sejam “sob condição”) das quais ela carrega em seu *stock* e poderá ser ativado no momento que for oportuno (LAHIRE, 2004, p.37).

Quando terminou seu curso, Érica continuou na costura trabalhando no mesmo fabrico que havia ingressado quando ainda estava na universidade. Em seguida, esse empreendimento fechou e ela voltou a trabalhar com a esposa de seu tio, onde havia começado sua história na confecção.

Nesse ínterim, ela começou a comprar peças de roupa em Santa Cruz do Capibaribe para revender em sua localidade. Atualmente ela divide seu tempo na facção que trabalha, na compra destas peças e nas segundas-feiras vai à cidade para comercializar seus produtos.

Suas vendas começaram ainda na universidade quando suas colegas pediam para trazer peças parecidas com as que ela usava. O gosto pela moda, a ida às feiras do Polo e o contato com esse universo, despertou, ainda na academia, aptidões importantes na formulação de um contexto paralelo à sua formação e isso será ativado mais tarde quando ela resolve se tornar vendedora.

Eu pensava e sempre gostei muito de ir no Polo, sempre ia lá comprar coisa pra mim e tal. Na universidade eu lembro que as meninas gostavam das minhas coisas. Teve coisa tipo, de eu ir com um vestido e as meninas me dizer “ei, me vende”, aí eu vendi ainda umas três roupas a uma menina lá da universidade que na cidade dela as coisas eram muito cara. Mas, assim, não foi uma coisa planejada, não foi de jeito nenhum.

Segundo Érica, as vendas não foram planejadas como um futuro calculado em sua trajetória, contudo, quando se observa o percurso de suas vivências é possível constatar um conjunto de experiências que ensejaram a formação de um contexto favorável à concretização de tais atos.

A partir do momento que terminou seu curso e não prosseguiu na carreira, o contexto que ela estava despertou as competências que permaneciam em “estado de vigília” (LAHIRE, 2004, p.37), isto é, quando desde pequena tinha o sonho de costurar, depois passou a trabalhar na confecção, durante o período na universidade sempre ia às feiras para comprar suas próprias roupas, etc. tudo isso foi fomentando disposições, ainda que de modo secundário. Lahire pondera que “em cada escolha ou situação que surge, uma parte das disposições do indivíduo é colocada em estado de vigília, de forma mais ou menos duradoura. É como se fossem ‘colocadas na surdina’ ou se extinguissem durante um período mais ou menos longo” (*ibidem*).

Mediante o cenário que se encontrava, Érica viu na confecção a possibilidade de nela se projetar, por ser uma realidade dentro das chances objetivas que ela considera razoável e sua decisão se dá pelo conjunto de influências, no contexto que está inserida, balizados em um realismo prático de sua consciência.

Como o que a gente recebe da costura não é lá grandes coisas... Todo mundo que faz isso sabe! A não ser que trabalhe dia e noite, que ganhe um dinheiro a mais, mas você fica ‘exaustivo’, não tem vida social. A não ser os donos! [...] Nunca pensei em fazer outra coisa “eu quero isso, eu quero aquilo”, “ganhar muito dinheiro”. Aí, eu disse, “mas rapaz, eu podia vender alguma coisa”. Não tinha um real. Aí eu lembro que meu irmão tinha vendido uma moto, aí eu disse “tu me empresta R\$ 1.000,00?”, ele disse que emprestava. Eu disse, eu te pago em tantos meses, ele me emprestou, aí eu fui em Santa Cruz, comprei esses mil reais de coisa, de qualquer jeito, sem nenhuma noção de nada. Aí pronto. Comecei, não sei se aumentou muita coisa e num me arrependi não. Não faço as contas no fim, pra ver se tá dando certo ou errado [risos]. Eu sei que eu me divirto, eu gosto.

As influências na composição de um novo contexto reativaram as experiências anteriores e formaram novas competências e aptidões. Érica relata que era uma pessoa tímida e que não se via de maneira alguma vendendo peças de roupas numa feira, mas que hoje encara com muita normalidade, de modo que para ela se tornou rotina.

Eu me lembro que quando eu ia pra feira [na cidade onde vende], nos últimos tempos, eu dizia “meu deus, a pessoa vir pra essa feira!”. Sempre fui muito tímida, não me via interagindo com ninguém e comércio você precisa lidar com todo tipo de gente e tal. Eu não tinha um pingão de carisma pra isso. Não gostava. Ficava feliz quando as meninas gostavam das minhas coisas, mas eu nunca pensei. Hoje é uma coisa que eu me divirto. Quando as meninas me encomendam uma coisa, pra eu ir [para Santa Cruz] eu acho muito legal ir fazer as compras. É uma coisa que ocupa minha cabeça. Eu acho que não me arrependi por isso, assim.

O “arrependimento” a que Érica se refere é o fato de não ter seguido a carreira acadêmica como sua irmã e manifesta bastante satisfação naquilo que faz por ora. A reflexividade acerca *do que fazer*, entre a universidade e a confecção, foi realizada em favor da continuidade nas vendas de seus produtos e trabalhar na facção. Hoje, ela se vê “feliz” com o que faz e isto possibilita uma qualidade de vida da qual ela não faz questão de abrir mão.

Eu prezo muito pela qualidade de vida e eu acho que eu tenho uma vida muito boa. Aí eu fico fazendo as contas dos amigos que foram mais bem sucedidos – que eu louvo e fico muito feliz por eles - mas os que foram mais ou menos, ou aqueles que tem uma vida financeira boa, mas não tem qualidade de vida, entende?! Aí eu penso assim: se eu tô com minha família, todos os dias, que eu tenho determinado período da vida com ela [mãe]; Chega o final de semana a gente se junta; se eu sair pra uma cidade pra ganhar um salário, que não seja na minha área ou que não supere, que não dê pra eu viver bem, pra eu ter uma qualidade de vida boa, pra eu sofrer com o transporte público, com violência, com poluição, me alimentando mal, sem fazer um exercício, um trabalho que acabe com meu psicológico e eu não tenha condições de ver meus familiares, de eu ter a vida que eu tenho, no fim de semana com meus amigos, frequentar a igreja... eu fico pensando todas essas coisas. Posso não tá naquilo que eu sonhei, mas pelo menos quando eu coloco na balança eu sei que tenho uma vida boa. Posso não tá financeiramente bem realizada, mas nos outros aspectos eu tô. Também nunca fui de querer ganhar, de ter muito dinheiro, eu sempre acho que a paz e a vida mais tranquila me deixa mais satisfeita de que ter mais dinheiro e num tá feliz com o resto. Eu tô satisfeita hoje em dia, num tenho do que reclamar não.

Essa escolha tácita que Érica opta por vivenciar tem sua explicação na formação do seu *stock* de aptidões. Em um de seus relatos acerca dos momentos de lazer, ela pontua que mesmo já tendo saído para “fora”, estar em contato com a cidade grande não lhe encanta.

Shopping é uma coisa que não me atrai, definitivamente. Eu acho que não é meu mundo. Assim, é uma coisa que se eu for ali pra comprar uma coisa ou pra dar a alguém ou uma coisa que esteja com muita vontade... é uma coisa que na realidade se você quiser comprar na internet eu compro né?! Mas assim, se meus amigos me disser, vamos passear no shopping ou fazer outra coisa, eu prefiro a outra coisa. Eu vou mesmo preferir a outra coisa, porque não é uma coisa que me ‘encham’ os olhos.

E depois tem aquele sentimento que eu não pertencço aquele mundo, porque hoje em dia a galera veste qualquer roupa e vai pra o shopping... vai comprar 'bosta' nenhuma! Num só tá ali quem só vai consumir. Não me enche os olhos, entendeu?!

Ao se referir à “galera” jovem que vai ao shopping e não faz compras Érica está ponderando o fato de que, mais que um espaço para comercialização o shopping é um lugar de sociabilidade que o gueto juvenil encontra para consagrar os ritos sociais, a partir do grupo que se está vinculado. Este não é o caso dela. A partir do momento que seu *habitus* primário engendrou uma visão de mundo pautado no modo de vida rural, este passou a formular o *stock* de disposições que ao longo do tempo – mesmo sob estado de vigília em alguns momentos – orientou suas percepções.

Podemos nos perguntar em que medida esse *habitus* desempenhou tamanha influência na sua trajetória e a resposta pode ser encontrada na sua fala acerca das mudanças de concepções ao longo da vida, sobretudo no que refere às feiras.

Eu detestava feira, eu fazia de tudo pra não ir uma feira. Não tinha a menor coisa pra comércio, pra negociar, enfim, matuto! De uns tempos pra cá, comecei a comercializar e eu pensei em reparar assim, e hoje em dia é uma coisa que eu gosto. A feira, a feira mesmo que vende chocalho, que vende couro, que vende coisa de madeira, que vende fruta, que vende... sabe essa coisa bem...?

O momento que Érica passou a ‘gostar’ da feira foi ambientado pelos contextos que ela estava imersa ao longo de sua trajetória, a ponto de se tornar uma comerciante. Assim, pode-se concluir que a soma do gosto pela feira adquirido com o passar do tempo nas idas e vindas ao Polo para comprar suas peças de roupa (e todo o contexto que a levou a ser comerciante), somado às tradicionais feiras de sua cidade, fizeram com que sua percepção acerca dos lugares de comercialização fosse modificada. É de suma relevância destacar o fato de que para ela não se trata de um simples espaço de compra e venda, mas em um lugar onde ela se sente partícipe de “seu mundo”.

Esse “seu mundo” pode ser traduzido nos diversos contextos em que ela se inseriu e que não necessariamente substituíram uns aos outros. Da infância ao ensino superior foram se acumulando experiências que pautam suas percepções e conduzem sua reflexividade. Apesar de modificar sua visão acerca da feira, o mesmo não aconteceu com o shopping, pois as disposições balizadas a partir do modo de vida rural ainda não permitiu tal feito. Em resumo, o seu gosto pelas compra e venda não se dá em qualquer lugar, mas um que pertença ao seu mundo (leia-se contexto).

Érica relata ainda que outro lazer que tem é a fotografia. Gosta de registrar as feiras e as paisagens naturais que frequenta. Além de ser uma coisa que gosta desde pequena (ela

relata que sempre gostou mais de imagens do que de leitura), seu apreço pela fotografia também se explica pela participação dela em uma associação cultural que promove um festival de arte e cultura em sua cidade e da qual ela relata ter tido significativa representação em sua vida.

Segundo ela, este evento surgiu como ideia de preservar o patrimônio cultural e que era um desejo compartilhado pelo seu grupo da universidade. Ao fundarem esse evento e a associação, Érica conta, ainda, que serviu para estreitar as relações que já existiam entre amigos. Hoje, eles se encontram para falar “sobre tudo” e se torna um dos principais lazeres que ela menciona.

O festival e a associação, enquanto momentos e espaços de sociabilidade de Érica fazem com que ela se sinta pertencente a este mundo, de maneira que seus amigos também compartilham dos mesmos valores. O que elucida ainda mais o debate acerca da formulação de seu *stock* de disposições.

Quanto ao seu emprego ela pontua o fato de que a confecção, apesar de ser um trabalho sistemático, possui certo grau de “liberdade” que faz com que ela leve uma vida de jovem como as outras pessoas de sua idade. Sair, andar, viajar, estar com os amigos, etc. possibilita experiências que Érica faz questão de vivenciar.

Quando eu não estou trabalhando eu estou andando, viajando pelo mundo (que dá pra eu ir, sabe?!) [risos]. Eu gosto de andar, de sair os finais de semana porque é uma vida muito presa, sentada [se referindo à costura]. Sexta de noite eu já tô naquela “ai meu deus, vou andar, vou sair daquela prisão [risos]”. Não tô no meu limite no trabalho, porque eu não acho ele o fim, não. Ou eu vou descansar, ou eu vou cuidar em casa, sair com meus amigos, até pra fazer as compras na segunda eu acho uma coisa ótima, porque num é aquela coisa ali dentro da mesma casa com as mesmas pessoas fazendo a mesma coisa é meio monótono.

Érica não possui desmensuradas expectativas em relação a sua vida pessoal e profissional. Para ela, viver o hoje é mais importante que pensar em um futuro sem eventuais chances de retorno. Há uma escolha tácita em permanecer no seu modo de vida, que ela considera bastante saudável e feliz. Isso pode ser constatado na sua fala a respeito das suas projeções futuras.

Eu tenho vontade de ter um lugar pra mim, porque todo mundo tem que procurar seu canto. Ter uma casa, um espaço, na cidade. Eu queria, pra num ter só a casa no sítio e ter um lugar mesmo. Mas, assim, com o que eu ganho hoje eu num fico nem “mirabolando” esse plano não, sabe?! De ter isso não. O que eu tenho hoje, o que eu ganho, não é certo. Você sabe, tem a alta temporada e tem a baixa temporada. Eu não posso fazer nem grandes planos pensando no que eu ganho, que realmente é pouco, eu já sei certo quanto é que dá pra fazer por semana. Eu posso fazer plano dentro daquilo que vou ganhar na semana, mas assim, nem posso, porque tem os “tempos ruim” que pode passar uma feira ou duas e descontrola totalmente. Do

mesmo jeito é as vendas. Mas eu num faço nenhum plano, num guardo dinheiro pra nada e é como eu te falei assim, eu vivo o hoje e pronto.

O princípio da razoabilidade que encerra as decisões de Érica é calcado no seu contexto de ação. As competências de poupar, planejar, calcular e decidir como fazer para incrementar seu negócio, não foram devidamente ativadas, de modo que se constitua uma disposição permanente em seu contexto e possa fazer disso um diferencial. O fato de não possuir estas competências alude ao fato de que para progredir no campo da confecção é preciso incorporar certas regras de conduta e possuir estes capitais simbólicos. Érica relata uma ascense que não dispõe e isso inviabiliza sua progressão e distinção.

Acerca das medidas a serem tomadas para a progressão no campo, Bourdieu discute a relação com as estratégias econômicas que o agente possui e o grau de investimentos que se é feito, mediante o cálculo entre as chances objetivas e a realidade que se contém.

As estratégias econômicas não são respostas a uma situação abstrata e *omnibus*, tal como um estado determinado do mercado de trabalho ou uma taxa média de lucro, mas a uma configuração singular de índices positivos ou negativos, inscritos no espaço social, onde se exprime uma *relação específica* entre o patrimônio possuído e os diferentes mercados, isso é, um grau determinado de poder atual e potencial sobre os instrumentos de produção e reprodução. As chances de dominar os instrumentos de produção e reprodução [...] estão unidas, por uma relação dialética, à aptidão e predisposição para dominar esses instrumentos, isto é, perceber as ocasiões de aplicação e lucro, organizar os meios disponíveis, etc. em suma, a tudo o que é comumente designado pelo nome de “espírito empresarial” (BOURDIEU, 2014, p.99).

Em última análise, o campo da confecção reflete as disposições que o campo econômico, no sentido mais global, possui. As estratégias que Érica precisaria ter, em tese, para dar prosseguimento e aumentar seu negócio e consequentemente estabelecer outra posição no campo da confecção, não são contempladas por ela. Em sua fala, ela deixa muito claro que, por não dispor dessas competências, vive o “hoje” sem pretensões de tentar dominar o seu futuro (*Ibidem*, p.106).

Aí vou fazer um empréstimo, vou fazer uma loucura ou então focar só naquilo, tudo que eu ganhar vou focar só naquilo? Não, num penso nisso não. Penso a longo prazo, se caso for dando certo, porque eu sempre tive muito medo de, tipo, ‘quebrar a cara’. Eu tenho muito medo de quebrar a cara. Então assim, se for uma coisa que se eu investir pouco ou for devagarzinho, se não der certo, vai morrendo, fica ali. Eu penso noutra coisa, se eu me encantar por outra coisa, surgir outra oportunidade. Mas não de apostar todas as minhas fichas e num ser aquilo que eu quero, porque o comércio é um negócio que dá muitas voltas, é muito dinâmico, aparece gente, isso e aquilo.

A noção realista que Érica submete seus negócios tem como base o princípio da objetividade que o contexto permite. “Não apostar as fichas” em um futuro incerto significa dizer que ela não está disposta a pagar um preço do qual ela porventura não obtenha retorno. Nesse sentido, as suas escolhas e projeções futuras são formuladas pelo nível de sua consciência, ou seja, pela sua racionalidade. É comum pensar que estas formas de conduta não possuem racionalidade – no sentido de cálculo e projeção do futuro –, mas é possível deduzir o grau de racionalidade que ela contém a partir das condições sociais que ora ela está submetida. A esse respeito, Bourdieu comenta:

As opiniões se tornam mais realistas, isto é, mais estritamente medidas à realidade, e mais racionais, isto é, mais estritamente submetidas ao cálculo, à medida que as possibilidades efetivas aumentam. [...] A esperança de elevar-se na profissão varia de maneira significativa segundo a categoria sócio-profissional, do mesmo modo que a modalidade dessa esperança. A instabilidade do emprego e a irregularidade dos rendimentos que resulta daí, a ausência de garantias que dizem respeito ao futuro, mesmo o mais próximo, a consciência (exasperada pela experiência) por ter absoluta falta de todos os meios indispensáveis para poder apartar-se da incoerência e do acidente, condenam ao desespero (1979, p.79-80).

A loja de Érica constitui um importante passo para sua realização profissional, mas mesmo assim, sua capacidade de coordenar as ações em vista de um futuro projetado se inibe mediante o cálculo das “probabilidades objetivas”.

[Planos] tenho dentro do meu tempo. Lógico que a gente quer sonhar um pouquinho, mas também num sou “ai, eu vou...”. Eu tento a todo esse tempo montar a loja em casa, hoje eu tenho o espaço⁷⁵. Não sou uma pessoa que rego muito meu dinheiro, eu prefiro o dinheirinho que eu tenho, aproveitar mais as oportunidades que eu tenho de andar, de conhecer as coisas, dentro das minhas possibilidades, de que focar muito nisso [loja] e tipo, investir tantos anos da minha juventude, tudo que eu ganhar investir naquilo e deixar de aproveitar minha vida e ficar presa a isso, num quero. Assim, penso em aumentar, em crescer, logicamente, mas com o tempo, dentro das minhas possibilidades.

Pode-se indagar em que medida a estrutura da confecção exerce influência nas decisões de Érica e, se ao voltar à confecção – ainda que em outro contexto, dessa vez também como autônoma – o ciclo reprodutivo teve/tem algum peso em sua trajetória a ponto de fazer com que suas escolhas não possuam grandes expectativas.

A resposta pode começar pela análise da passagem de Érica pela universidade cuja vivência poderia representar uma eventual “porta de saída” da confecção. Inicialmente é preciso considerar que não contendo as aptidões necessárias para a formação de uma “disposição permanente ao contexto acadêmico” e ao voltar para a confecção com o *stock* de

⁷⁵ Um quarto da casa em que mora que ela reservou para guardar suas compras e atender os clientes que vêm comprar em sua residência.

experiências que dispunha, ao invés de se tornar um contexto com disposições afins e complementares, se tornou um contexto com disposições sob vigília (LAHIRE, 2004, p.37), das quais não necessariamente constituiu um símbolo de distinção ao negócio de Érica. Em outras palavras, as disposições e os capitais adquiridos no campo das ciências sociais não foram transferidos com sucesso ao campo da confecção a ponto de se tornar um elemento de distinção. Do contrário, mantiveram-se sob estado de vigília⁷⁶.

Voltando ao questionamento inicial, pode-se concluir que Érica encontra-se neste momento no campo da confecção. Como o *stock* de disposições compõe o ator plural, essas disposições e os esquemas de ação podem ser reativados a qualquer momento, desde que o contexto favoreça. É preciso lembrar que mesmo não sendo unívocos, os contextos não necessariamente são excludentes. Assim, o fato de possuir em sua trajetória um conjunto de disposições a seu favor (acadêmicas e da confecção) lhe oportuniza um grau maior de rompimento com a estrutura da confecção, ensejando níveis maiores à reflexividade.

Um exemplo disso é que no momento da realização das entrevistas Érica tinha prestado concurso em algumas cidades para ingressar no serviço público. Supondo que ela obtivesse êxito em seus intentos, a confecção poderia deixar de ter um peso sob sua trajetória e até mesmo ocasionar a saída por completo desse campo.

Em sua experiência de vida, a soma das vivências de Érica fez com que a estrutura da confecção abrisse margem para escolhas múltiplas e um grau de reflexividade maior, de modo que a essa estrutura abriu margens e não impeliu suas decisões de forma imperativa.

4.2.3.2 Nicole e a Universidade como porta de saída da confecção

Nicole tem vinte e oito anos. Mais nova que a irmã Érica, também relata com saudosismo sua “infância simples”, marcada pelas brincadeiras e o ciclo restrito aos seus irmãos.

Ela relembra a referência que sua mãe sempre foi na vida da família e sente orgulho pela sua coragem e determinação em criar seus quatro filhos sozinha, depois que seu pai faleceu.

⁷⁶ Aqui, gostaria de abrir um parêntese para problematizar o grau de “sucesso” que um diploma atribui a uma pessoa. É muito comum pensar o sucesso pela via escolar como sendo um caminho de alto grau probabilístico de “êxito profissional”, no entanto, quando não reunidas as condições favoráveis e até mesmo contextuais, pode haver oscilações na trajetória e não incidir o resultado esperado. A título de exemplo, podemos pegar o caso de César (que não pretende cursar a universidade) e compará-lo com o de Érica que, apesar de ter ingressado no ensino superior precisou voltar à confecção.

Mesmo diante das dificuldades financeiras, a família sempre buscou superá-las através de muito trabalho e de algumas estratégias para driblar as dificuldades: “quando precisava de alguma coisa, vendia ‘um ovo’, vendia uma galinha, ou ela dizia... que sempre que um menino ia nascer, ela vendia um bode ou uma cabra pra comprar as coisas do menino; trocava um [bode] por uma cabra de leite, porque aí, quando o menino nascia, o menino ia beber o leite daquela cabra”.

Quando sua mãe conseguiu a vaga de professora em outro município, ela relata que as coisas foram ficando mais fáceis, porém tiveram de continuar trabalhando para poder ajudar no sustento da casa.

Antigamente, antes de mamãe começar a ensinar era disso [que se vivia]: trocava um bicho fazia um negócio, vendia um ovo, vendia a galinha e tal, e era disso que a gente vivia. Depois, quando mamãe começou a trabalhar como professora, aí a gente continuou [na agricultura]. Depois que papai morreu ficou mais difícil, mas a gente trabalhou muito ainda. Eu lembro que na fase que eu estudava o ensino médio a gente tirava muita ração, plantava. Plantava milho, plantava feijão, tirava capim, cuidava dos bichos, eu mesmo já trabalhei muito nisso.

O trabalho doméstico compartilhado por toda a família constituiu, para além da sobrevivência, uma referência moral importante na trajetória de Nicole e de Érica. Mais à frente isso ficará mais evidente quando no término da graduação, Nicole relata que tinha muito “medo” de ficar desempregada.

Essa referência moral acerca do trabalho é endossada quando se está numa realidade mais tradicional, como é o caso de contextos rurais. Bourdieu (1979) observou que na sociedade argelina o trabalho contém uma dupla dimensão, qual seja, da sobrevivência e da adaptação aos construtos morais⁷⁷.

A lógica das relações entre parentes nunca exclui de maneira absoluta a consideração do interesse e do cálculo; do mesmo modo não se considera ser obrigação estar ligado aos deveres da solidariedade senão para com aqueles cuja atitude é testemunho de que são vítimas de uma situação objetiva e não da sua incapacidade ou de sua preguiça (p.66).

A partir do momento que o trabalho assume o papel desencadeador de algumas disposições desde cedo (como a disposição a ser ‘desenrolado’, presente na confecção), seja sob ativação constante ou sob estado de vigília, elas estarão no ordenamento da reflexividade do ator.

⁷⁷ É muito importante ressaltar que esta colocação não constitui a “justificação” do trabalho infanto-juvenil. Bourdieu observou uma realidade tradicional da qual me sirvo teoricamente tão somente para embasar a explicação de como se constituem alguns contextos do Polo, mais precisamente em cidades do interior e de pequeno porte.

As “aptidões ao trabalho” que Nicole e seus irmãos sempre manifestaram se verificam no ingresso da confecção e em outros postos de trabalho que eles ocuparam (como o caso de Érica que trabalha na facção e montou seu comércio; no irmão mais velho que é funcionário público e no irmão mais novo que cuida dos animais da família e ajuda na sua própria casa, onde sua esposa tem uma facção). Diga-se de passagem, que em uma sociedade tradicional, as aptidões ao trabalho como a “coragem para pegar qualquer serviço”, “fazer sem reclamar”, “correr atrás de trabalho”, “ser desenrolado”, etc. são compartilhados e reforçados por instituições sociais como a religião, a escola, a família, entre outros. Assim, para cumprir esta “falta moral” o indivíduo passa a integrar e manter-se no grupo social (BOURDIEU, 1979, p.65).

A confecção substituiu a agricultura na vida da família – que de alguma maneira se repete em outras situações no Polo –, no entanto, as bases morais continuam sob os mesmos moldes. Em outras palavras, a atividade econômica é alterada, mas permanecer trabalhando é fundamental à Nicole e aos seus irmãos.

Érica já trabalhava na casa da esposa de seu tio. O irmão caçula da família trabalhava com um empresário da região e foi esse mesmo empresário que chamou Nicole para colocar alguns botões e lantejoulas em sua própria residência.

A primeira vez que eu tive contato [com a confecção] com alguma coisa mesmo nesse sentido foi no ano de 2008, que foi o ano que eu tava terminando o ensino médio. Aí eu lembro que um empresário local fazia umas coisas em casa, ainda não tinha aquele fabrico. Começou fazendo uns vestidos que tinha que botar uns negócios com “paitê” e era perto do final do ano e aí era uns enfeites, umas lantejoulas, nos decotes dos vestidos, era bem ruim de fazer. Aí foi, eles [os donos do fabrico] perguntaram se a gente queria fazer. Aí a gente começou fazendo. Eu lembro que a gente comprou uns sapatos vermelhos para a formatura da gente [risos]. A gente foi fazer o vestibular em Campina e a gente comprou esses sapatos desse dinheiro que a gente ganhou lá.

O ingresso de Nicole na confecção ocorreu pelos mesmos motivos que sua irmã: a compra de “besteirinhas” ou bens não duráveis, com o pouco salário que ganhavam. Como sua mãe não tinha condições de dar aquilo que a uma jovem pode ser considerado essencial à participação no gueto que ela convive (“sapatos vermelhos”), tiveram de realizar estas funções. As disposições para pegar qualquer serviço sem muitas ressalvas, somadas às necessidades objetivas que a elas se impunham, consolidaram o contexto de então.

Fazer o vestibular em uma cidade distante requeria a aquisição de novas peças de vestuário cujo valor simbólico diz muito acerca da incorporação de novos códigos de conduta (*hexis*) e, quiçá, de uma gramática social ainda não vivenciada.

Aliás, o professor que se tornou referência na trajetória de Érica reaparece nos depoimentos de Nicole com essa dimensão: ajudar os recém-saídos do interior em uma nova realidade social.

Sempre quem ajudou muito a gente foi [o professor]. Eu lembro que a gente foi fez o ENEM em 2008 (só que o ENEM nessa época não era porta de entrada para a Universidade era só pra avaliar como o aluno saía do Ensino Médio). Foi a primeira vez que a gente fez uma coisa assim, uma prova muito grande. A gente não tinha um preparo, né?! Foi o primeiro contato que a gente teve. Depois veio o ‘peneirão’, que era por Universidade. [...] Eu lembro que a gente foi fazer essas inscrições, saiu de madrugada, pegou o carro da saúde pra ir, foi até na UFCG. A gente não tinha o mínimo de noção o que era a UFCG. Aí fomos pra lá, fazer as inscrições, passamos ‘meio mundo’ de tempo na fila pra pegar um formulário, pra depois que preencher esse formulário a gente pegava outra fila, que era pra entregar esse formulário, e pegar o comprovante da inscrição. Sabe assim um monte de ‘muido’ que a gente não sabia, não tinha nem noção? Porque você sair daqui sem ter nenhum tipo de instrução e tal. Aí [o professor] chegou lá e foi ajudar a gente. Foi com os meninos [primos] tirar foto 3x4 (que os meninos não tinham). A gente acabou fazendo essa inscrição. Tinha muita coisa que a gente não sabia em o que era (que pedia lá no formulário), sabia muito nem o que significava.

A socialização empreendida no interior⁷⁸ contrasta com maneiras de agir que estão postas na cidade grande. Não se é um nativo. O *habitus* incutido e as suas subsequentes disposições entram em conflito quando se adentra um novo campo e, mais ainda, quando estas disposições outrora incorporadas não possuem valor significativo ou terreno de apoio para tal. Neste caso, ou haverá a incorporação das novas regras ou serão impostas as sanções que o campo impõe (BOURDIEU, 2006; 2014).

Nesse sentido, as forças externas tendem a atenuar essa violência simbólica e formular a socialização secundária, produzindo um novo contexto (LAHIRE, 2001). Foi isso que ocorreu com a ajuda do professor não só a Nicole e Érica, mas aos seus primos e amigos próximos.

Ao ingressar na universidade, a posse das novas disposições teve de ser apreendida por diferentes meios e esta realidade foi conduzida pela soma de experiências vividas.

Quando foi em 2009, no meio do ano tava “finalizando” o campus [no interior da Paraíba]. [...] Aí fizemos a inscrição e tal e fomos aprovados. Aí começou as dificuldades no sentido de ir pra lá porque a viagem era distante e só eram dois alunos e tal. Quando eu entrei na universidade eu não sabia que a gente tinha que estudar [risos]! Em relação ao nível da universidade, a gente não estava acostumado a ter aquela quantidade de leitura e tal, e logo no início eu estranhei muito, principalmente porque a gente não tinha ninguém que ‘dissesse’ a gente como era que fazia as coisas.

⁷⁸ Campina Grande apesar de ser uma cidade de interior é considerada uma referência na região. Por se tratar de um lugar com muitas universidades, hospitais, empresas, etc. tem uma conotação de “capital” para aqueles que saem de cidade menores.

Nicole conta ainda, sob muitos risos, que a primeira vez que foi acessar o e-mail da turma não conseguiu, pois não sabia o que era essa ferramenta. Ao passar horas diante do computador com sua colega de turma, sem saber por onde começar pediu ajuda já que não sabia como proceder.

Todas estas situações cotidianas rememoradas por Nicole dão conta da insuficiência das competências necessárias ao contexto acadêmico. É neste cenário que o papel da política pública se tornou central em sua trajetória. Ao concluir a narração do episódio do e-mail, ela afirma que não havia censura por partes de seus colegas, pois “como era também uma turma de interior, todo mundo era de interior, todo mundo tava começando nesse sentido. A gente tem que se esforçar muito pra poder acompanhar”. Acompanhar no dizer de Nicole é incorporar as novas regras.

Diante da implantação do campus universitário abriram-se novas perspectivas à sua trajetória, seja pelas chances objetivas que foram ocasionadas ou pelo processo de assimilação que seus integrantes compartilharam revelado na expressão “todo mundo era do interior”. Desta feita, o processo de violência simbólica se deu com menor intensidade se comparado às universidades em cidades maiores, que além do contexto acadêmico têm a realidade urbana na formação do contexto.

Nicole relata com gratidão os anos que passou em um programa de bolsas na universidade, o que, segundo ela, suavizou esse processo de violência simbólica.

Depois de seis meses aí teve a inscrição pra o PIBID e foi aí onde eu desenvolvi mais, porque a gente foi muito cobrado, mas foi a oportunidade de você crescer dentro da universidade e o que me oportunizou conhecer outras coisas, viajar... Tanto o programa em si, como as cobranças. Porque você tem que se desenvolver tanto como aluno, dentro da Universidade, como bolsista. Foi o que me deu a oportunidade de muitas coisas e acho que também foi aí que abriu as portas para o mestrado porque eu tive a oportunidade de participar de congresso, de ter certificado, essas coisas assim. Toda época que eu passei na universidade eu fui bolsista do PIBID.

Assim, mais uma vez a política pública reaparece como mecanismo fundamental para a vivência de novas experiências e a formação de um novo contexto. Esse é um diferencial entre a trajetória acadêmica de Nicole e Érica, uma vez que a primeira teve a bolsa e o projeto no período que passou na universidade, diferentemente de sua irmã que teve de trabalhar para custear as despesas do dia a dia. Mesmo assim, ao entrar na universidade primeiro Nicole influenciou sua irmã na decisão de cursar o ensino superior e até mesmo na escolha do curso, revelado em seu depoimento quando ela afirma que “via sua irmã, os textos e com aquilo se identificou”.

Essa influência familiar torna-se elemento importante no rompimento do ciclo reprodutivo da confecção. A formação de um novo contexto em uma trajetória de um agente é fundamental na condução de novas experiências aos outros integrantes do grupo social que ele compartilha, haja vista que ‘aquele’ que em um dado momento integrava a realidade estrutural da confecção passa a ser um fator externo que influencia a formação de novas disposições e novos contextos.

A ação de recorrer para as relações pessoais é favorecida por toda a tradição cultural que encoraja e impõe a solidariedade e o auxílio mútuo: aquele que alcançou o sucesso deve se servir de seu próprio êxito para ajudar os outros; a começar pelos membros da própria família; cada indivíduo que se respeite considera-se responsável por vários de seus parentes, mais ou menos próximos, para quem ele se sente obrigado, entre outras coisas, a achar trabalho fazendo uso de sua posição e de suas relações pessoais (BOURDIEU, 1979, p.58)

A partir do momento que um integrante do núcleo familiar rompe com o ciclo reprodutivo da confecção, outros membros tendem a ‘sair’ pela via da ajuda mútua entre o grupo social. Outrossim, a formação das unidades produtivas do Polo, que têm como característica a família, pode ser tanto motivo de reprodução social, quanto porta de saída da confecção, a depender do contexto que se está inserido⁷⁹. Esta variação no grau de rompimento com a reprodução oscila conforme a participação em outros contextos e a formulação de suas disposições, em suma, no *stock* adquirido.

A importância da integração de uma rede de contatos também pode ser verificada através de uma associação cultural onde um grupo de amigos se reúne para promover o Festival de Arte e Cultura. Nicole – assim como Érica – menciona esta rede de amigos e a sua partilha de ideais como um marco em sua trajetória.

A Associação Cultural foi muito importante no sentido de reforçar o pensamento que a gente tinha e tem em comum, de preservação da nossa cultura e a gente queria fazer isso pelo povo daqui, que a vezes a gente vê que essa parte tá se perdendo. A gente tem vários encontros assim, por mais que a gente tenha tomado rumos diferentes, cada um foi pro seu canto... [...] A gente tem vários ambientes em comum e não tem como a gente se encontrar e acho que o festival veio pra reforçar isso. Tanto a amizade da gente, que é uma forma da gente celebrar no final do ano, se confraternizar no final de ano, como de preservar uma coisa que a gente valoriza, nossa cultura, quer que a ela perdure, que outras pessoas que não tem a oportunidade de ver isso todos os dias (como a gente vê muito essa desconstrução, disso que a gente tem vontade de preservar).

A Associação Cultural além de ser um momento de lazer é a ritualização das sociabilidades empreendidas por um contexto. Para Nicole e Érica, essa experiência foi

⁷⁹ A reprodução ocorre quando o contexto é formado por experiências que culminam na incorporação de disposições e capitais que não favorecem a progressão no campo da confecção e em outros campos da sociedade. Já a “porta de saída” pela via familiar se dá quando um integrante sai do ciclo reprodutivo e passa a exercer influências sobre os demais.

fundamental na construção e reforço dos laços de amizade que integraram a universidade e o mundo do trabalho de cada pessoa presente neste ambiente. Aliás, quando Nicole relata o fato de ter vários “ambientes em comum” com seus amigos, ela está revelando a confluência dos contextos que partilha cujo resultado é a composição plural de sua história de vida.

Ainda falando sobre sua carreira na academia, Nicole relata que ao concluir sua graduação teve o peso da cobrança em “não fazer nada” e voltou para a confecção, desta vez no fabrico que sua irmã já trabalhava⁸⁰.

Em 2013 eu terminei. A gente termina e vem aquele monte de cobrança, né?! Principalmente essa visão de que a Sociologia não tem muito campo de trabalho, porque a gente mora no interior mora no sítio, se forma, mas não tem muita ‘utilidade’, naquilo que você termina. Quando eu terminei, foi a época que eu fui pra o fabrico. Eu terminei, nem tinha ocupação e também sem dinheiro...

A necessidade aparece novamente como o critério fundante nas escolhas realizadas por Nicole, acrescido do peso moral que a figura do “desocupado” contém. Por isso, foi preferível a Nicole a permanência na confecção naquele momento.

Se o princípio da razão objetiva que conduz as escolhas é fundamental em um contexto, ele não está sozinho – ainda que exerça forte pressão. Este mesmo contexto é concomitante a outras experiências que conduzem múltiplas realidades em uma trajetória. Foi isso que ocorreu com Nicole. Quando ainda trabalhava no fabrico e terminava Ciências Sociais, uma de suas amigas de curso influenciou para que as duas pudessem fazer uma seleção de mestrado na área que haviam terminado. Ao passar, ela sai da confecção e vai dar continuidade aos estudos, morando na cidade de seu novo curso.

Terminei a graduação em setembro de 2013 e foi aí que eu fiquei sem bolsa e fui pra o fabrico. Por insistência de uma amiga, que a gente queria muito fazer a seleção, acabei fazendo e foi uma surpresa ter passado. Mas foi uma oportunidade muito boa. Lógico que eu nem imaginava de fazer logo em seguida assim e eu achei que entrei muito ‘verde’, saí de uma coisa e entrei em outro. Tem o lado bom que a gente tem o tempo todo pra frente, pra gente aprender mais, mas ao mesmo tempo assim, às vezes você não consegue acompanhar algumas discussões – já que você paga disciplinas com pessoas com carga de experiência muito maior do que a sua. Tem gente que faz doutorado e às vezes você fica boiando mesmo nas discussões, pra você de fato acompanhar, porque você não tem a carga de leitura que eles têm e a experiência que eles têm. Tive dificuldades de realmente acompanhar.

Entrar ‘verde’ no curso de mestrado significa dizer que Nicole ainda não se sentia apta para acompanhar o ritmo que o campo da academia – neste caso em um nível mais elevado – exige. Seja pela insuficiência da ‘carga de leitura’, pela dificuldade de fazer a prova de proficiência ou até mesmo por uma eventual “inexperiência” na área, sua passagem pelo

⁸⁰ O que pode reforçar a noção de contexto familiar como mecanismo de influência na condução dos contextos.

mestrado foi relatada como um período turbulento em sua trajetória. Esse ‘atraso’ em relação aos demais colegas de turma pode se explicar pela inviabilidade de possuir os principais capitais necessários ao ingresso no campo e, sobretudo sua permanência.

É válido lembrar que o lapso de tempo que compreende a juventude, quando não acompanhado da moratória social que em tese se exige aos estudos, somado ao fato de não fazer cursos de língua estrangeira e outras coisas a mais que poderiam auxiliar na vida acadêmica, explica o ‘atraso’ a que Nicole se refere.

Como na confecção se ingressa muito cedo, esse processo tende a se concretizar com mais intensidade, uma vez que o contexto do trabalho não caminha no mesmo ritmo que o contexto dos estudos, embora sejam simultâneos. Com isso, os ciclos de vida (LAHIRE, 2006, p. 220) são ressignificados e perdem a linearidade cronológica que comumente se atribui às trajetórias e pode-se perfeitamente ser jovem do ponto de vista etário e adulto do ponto de vista do trabalho.

Em outras palavras, o jovem ingressa no mundo dos “adultos” precocemente quando entra na confecção⁸¹, entretanto, esse processo não ocorre com a mesma intensidade quando o assunto são os estudos, pois a carreira é mais duradoura e sem subterfúgios ou atalhos. Produz-se, destarte, um ator plural que tem forte experiência em um aspecto e defasagens em outro e, para equilibrar essa equação é preciso ‘correr atrás’ sob muitas dificuldades⁸².

Mais uma vez, a força externa que se tornará fundamental no arrefecimento dessas dificuldades será o caminho da política pública. Nicole pontua o papel central que a concessão de uma bolsa de mestrado ocupou em sua história.

A minha preocupação foi sempre, se eu precisasse estudar fora de como seria pra minha mãe me sustentar, mas como eu entrei bolsista já, eu sabia que eu tinha como me virar. Então assim, eu não tinha essa preocupação financeira. E lógico, o que me impulsionou a ir, no sentido financeiro é que eu era bolsista então eu não dependia de outra pessoa, do pessoal de casa pra me manter lá [em Campina Grande], porque se dependesse, eu acho que eu não iria porque num dava certo.

Ainda no primeiro ano de mestrado, Nicole foi chamada para ensinar a crianças do ensino fundamental e, em seguida, para ministrar a disciplina de sociologia no ensino médio em sua própria cidade. Ela pondera que foi muito importante essa experiência, já que foi a

⁸¹ Podendo a partir disso fazer um diferencial em sua trajetória quando, por exemplo, se é um jovem de experiência na confecção. Esse capital será discutido ao final da dissertação.

⁸² É válido conferir o que afirma Rodrigues (2012, p.146) a este respeito: “A passagem desse ciclo de vida [da juventude] para outra configuração familiar (saída de casa, casamento, paternidade) parece constituir um acelerador muito significativo de um brusco ‘envelhecimento cultural’, marcado pela renúncia à cultura de saídas e por uma retração na esfera doméstica”. Apesar de estar discutindo a noção “vida cultural”, sua constatação é de grande valia para pensar a inserção do jovem na confecção e o debate acerca da reprodução social já compreendido.

oportunidade de colocar em prática aquilo que ela havia estudado. No final de 2018, ela fez uma seleção para a Escola Cidadã Integral e até hoje continua na mesma instituição.

Quando perguntada sobre o fato de ser professora atualmente, ela responde que “não se vê fazendo outra coisa” e que gosta daquilo que trabalha. Ela lembra ainda que sua mãe sempre constituiu um referencial para todos e, como professora, se inspirava na vivência dela.

Pode-se discutir em que medida houve diferença na produção das disposições de Nicole e Érica, uma vez que ambas foram socializadas sob um contexto parecido, com instituições sociais similares e até mesmo com a convivência de pessoas em comum. Em sua trajetória, Nicole deu continuidade na carreira acadêmica e saiu da confecção. Ao contrário, Érica passou pela academia, mas voltou ao fabrico e ao mundo das vendas.

Um começo para explicar essa diferença foi o acesso distinto que as duas tiveram às políticas públicas. Nicole desde o começo de seu curso teve bolsa na universidade e a experiência em sala de aula⁸³, congressos, reuniões, grupos de estudos, etc. lhe possibilitou o desenvolvimento de aptidões necessárias à academia. Com isso, ele adquiriu um *stock* de competências e capitais que lhe permitiram uma projeção em vista de sua formação. Ao chegar ao mestrado, mesmo com as dificuldades, outra forma de intervenção pública foi concedida por meio de mais uma bolsa e isso ocasionou a mudança contextual.

Érica, por sua vez, teve a bolsa no período de graduação apenas no último ano e dividiu seu tempo entre a confecção, o curso (em sua reta final com o TCC) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Diante disso, o desenvolvimento de competências não foi suficiente para ensejar uma disposição permanente, no sentido que Lahire (2001) atribui.

Outra dimensão fulcral é o fato de Nicole desde pequena almejar a profissão de sua mãe, algo que Érica relata apenas como uma “vontadizinha”. Para Érica, ser professora não era algo que estava em primeiro plano e ao longo de sua trajetória foi projetando novas possibilidades de ação, a ponto de construir um contexto com rotas de fuga diferentes e concomitantes, principalmente no que se refere à confecção e a sala de aula.

Nesse sentido, pode-se concluir que Nicole por ora possui os requisitos para a saída definitiva da confecção⁸⁴, mas suas competências para a confecção permanecem sob estado de vigília, podendo ser requeridas a qualquer momento, desde que o contexto se modifique. Assim, em ambas as situações o contexto de instabilidade em relação ao futuro ainda está

⁸³ O PIBID é um Programa que busca introduzir o discente na realidade das escolas públicas.

⁸⁴ Nicole relatou que o principal desejo no momento é efetivar-se no serviço público como professora. Para isso, ela tem estudado e prestado concurso. Segundo ela, conseguir sua estabilidade será de grande valia para consolidar sua carreira.

muito presente, uma vez que o pertencimento às classes populares ainda é uma realidade posta. O que se constata é a produção de um *stock* de capitais e competências diferenciados, que elas deverão acionar conforme suas reflexividades e o campo em que estão inseridas.

4.2.4 Retrato 4

Este é um retrato diferente dos demais por se tratar de uma construção típico-ideal nos moldes weberianos (1999) para elucidar um caso peculiar⁸⁵. Sob o olhar etnográfico das incursões para entrevistas, dos diversos registros fotográficos ou nas conversas informais que se mantêm com os pesquisados, constrói-se a análise científica que cada pesquisador produz a partir de uma percepção *sui generis* (MAGNANI, 2009). Foi assim que se elaborou este retrato, baseado nas experiências já relatadas ao longo das vivências da confecção e que se resumem na construção dessa trajetória em particular.

Por se tratar de uma pesquisa com jovens era preciso adotar algum critério mínimo para dimensionar de que categoria social se trataria. A escolha da idade foi um deles e isto produziu um limite no campo de pesquisa que não permitiu a entrevista biográfica para a construção de uma história aos moldes do retrato sociológico que ora apresentamos.

Como se trata de uma trajetória que discute a carreira acadêmica e a posterior inserção no campo da confecção para aplicar uma forma de conhecimento específica, o íterim que compreende o término de um curso superior, a introdução desses conhecimentos e a avaliação do grau de sucesso que se obteve, demanda um número maior de tempo que excede as possibilidades de análise para a juventude (29 anos).

Ao buscar nas duas cidades que a pesquisa foi realizada um perfil que contemplasse essas características, não se encontrou um(a) jovem que ainda tivesse terminado seu curso⁸⁶ para um eventual investimento na confecção e, quando concluído, atuar na área.

Assim, a opção encontrada foi a construção de uma trajetória baseada nas observações empreendidas, na teoria estudada e na formulação de um modelo apriorístico que contemple experiências já consolidadas. Se o tempo hábil para que aconteça todo esse percurso vai além daquilo que se considera a juventude, é justamente nesse lapso de tempo que se constrói a fase posterior e o grau de rompimento com as estruturas sociais. Daí a necessidade de investigá-lo.

⁸⁵ Uma técnica similar foi utilizada por Sá (2018, p.146) onde o autor constrói o caso de Pedro para apresentar o conjunto de resultados apreendidos no campo de pesquisa. Esse retrato muito se inspira em sua formulação.

⁸⁶ Seja ele de cariz técnico, tecnólogo, superior ou ainda nas modalidades de licenciatura ou bacharelado.

4.2.4.1 Lucas e o percurso da universidade ao seu fabrico

Filho de Márcia e Josivaldo, Lucas é um jovem de vinte e cinco anos de idade. Criado no sítio ajudava seu pai nos poucos serviços de casa e a tarde estudava na escola no próprio lugar onde morava. Porteiro na única escola de ensino médio da cidade, Josivaldo convivia pouco com seu filho único, já que passava o dia inteiro trabalhando.

Márcia foi quem influenciou a estadia no sítio porque seus pais moravam lá e sempre estavam ajudando o casal nas dificuldades. Como ela não trabalhava fixo, sempre arrumava alguns “bicos” para complementar a renda do casal e como era muito disposta, sempre a chamavam para fazer serviços domésticos. Depois que Lucas nasceu, não teve mais tempo de realizar esses serviços e dedicou-se exclusivamente a criação no filho.

Como o sítio onde moravam ficava a seis quilômetros da cidade, Josivaldo ia e voltava todos os dias para casa pegando carona no transporte escolar que levava os alunos para estudar na escola em que trabalhava. Com muito esforço, conseguiu comprar uma moto que utilizava para fazer o seu transporte diário. No entanto, os custos de seu deslocamento ficaram mais altos e para não se desfazer de sua aquisição ele sugeriu a mudança para a cidade. Márcia de início não gostou da ideia, pois seria a origem de mais algumas despesas e o custo de vida iria aumentar, de modo que a intenção inicial seria irrisória.

No entanto, Josivaldo ponderou que além da economia, buscava a melhoria nas condições escolares para seu filho, gostaria de frequentar mais ativamente de sua religião, que continha o templo apenas na cidade, e, sobretudo abrir o leque de oportunidades para outros trabalhos. Convencidos, se mudaram em 2005 quando Lucas tinha onze anos de idade.

Como o ritmo dos aluguéis não era tão grande na cidade, a família foi morar na casa de uma tia de Márcia que tinha se mudado para Santa Cruz do Capibaribe e lhe cobrou um valor mensal que compensou a mudança. O medo de não dar certo foi suavizado quando Josivaldo continuou sendo porteiro na mesma escola em que seu filho estudava e deu para manter os custos da família.

Apesar de não possuir grau de escolarização elevado, ele sempre valorizou o papel que a educação formal tem na vida de uma pessoa. Sempre aconselhava seu filho para estudar e afirmava com veemência que “hoje em dia a gente sem estudo não é nada. Até para varrer a rua é preciso fazer concurso e estudar”.

Essa noção que o pai de Lucas tem acerca da escola é muito peculiar do contexto em que está inserido, pois como porteiro sempre teve de ir além de sua função e “supervisionar”

os estudantes de sua instituição. Supervisionar implica perceber as condutas dos alunos, corrigi-los quando necessário, prestar atenção nos que “entram” e nos que “saem” da escola, seus modos de se vestir e de se comportar. Esse contexto ajudou Lucas a perceber desde cedo o que era preciso para ser um bom aluno, isto é, reuniu um conjunto de aptidões necessárias à incorporação dos capitais escolares, sobretudo no quesito “comportamento” (BOURDIEU, 2012).

Além de trabalhar, Josivaldo agora conseguia conviver com seu filho por mais tempo e acompanhava o desempenho escolar dele, de maneira que sempre o observava na hora do intervalo, durante as aulas, e na saída, ia com seu pai para casa. Neste caso, o pai conseguia fazer seus afazeres e construir um contexto favorável à transmissão de seus valores morais necessários ao “sucesso” da criação de seu filho. Isto não ocorre com frequência nas classes populares e Lahire chama a atenção para o fato que não se trata de uma simples omissão parental em relação à escola, mas a incapacidade de tornar efetiva a transmissão dos valores a que se propõem. Na sua interpretação,

Podemos dizer [...] que a herança cultural nem sempre chega a encontrar as condições adequadas para que o herdeiro herde. [...] A simples existência objetiva de um capital cultural ou de disposições culturais no seio de uma configuração familiar não nos diz nada acerca das maneiras, das formas de relações sociais, a frequências das relações, etc., através das quais eles se ‘transmitem’. Se o capital ou as disposições culturais estão indisponíveis, se ‘pertencem’ a pessoas que por sua posição na divisão sexual dos papéis domésticos, por sua situação em relação às pressões profissionais, por sua maior ou menor estabilidade familiar, por sua relação com a criança, não têm a oportunidade de ajudar a criança a construir suas próprias disposições culturais, então a relação abstrata entre capital cultural e situação escolar das crianças perde a pertinência (LAHIRE, 2004, p. 338-340).

Lahire trata especificamente, neste ponto, do capital cultural, mas toda sua obra aponta para os diversos contextos que acabam por influir na socialização do indivíduo. O capital cultural de Lucas foi repassado por um conjunto de instituições, mas o trabalho de seu pai foi importante para a consumação da introjeção de valores e comportamentos escolares.

A capacidade que seu pai tinha de acompanhar sua trajetória, desde a casa à escola, fez com que os capitais simbólicos escolares, do qual Josivaldo chega a ser “fiscal”, tivessem alto grau de chances objetivas de serem transmitidos. No dizer da Lahire (*ibidem*, p. 340) “o fato de marcar, de forma contínua, sua presença se mostra particularmente importante em configurações familiares em que tudo depende do alto grau de vigilância dos pais”.

Além do contexto escolar, Lucas também sempre presenciou a confecção na sua vida. Quando chegaram à cidade onde moram, a tia de Márcia começou a fabricar em Santa Cruz e como sua sobrinha estava desempregada resolveu pedir algumas de suas peças para faccionar

e obter alguma renda. O problema, agora, eram as máquinas que não havia e como sua tia estava começando não podia comprar para ela. Foi então que Márcia vendeu alguns poucos animais que restara no curral de seu pai e comprou duas máquinas que lhe serviam para a confecção no momento.

Enquanto Josivaldo trabalhava durante o dia, ela estava em casa costurando e Lucas alternava entre a escola e a ajuda na produção da mãe. À noite, sempre reservava tempo para seus estudos, para a igreja ou para sair com os amigos da própria igreja.

Lucas foi criado em um ambiente de muita religiosidade, pois seus pais eram evangélicos e o levavam para a igreja todas as quartas, quando acontecia o “culto para os jovens” e aos domingos quando ocorria o culto convencional da igreja. Ele costumava ler a bíblia com frequência e os livros indicados pelo pastor e pelo grupo de jovens. Embora os livros fossem de cunho religioso o contato com eles fez de Lucas um leitor assíduo deste gênero, que acabou por desenvolver as práticas de escrita e leitura. Seu pai o observava com orgulho no desempenho escolar e sempre contava a sua esposa os elogios feitos pelos professores ao afirmar que Lucas era um aluno completo: lia, interpretava, escrevia, participava das aulas fazendo perguntas e comentários, era disciplinado, mantinha o respeito com os professores e nunca tirava notas baixas.

Por ser um jovem dedicado à sua igreja e aos estudos, o pastor sugeriu a Lucas que ele integrasse o ministério de música, mas ele não sabia tocar nenhum instrumento, tampouco seus pais poderiam pagar aulas particulares. Foi aí que ele se matriculou na banda filarmônica da cidade para aprender algum instrumento e, futuramente, tocar na igreja que frequentava. Em seus horários, acresceu-se o novo desafio da música que Lucas gostava de realizar, a ponto de se tornar um *hobby* em sua vida.

Ao terminar o ensino médio, ele já tocava no ministério de música e além dos cultos, frequentava o curso pré-vestibular solidário, fundado pela própria igreja. Somado a isso, ele participava da banda filarmônica da cidade, do encontro de jovens na igreja e ainda ministrava na escola dominical para as crianças. Seus pais se orgulhavam do filho pelo exímio trabalho que fazia e sempre o incentivou a cursar o ensino superior.

Todas as instituições sociais e os atores que delas participavam foram importantes na produção do *stock* de esquemas de ação de Lucas, pois um contexto auxiliou na produção de outro e na formulação de “resumos de experiências” particulares. Nos termos de Lahire (2004, p. 37) são as “relações de forças externas” que viabilizam as “relações de forças internas” adquiridas por meio do *habitus*, e a soma destas experiências produzem o ator plural.

A disposição para os estudos sempre veio acompanhada da missão de ajudar a mãe na facção. Na ótica do trabalho, Lucas pode ser considerado um “batalhador” (SOUZA, 2012) que almeja sua mudança de vida e busca conseguir aquilo que pretende por meio do esforço em seu emprego e da vida regrada que leva. Todavia, mais importante que continuar costurando com sua mãe, era cursar o ensino superior para obter o seu diploma dos sonhos.

Os incentivos para a educação de Lucas, através dos diversos dispositivos contextuais, tiveram seu resultado quando ele passou no ENEM no ano de 2011 e apenas com dezessete anos ingressou a universidade para cursar administração. Nesse ínterim, Josivaldo continuava como porteiro e Márcia já havia conseguido comprar mais algumas máquinas para incrementar sua facção, que passava a ficar apertada na casa da tia em que eles moravam. Foi aí que o casal começou a juntar alguns trocados e resolveu construir uma nova casa que abrigasse as novas necessidades da família.

Na vida acadêmica, Lucas teve como maior desafio as dificuldades financeiras, pois seus pais precisavam construir a nova casa enquanto ele estudava e os rendimentos familiares não possibilitavam todos esses feitos de uma só vez. Por essa razão, ele precisava ir e vir todos os dias para casa no intuito de trabalhar durante o dia e estudar à noite, de modo que o custeio do transporte, juntamente com as despesas na universidade, fossem feitas por ele mesmo.

Essas dificuldades foram atenuadas quando ele conseguiu ingressar em uma monitoria na universidade e a bolsa concedida auxiliava nos custos diários. Além da monitoria, Lucas conseguiu entrar em um projeto de pesquisa que rendia mais alguns meses de bolsa na universidade e a sua pesquisa concentrava-se nas unidades produtivas da confecção, ambiente que ele conhecia com muita propriedade. Ao término de sua pesquisa e com a apresentação dos resultados obtidos, ele resolveu transformar esse tema em seu trabalho final de conclusão de curso do qual logrou êxito nos seus intentos. Novamente as condições sociais e o conjunto de relações de forças externas possibilitaram a ativação das disposições de Lucas para o estudo. Desta vez, sob a forma de políticas públicas e na participação da pesquisa que proporcionou novos resumos de experiências.

A trajetória de Lucas revela uma diversidade de contextos aos quais ele foi submetido. Seu contato com a confecção não se tornou imperativo na sua projeção de futuro, uma vez que a soma de outros contextos contribuíram na reflexividade do ator. A igreja, a música, o desempenho escolar, o construto moral não excluíram a realidade da confecção, mas ensejou um grau de importância maior para outros caminhos. Quando há a junção de contextos que

possuem capitais e hábitos confluentes, a tarefa da socialização se torna mais unívoca e com menos probabilidade da “não realização” dos objetivos iniciais.

Lahire utiliza a metáfora do açúcar misturada com a água e sua resultante que é a solubilidade. Tal propriedade só é efetuada a partir das condições necessárias para tal reação, o que não implica afirmar que a água ou o açúcar por si só contêm a característica da solubilidade. Assim é o ator com a pluralidade de contextos, como no caso de Lucas. As instituições sociais que compõem o *stock* de suas disposições, sozinhas poderiam não surtir o efeito socializador que teve na trajetória do jovem estudante. Nas palavras do autor, “atribuir a um objeto, a uma substância ou a um ator uma ‘disposição’, é apostar [...] na *propensão* ou na *tendência* do objeto, da substância ou do ator para agir (reagir) de uma certa maneira em *determinadas circunstâncias*” (2001, p. 72).

Assim, o contexto de ação que o indivíduo está imerso dirá o grau de reflexividade do ator e a soma das experiências irá conduzir à tomada de decisões com base no realismo prático que sua situação oferece.

O ator, ele, é o produto das suas múltiplas experiências passadas, das múltiplas aquisições – mais ou menos acabadas – feitas ao longo das situações vividas anteriormente. Há por isso, entre o ator e as situações sociais uma profunda convivência, uma espécie de comunhão natural, sendo o ator o produto da incorporação de múltiplas situações. Põe-se, portanto, para ele a questão do modo de acumulação-reestruturação das experiências vividas e de atualização desse capital de experiências (incorporadas sob a forma de esquemas) em função das situações encontradas (LAHIRE, 2001, p.73).

Quanto mais uniforme consistir essas experiências, maior será o grau de êxito na socialização com um fim objetivado⁸⁷. Como as instituições familiar, religiosa e escolar não entraram em conflitos assimétricos, a reflexividade de Lucas acerca de sua projeção na universidade encontrou terreno no realismo prático que ele dispunha (BOURDIEU, 2014).

Lucas não rompeu de vez com a confecção quando ingressou a universidade. Ainda continuou costurando para poupar dinheiro – ao mesmo tempo que recebia a bolsa do projeto de pesquisa que participava – e pode montar seu próprio empreendimento ao concluir o curso.

Aos vinte e cinco anos ele terminou sua graduação e já havia comprado mais duas máquinas diferentes para a facção da mãe. Seu plano é com o dinheiro e o conhecimento adquiridos montar seu próprio fabrico e colocar em prática aquilo que aprendeu. Ele já

⁸⁷ É preciso ressaltar que Lahire não trabalha com a ideia de contextos unívocos. Aliás, ele chama a atenção para o fato disso não acontecer com frequência nas sociedades modernas e retoma a discussão de “instituição social total”, feita por Goffman, para introduzir a pluralidade dos contextos. Como se trata de uma construção típico-ideal, faço esse debate para postular em quem medida os atores da confecção contêm esse grau de socialização e o nível de disposições elementares ao campo.

começou fabricando algumas camisetas customizadas, cujo sucesso inicial ele atribui pelo fato de ser diferente daquilo que encontra na feira.

Ele tem poupado suas economias para alargar seus negócios e pensa em continuar seus estudos, fazendo cursos on-line ou até mesmo cursos técnicos⁸⁸ que viabilizem a criação de sua marca e possa lhe dar o diferencial que ele sonha.

Lucas rompeu com o “ciclo reprodutivo da confecção” a partir do momento que outras escolhas poderiam ser tomadas. A título de exemplo, ele poderia continuar sua carreira acadêmica (já que tinha as disposições para o estudo), ou prosseguir em uma carreira ligada à administração pública ou até mesmo privada, mas não optou por tal.

A permanência na confecção demonstra que o *stock* de disposições para uma vida nos estudos não excluiu a possibilidade de permanência na confecção. Em outras palavras, ele rompeu com o “ciclo reprodutivo”, mas permaneceu na “confecção”. A estrutura da confecção, por assim dizer, perdeu sua força quando outros contextos conduziram a reflexividade do ator e possibilitou o “domínio de si mesmo” (LAHIRE, 2001, p. 88).

Entretanto, isso não significa dizer que a confecção permaneceu apagada da trajetória de Lucas para dar lugar a outras disposições. Como afirma Lopes *et al.* (2012, p. 17) “alguns contextos podem estimular mais do que outros a aquisição, o desenvolvimento e a ativação de competências reflexivas”.

Aquilo que em um primeiro momento poderia ser considerado conflituoso – a confecção e a educação – passou a integrar uma nova realidade quando tiveram por objetivo um fim único que era a montagem do seu próprio negócio. Neste caso, Lucas joga as regras do jogo da confecção e de modo consciente sabe o que fazer para obter uma posição no campo. A confluência dos contextos, a saber, sua decisão tácita em permanecer na confecção e aplicação de seus conhecimentos adquiridos no curso, formula o grau de probabilidade que o seu empreendimento terá e faz de seu *stock* de disposições um elemento de distinção no campo.

⁸⁸ É digno de nota o “papel” que o sistema “S” de ensino desempenha nessas localidades. Embora tenha seus percalços, conforme discutiu Pereira Neto (2013), pretendo chamar a atenção para o fato de haver muitos casos de jovens que têm contextos similares e aliam os estudos e o conhecimento adquirido ao empreendimento que está inserido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de determinada profissão implica uma cultura (profissional) específica, que ultrapassa o desempenho e o reconhecimento das funções que lhe estão inerentes. O campo profissional pressupõe que, quer as profissões, quer os profissionais, se situem no espaço social de acordo com determinados mecanismos de diferenciação, expresso em múltiplos indicadores (sendo que o salário é apenas um deles). Ou seja, o estatuto social e/ou a imagem interligada a algumas profissões, categorias profissionais ou setores de atividade, encontram homologias noutras esferas da realidade social (RODRIGUES; LEÃO, 2012).

Nas palavras de Rodrigues resumo a tarefa que se propôs esta dissertação. O campo da confecção, enquanto um campo ocupacional encontra-se presente na vida dos indivíduos que compartilham concomitantemente socializações, competências, ações e reflexividades diversas e encontrar os “múltiplos indicadores” que traduzem a trajetória de cada agente foi a intenção que delineou a análise pretendida.

Por se tratar de trajetórias que comungam diversos aspectos da vida social, a soma de experiências que marcam a socialização primária e secundária de cada ator plural, muito dirá sobre a formação do contexto que cada um está imerso.

Como o campo é um lugar de poder e de disputas, não necessariamente físico, mas presente na realidade social, cada agente deverá cumprir as regras do jogo do qual ele faz parte. Na confecção, estas regras estão postas e para se distinguir e galgar uma posição firme ou de destaque, é preciso jogá-las com as apetências que lhe são inerentes. Não conter as regras do jogo é não possuir as competências e aptidões que se espera daquele que ingressa no ramo.

Para adquiri-las é possível trilhar caminhos diversos, mas todos devem convergir na aquisição e incorporação das regras a ponto de torná-las naturais e legítimas. Quanto maior a intensidade com que esse processo ocorre, maior será o grau de êxito daqueles que pretendem permanecer e/ou se destacar no campo.

Essa é a forma como se põe a estrutura da confecção. Àqueles que estão dentro desse universo, são reservados graus diferentes de mobilidade social mediante a aquisição destes capitais específicos. No entanto, como ela divide os espaços de sociabilidade com a escola, a religião, o grupo de amigos, as formas de lazer, etc. os contextos que o indivíduo participa desempenham papel semelhante na condução do *stock* que cada ator possui.

Na medida em que esses contextos convergem, nos mesmos capitais, o grau de “êxito” dentro do campo tende a ser maior, haja vista que têm em comum a formação do indivíduo

mais ou menos unívoco (tomado como tipo ideal, já que esse processo na prática dificilmente ocorre).

Porém, ainda que haja a unicidade da formação social do agente, isto não é suficiente para dizer o grau de mobilidade que ele possui dentro do campo da confecção. Por exemplo, um ator plural com uma família que possui capitais escolares, como o apreço pela leitura e escrita; com uma religião que incentiva práticas como essas; com um grupo de amigos que partilha dos mesmos valores, pode não transferir com o sucesso esperado esses capitais para a confecção e obter o mesmo êxito que poderia obter numa carreira escolar.

Assim posto, não é a questão da convergência dos contextos que demarca a probabilidade do êxito, mas a soma dos capitais e das disposições que o campo da confecção exige. Dito de outra maneira, não basta ter contextos integrados, mas contextos que possuam disposições e capitais afins e que ao mesmo tempo sirvam de elemento distintivo.

Quando as disposições e capitais adquiridos não são suficientemente adequados ao campo, ou pelo menos não se tornam elemento de distinção, ainda que sejam confluentes, podem ocasionar reprodução social, uma vez que aquele capital é tão somente uma disposição que todos compartilham.

Um exemplo disso é quando o contexto familiar, somado com o contexto religioso e o contexto rural (com outras instituições e grupos sociais) moldam a noção de trabalho precoce como sendo primordial à formação do indivíduo. Isso pode ser considerado uma disposição importante e até mesmo um capital para a confecção, em um primeiro momento. Mas, se a noção de trabalho, como elemento moral, não se somar a outras disposições como a do cálculo, da previsão, austeridade, planejamento, conhecimento de pessoas no ramo, etc., o agente tende a permanecer apenas como trabalhador da confecção, já que o único capital que possui é a força de trabalho e a disposição obtida é saber fazer o que faz, juntamente com a percepção de que trabalhar é importante. Nesse caso, os contextos foram confluentes, mas não suficientes para garantir uma posição de destaque no campo, pois as disposições e capitais não representaram uma aquisição diferenciada.

Assim, a aquisição de disposições e capitais específicos para a confecção parece ser mais importante que a confluência dos contextos. Indubitavelmente, quando os contextos convergem na missão de repassar essas disposições, o grau de êxito dentro do campo tende a ser maior (como no caso típico ideal de Lucas que aproveitou as disposições e capitais que possuía como uma possibilidade de fazer de sua trajetória um diferencial). Isso quando se trata do campo da confecção. Se passarmos ao âmbito do sucesso profissional esse panorama modifica-se completamente.

Quando o contexto que o indivíduo está inserido é constituído por diversas instituições e grupos sociais, que por sua vez engendram sociabilidades múltiplas, a trajetória de cada pessoa será pautada nas disposições que contém e poderá ensejar o “sucesso” que o indivíduo almeja ter.

Neste sentido, se o agente possui uma formação plural, poderá fazer disto uma “vantagem”, uma vez que ele disporá de um conjunto maior de experiências, logo, um conjunto de disposições, que de forma duradoura ou não, poderá auxiliar na formação do *stock* em sua trajetória (como no caso de Érica e Nicole que têm à disposição um conjunto de competências que poderão ser acionadas a qualquer momento mediante a sua necessidade e/ou reflexividade).

De modo contrário, se o ator possuir uma socialização mais uníssona, com a introjeção de *habitus* em comum, poderá a partir disto constituir um diferencial, haja vista que a profundidade com que estas disposições marcam sua formação individual produz uma “especialização” naquilo a que se propõe. Neste caso, é preciso ressaltar que essa “especialização” só terá efeito prático no campo que encontrar ambiente para tal. Se isso coincidir com a confecção, teremos um caso de sucesso no campo e de êxito profissional.

Deste modo, o grau de “sucesso profissional” também não será ditado pela convergência dos contextos, mas pela reflexividade do ator acerca daquilo que dispõe e o que pretende para sua trajetória, isto é, dos capitais e disposições que possui e o futuro que almeja. Como as escolhas são feitas a partir da formação da consciência, esses contextos influenciam nas decisões, mas não a determinam (inclusive com a predominância de alguns contextos sobre outros).

O caso de César elucidava muito bem isto. Sua reflexividade em busca de um futuro que não passe pela via escolar é uma escolha tácita que leva em consideração os capitais que dispõe e os julga mais proveitoso quando aplicados na confecção. Apesar de seu contexto familiar ajudar na disposição escolar, que em tese seria somado em uma eventual carreira acadêmica, ele faz sua projeção futura a partir do “cálculo” daquilo que possui no momento e prefere apostar suas fichas sem muitos riscos de perda. As disposições e os capitais de César, aplicadas no campo da confecção, no seu modo de ver, parece possuir mais relevância do que em outro campo de ação⁸⁹. Neste caso, temos um exemplo real de sucesso dentro do campo da confecção e sucesso profissional reunidos em uma trajetória, uma vez que ambos coincidiram.

⁸⁹ Essa colocação é feita como uma suposição pelo fato de não ter se concretizado suas projeções até a escrita desta dissertação, conforme já apontado. Aliás, o fato de trabalhar com um público de transição para o mundo

Com isso pode-se constatar que, no tange à noção de trajetória de sucesso, a confecção abre margem para as seguintes realidades: a) ela pode ser um “passo intermediário” para o futuro que se deseja, sobretudo quando se pretende sair dela (como o caso de Nicole e Érica); b) pode haver uma projeção simultânea entre sucesso profissional e sucesso no campo da confecção (como nas decisões de César e Lucas); e c) pode caracterizar-se como única opção tida, em vista das necessidades que são prementes ao jovem (como é o caso de Fábio).

Em todas as situações acima colocadas, os contextos que o jovem da confecção participa serão de grande importância na formulação do *stock* de experiências ao qual ele conduz sua reflexividade. Portanto, o “peso” que a estrutura da confecção exerce sobre os indivíduos é ditado pela medida com que o *stock* compõe a trajetória de cada jovem, e por sua vez, abre margem ou não ao rompimento com o ciclo reprodutivo.

Como as trajetórias dos jovens da confecção compartilham de realidades concomitantes, como o modo de vida rural (já que são cidades de pequeno porte e de fraca diferenciação social) e com instituições e grupos sociais que estão presentes na formação juvenil (família, educação, religião, formas de lazer, grupo de amigos, etc.), todos esses aspectos compõem o ordenamento de um contexto social mais amplo e geral que incidirá no êxito de cada um. Daí a necessidade de esmiuçar cada aspecto deste para se perguntar em que medida tais “micro-contextos” influenciam nas trajetórias dos jovens analisados.

Neste contexto mais geral se encontra o campo da confecção com suas regras e normas. Permanecer ou sair é tomar a decisão a partir da consolidação do *stock* de disposições, da soma de experiências e do cálculo balizado no realismo prático que se possui. É refletir o que se tem em termos de distinção e o que se deseja para a vida. É apostar as fichas a partir daquilo que dispõe. É se projetar sobre as estratégias que os contextos oportunizam. Afinal, a vida é uma grande costura.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Aparecida. TAVARES, Maria Augusta. **A dupla face da informalidade do trabalho: “autonomia” ou precarização.** In. ANTUNES, Ricardo. *Et al.* Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. 16.ed. São Paulo: Cortez, 2015.

ANTUNES, Ricardo. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?. **Praia Vermelha**, v.20.n.1.jan/jun.2010, UFRJ.

ARAÚJO, Tânia Bacelar. Economia do semiárido nordestino: a crise como oportunidade. **Coletiva. Nº 09.** Recife: FUNDAJ. Set-Dez. ISSN 2179-1287. Disponível em:<http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=68:economia-do-semi%C3%A1rido-nordestino-a-crise-como-oportunidade>. Acesso em 21 de fevereiro de 2016.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Perfil dos Municípios. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br>>. Acesso em 08 de Abril de 2016.

BEZERRA, Elaine Maurício. **O trabalho a domicílio das mulheres do cariri paraibano no Polo de Confeções do Agreste de Pernambuco.** 2011. 150f. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2011. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2240>

BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Lisboa, Portugal: Fim de século. 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O camponês e seu corpo.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 83-92, jun, 2006.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Org. Maria Alice Nogueira. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2.ed. Porto Alegre: Zouk, 2017.

BRASIL, Senado Federal. Lei 12.852/2013. **Estatuto da Juventude**. Disponível em: <www2.senado.leg.br>. Acesso em 25 de Agosto de 2018.

BRITO, Angela Xavier de. Rei morto, rei posto? As lutas pela sucessão de Pierre Bourdieu no campo acadêmico francês. **Revista Brasileira de Educação**. Jan-Abr. n° 19. 2002.

BURNETT, Annahid. **As raízes rurais da feira da sulanca no agreste pernambucano**. Revista Extensão Rural, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria, v.21, n.4, out./dez. 2014.

BURNETT, Annahid. **Vozes da Sulanca: a história oral sobre a instituição da feira da Sulanca no agreste de Pernambuco**. Oralidades. Ano 7. N.12. Jan-Dez/2013.

CABRAL, Romilson. **Relações possíveis entre empreendedorismo, arranjos organizacionais e institucionais: estudo de casos múltiplos no Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano**. Tese de Doutorado, UFBA, 2007.

CACCIAMALI, Maria Cristina. **Um estudo sobre o Setor Informal Urbano e Formas de Participação da Produção**. Tese de Doutorado, Faculdade de Administração da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982.

CARMO, Renato Miguel do. **A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n° 21, jan/jun.2009.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades Contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Mauad X:FAPERJ, 2012.

CASTRO, Elisa Guaraná de. CARNEIRO, Maria José. *Et al.* **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro, Mauad X: 2007.

DIEESE. **Diagnóstico do setor têxtil e de confecções de Caruaru e Região. Relatório de Pesquisa**. Recife, maio de 2010.

DIEESE. **Diagnóstico do setor têxtil e de confecções de Caruaru e Região. Relatório de Pesquisa.** Recife, maio de 2010.

DURKHEIM, Émile (1858-1917). **Da divisão do trabalho social.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EUFRASIO, Marcelo Alves Pereira. **O Pro-jovem do território da sulanca: desafios diante da informalidade.** Tese de doutorado. UFCG. Campina Grande, 2013.

FARIAS, Josefa Denise. **Novas formas de trabalho no Cariri Paraibano:** Desenvolvimento das unidades de confecção. Dissertação de Mestrado, UFCG, PPGCS, 2016.

FAVARETO, Arilson. ABRAMOVAY, Ricardo. *et al* . **Desenvolvimento territorial em uma região do Semi-árido do Nordeste brasileiro: para além das transferências de renda.** Documento de Trabajo N° 83. Programa Dinámicas Territoriales Rurales. Rimisp, Santiago, Chile, 2011.

FIEP/SEBRAE. Perfil socioeconômico da Paraíba 2010. (relatório).

FREITAS, Lorena. Souza, A instituição do fracasso. p 281-304. In. SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.

GARCIA, A. **O sul: caminho do roçado:** estratégias de reprodução camponesa e metodológicas. Marco Zero, 1990.

IBGE (2019). Portal IBGE Cidades. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 01/10/2018.

JOLLIVET, M. A “vocação atual” da sociologia rural. **Estudos Sociedade e Agricultura.** Rio de Janeiro, n.11, p.5-25, nov-1998.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural:** as molas da a o. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposi es e varia es individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2004a.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso nas classes populares: as razões do improvável.** São Paulo: Editora  tica, 2004b.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**. nº 49, 2005, pp.11-42.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v.41, n.especial, p.1393-1404, dez., 2015.

LIRA, Sônia Maria. **Muito além das feiras da sulanca**: a produção de confecção do Agreste/PE. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

LOPES, João Teixeira. *et al.* **Registros do ator plural: Bernard Lahire na Sociologia Portuguesa**. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

MAGNANI, José G. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos. v.15. n.32, 2009,pp.129-156.

MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss**: Sociologia e Antropologia. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENEZES, Marilda Aparecida. SILVA, Sandra Roberta Alves. **O desejo de autonomia dos jovens e o tratamento familiar**. In. VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

MILANÊS, Renata Bezerra. **Costurando roupas e calçados**: as linhas que tecem o trabalho e gênero do Agreste Pernambucano. Dissertação de Mestrado, UFRRJ, 2015.

MOREIRA, Emília & TARGINO, Ivan. De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano. **Revista Nera**: Presidente Prudente, ano 10, n. 10, 2011.

NEVES, Mesias Ramos de Sousa. **Os herdeiros da costura**: a lógica reprodutiva da escolarização por meio da necessidade. 2016. 84f. (Trabalho de Conclusão do Curso), Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, - Sumé – Paraíba – Brasil, 2016. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/5283>. Acesso em jan de 2019.

NEVES, Mesias Ramos de Sousa.. **De retalho em retalho**: a vida juvenil na costura. Trabalho final da disciplina de Etnografia. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. UFCG. Campina Grande, 2018.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu e Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2009. Cap. III e IV, p.49-85.

OLIVEIRA, Sheila Borges de. **O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum**. Tese de doutorado. Recife, 2013.

ORTIZ, Renato. *Et al.* **Pierre Bourdieu: sociologia**. In. Grandes Cientistas Sociais. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

PEREIRA NETO, Eugênio Vital. **Qualificação e informalidade: os modos de atuação do Senai no Polo de Confeccões de Pernambuco**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.

RAPOSO, Maria; GOMES, Gustavo. **Estudo de caracterização econômica do Pólo de Confeccões do Agreste de Pernambuco**. Recife: FADE/UFPE/SEBRAE, 2003. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/poloconfec2003.pdf>>. Acesso em 28 de junho de 2019.

RODRIGUES, Ana Roseira; LEÃO, Tânia. Ao encontro das práticas culturais dos estudantes do ensino superior. Exercício de revisitação assente na análise dos factores de variação intra-individuais. (Capítulo 5). In: LOPES, João Teixeira. *et al.* **Registros do ator plural: Bernard Lahire na Sociologia Portuguesa**. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

SÁ, Marcio. **Feirantes: quem são e como administram seus negócios**. 2.ed. Recife: Ed. Universitária, 2018.

SÁ, Marcio. **Filhos das feiras: heranças e reconfigurações disposicionais no Agreste pernambucano**. In. 39º Encontro Anual da ANPOCS. 2015. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt41/>>. Acesso em 25 de Setembro de 2017.

SÁ, Marcio. **Os filhos das feiras e o campo de negócios agreste**. (Tese de Doutorado em Sociologia) Braga: Universidade do Minho, 2015. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/35680> . Acesso em: 25/09/2017.

SARTI, Cynthia Adersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SEBRAE. **Estudo econômico do arranjo produtivo local de confeccões do Agreste Pernambucano**. Relatório Final. Recife: SEBRAE, 2013. Disponível em: <https://meuatendimento.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Estudo%20Economico%20do%20APL%20de%20Confeccoos%20do%20Agreste%20-%202007%20de%20MAIO%202013%20%20docx.pdf> .

SILVA, Sandra Roberta Alves. **A juventude na “Sulanca”**: Os desafios da inserção no mundo do trabalho em Taquaritinga do Norte – PE. 2009. 176f. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades. Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba – Brasil, 2009. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2662>. Acesso em 2018.

SOROKIN, Pitirim A. ZIMMERMAN, Carlo C. GALPIN, Charles J. **Diferenças fundamentais entre o mundo rural e urbano**. In. MARTINS, José de Sousa. Introdução crítica à sociologia rural. 2.ed. São Paulo, HUCITEC: 1986.

SOUZA, Alana Moraes de. **A gente trabalha onde vive**: A vida social das relações econômicas: parentesco, “conhecimento” e as estratégias econômicas no agreste das confecções. Dissertação de Mestrado (PPGSA). Rio de Janeiro, UFRJ: 2012.

SOUZA, Jessé. *Et al* **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?**. . Belo Horizonte : Editora UFMG, 2012.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.
VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. O pólo de confecções do agreste de Pernambuco: ensaiando uma perspectiva de abordagem. In: 35º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, Caxambu. Anais do 35º Encontro Anual da Anpocs. São Paulo: Anpocs, 2011.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. SANTANA, Marco de Aurélio (org). **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. **O mundo rural como espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. **Urbanização e ruralidade**: relações entre a pequena cidade e o mundo rural e estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. (2004) Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2016/03/Pequenos-Munic%C3%ADpios_Nazareth-1.pdf>. Acesso em 19 de Fevereiro de 2018.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

WEBER, Max. **Objetividade do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política. Metodologia das Ciências Sociais – Parte1**. 3.ed. São Paulo/Campinas: Cortez/Unicamp, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TEXTO AUTOBIOGRÁFICO

Neste espaço final da dissertação, compus um pequeno texto autobiográfico que levará o leitor a compreender as escolhas teórico-metodológicas das quais fiz opção e entender os objetivos que me propus desde então. Logo, esse trabalho final falará muito daquilo que o pesquisador vivenciou em seu cotidiano e num esforço de compreender o mundo social que estava inserido, ensejou uma trilha de pesquisa muito peculiar, com o toque de alguém que estudava seu contexto ao mesmo tempo em que transcorriam todos os processos sociais que eu estudava - ainda na graduação.

Com esta autoanálise (no sentido bourdieusiano) encerro esta dissertação discutindo aspectos contextuais que me foram caros na ruptura da estrutura social que o campo da confecção possui e através de minha história de vida, analisar as disposições, a reflexividade e os elementos que possibilitaram essa ‘ruptura’, de um modo menos escolástico. Não se trata, portanto, de contar uma história vitoriosa, nem tampouco um texto pretensioso que oferece uma receita de como proceder na vida ou de alcançar um possível “sucesso profissional”. Será apenas um texto para refletir uma trajetória e um perfil de alguém que saiu da confecção.

“APENAS UM RAPAZ LATINO AMÉRICANO, SEM DINHEIRO NO BANCO, SEM PARENTES IMPORTANTES E VINDO DO INTERIOR”

Trabalhador da confecção desde os nove anos de idade, com uma família de tradição no ramo, dediquei onze anos de minha vida à costura para poder sobreviver como muitos meninos pobres deste país. Com um pai agricultor e uma mãe merendeira, que nas horas vagas costurava para auxiliar no sustento da família, sempre tive na figura do trabalho o passo necessário para realizar os ‘sonhos’ de jovem caririzeiro.

Juntamente com três irmãos, sempre alternamos entre a agricultura e a confecção, de modo que estudar sempre foi uma combinação entre o trabalho e a escola. Ao iniciar ajudando meu irmão mais velho, ganhava um valor simbólico de dois reais por semana, do qual meu irmão retirava de seu salário (de trinta reais na época) e ajudava-o na tirada de ponta de linha e arrumação das peças. Esse valor, aos olhos do leitor, pode parecer até mesmo uma hipérbole para realçar um aspecto financeiro ou algo ligado a esta dimensão mais imediata que chama a atenção a princípio. No entanto, muito mais que uma gorjeta para comprar “coisas de criança” havia ali o aprendizado de como trabalhar no ramo e a introjeção de valores ético-morais, ligados ao trabalho, revelados nas expressões de minha mãe quando afirmava que “seus filhos

eram muito trabalhadores e gostavam de ganhar seu próprio dinheirinho para comprar suas coisas, sair no final de semana, etc.”. Seu orgulho nos deixava felizes e realizar aquele trabalho era muito mais que ganhar um salário, era saber que estávamos no caminho “certo”. Amanda, Miguel e Mateus concluíram seus estudos de ensino médio, mas não prosseguiram, pois tiveram que sustentar suas famílias na dura peleja da vida e a confecção foi a alternativa encontrada.

Depois de um tempo ajudando meu irmão, um de meus tios chamou para trabalhar, pois eu “levava jeito” para a costura. Foi neste fabrico que cresci e passei por máquinas diversas, pelas feiras da sulanca e por experiências que me consagraram a profissão de costureiro. Enquanto isso era um jovem dedicado aos estudos e dividia o pouco tempo que havia entre trabalhar e estudar. Nesses estudos, ganhei uma bicicleta em um projeto de ação social que premiava alunos destaques do município. Com ela, resolvi vender pão no sítio que morava e conciliei a venda dos pães e a costura para ajudar na renda da família.

Sob uma formação católica, sempre me inseri nos trabalhos da igreja na comunidade onde vivia e talvez seja este o elemento mais marcante na minha história de vida, pois a convivência nas pastorais, na catequese de jovens, na liderança de uma Comunidade Eclesial de Base, me possibilitou o convívio com pessoas que mostraram a importância da educação enquanto elemento de transformação social na vida das pessoas.

Estar com padres, participar de reuniões, retiros, missões e trazer tudo isso para a minha comunidade era possibilitar a confluência de culturas e, quando feita com uma geração de jovens que partilhavam dos mesmos sentimentos, era unir-se em prol do mesmo objetivo: construir um contexto diferente quer seja individual ou coletivo. Foi essa mesma geração de amigos que se juntou para estudar nos finais de semana em cursinhos, que prestou vestibular juntos, que falava sobre projetos futuros e concluiu, que quando se é pobre as dificuldades são muitas, mas quando compartilhadas em grupo podem se tornar amenas.

Éramos jovens que sonhávamos em cursar o ensino superior, mas não sabíamos muito bem por onde começar, já que morávamos no sítio e isso dificultava ainda mais o acesso aos centros universitários locais. Tomar a decisão de ir morar numa cidade mais longe era arriscar uma vida de sofrimento, talvez sem as condições mínimas para sobreviver, e essas questões são levadas em consideração quando refletimos sobre nossos sonhos.

A expansão das universidades no governo Lula foi indispensável para projetar objetivamente os sonhos de tantos jovens pobres que não conseguiam driblar as estruturas que o mundo social impunha-lhes. Sonhos sem condições mínimas de ação tornam-se quimeras. Assim, o sonho começou a ficar mais perto. Com o auxílio de transporte para ir ao campus de Sumé (recém aberto pela expansão) todos os dias, com o restaurante universitário, as bolsas de incentivo financeiro e um conjunto de políticas públicas, conseguimos não somente ingressar, mas permanecer na universidade.

Todo jovem pobre ao ingressar na universidade sempre ouvirá “quando terminar vai trabalhar em que?”, “isso vai dar dinheiro?”. O desejo de deixar os estudos e construir a carreira na confecção sempre esteve do lado. Costurar, montar seu próprio negócio, ter retorno imediato, comprar as coisas que um jovem gostaria... tudo isso se soma no cálculo que pondera a saída ou permanência na universidade.

Minha mãe, talvez por ser merendeira, sempre soube da importância da educação e se posso resumir seu incentivo para continuar os estudos, o que ela disse ao saber que eu havia passado no vestibular me é bastante marcante: “Deus ilumine os caminhos que você vai caminhar. No que depender de mim, vou trabalhar pra dar tudo certo”. A frase meio redundante, de alguém que cursou até a quarta série, continha a soma de minha formação católica, o esforço disposicional de uma mulher que compreendeu valores ético-morais muito importantes e que foi definitivo para acreditar nas “razões do improvável”.

Essas perguntas e o medo de não se manter na universidade foram passando quando consegui uma bolsa REUNI que ajudava nos custos diários. Depois, ingressei o Programa Institucional de Bolsas a Iniciação à Docência (PIBID) que constituiu um marco na minha formação de graduação. O contato com a sala de aula, as reuniões de estudo, os congressos e tantos outros momentos, enriqueceram minha formação docente, para além do contributo financeiro que custeou o dia a dia na universidade. Somado a isso, havia o transporte todos os dias oportunizado pelo Programa Caminhos da Escola.

Ainda no período de graduação fui chamado para compor o Programa Mais Educação (criado pelo governo Dilma para introduzir o ensino integral nas escolas públicas) do qual participei dois anos como condutor de oficinas para estudantes de ensino fundamental.

Enquanto vivenciava o Mais Educação e o PIBID, simultaneamente, consegui concluir meus estudos e o medo de não dar certo foi atenuado pelas oportunidades vislumbradas. Uma

dessas oportunidades foi o convite, aos vinte e um anos de idade, para ocupar a gestão da escola que estudei e atuara no Mais Educação. Foram dois anos à frente da direção da escola e, nesse ínterim, passei rapidamente pelo curso de psicologia na UFCG, que logo deixei para estudar o mestrado em Ciências Sociais, na mesma instituição, em Campina Grande.

O mundo da “cidade grande” será sempre um desafio àqueles que não foram socializados nos seus códigos e na sua gramática social. Sair do interior para morar numa cidade com maiores proporções é adentrar num novo campo social, cujas regras e capitais estão postos a todos nós e que devem ser apreendidas para adequar-se ao meio social. Quando se têm parentes que já vivenciaram esse processo, uma rede de contatos ou um conjunto mínimo de capitais (ainda que seja apenas econômico) torna-se menos penoso a tarefa de adentrar o campo da academia e obter “sucesso”. Este não era o meu caso.

Ao terminar a graduação, de alguma forma já havia rompido com muitas barreiras e adquirido alguns capitais. Mas cursar a pós-graduação exige um nível maior desse conjunto de capitais e buscá-los tornou-se imperativo. Esse processo foi amenizado por amigos e pela concessão da bolsa de mestrado, que me possibilitou morar em Campina Grande e me dedicar exclusivamente aos estudos. Ainda quando cursava o mestrado fui aprovado no concurso do estado da Paraíba para professor de sociologia no ensino médio e a insegurança de não ter uma profissão na área que estudei começava a se esvaír.

A um “excluído do interior”, o conjunto de políticas públicas, a imersão em instituições sociais que valorizavam os estudos e as referências familiares, constituíram-se importantes ferramentas na construção do *stock* de disposições que me fizeram sair da confecção.

Se a um rapaz latino americano, o fato de não possuir somas grandiosas no banco, não ter parentes importantes e vir do interior, lhe rendia uma estrutura social pesada sobre sua vivência, Belchior – que de forma magistral cantou como ninguém os dramas do interior –, abre a possibilidade de driblar todas essas pré-definições quando em outra belíssima canção afirmou com altivez: *Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos! Não sou da nação dos condenados! Não sou do sertão dos ofendidos! Você sabe bem: Conheço o meu lugar!*

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA (JOVEM)

• APRESENTAÇÃO INICIAL DO ENTREVISTADO:

- Nome;
- Data de nascimento e idade;
- Endereço atual;
- Onde nasceu;

• HISTÓRIA DE VIDA

1. Como foi sua vida na infância? Fale um pouco sobre ela. (Onde nasceu, com quem conviveu, quais as principais referências para sua vida, o que gostava de fazer quando criança, principais recordações, etc.)
2. (Se já constituir uma família explicar aspectos como a formação familiar como se deu, como conheceu o companheiro(a), moram na mesma casa, etc.)

• TRABALHO QUE EXERCE

1. Me fale um pouco sobre a sua história na confecção (Como começou a trabalhar na confecção).
2. Relate como é sua rotina diária.
3. O que leva você estar nesta profissão hoje em dia? Fale um pouco sobre isso.
4. Como você aplica o salário que você ganha? (Fale um pouco como são seus principais investimentos)

• VIDA FAMILIAR

1. Me fale um pouco sobre como é sua família (principal provedor da casa, maior influencia na vida do entrevistado, como a família é composta, etc.)
2. Você teve alguma influência de familiares, parentes ou amigos próximos para entrar na confecção? Fale um pouco como foi essa trajetória.

• RELAÇÃO COM OS ESTUDOS E PROJEÇÕES FUTURAS

1. Como é (foi) sua vida nos estudos?
2. Você já deixou de frequentar seus estudos alguma vez? Se sim, como isso aconteceu?

3. Ainda relacionado aos estudos, como você vê (via) a leitura e a escrita? Lê (lia) e escreve (escrevia) com frequência? Relate sobre como é sua vida nesse aspecto.
4. Seus pais costumam (vam) incentivar seus estudos? De que forma?
5. Você possui(a) dificuldades com os conteúdos escolares/universitários? Se sim, fale sobre essas dificuldades que você enfrenta(va).
6. Qual o nível de instrução de sua mãe? Fale sobre como foi ou é a relação de sua mãe com os estudos.
7. Qual o nível de instrução de seu pai? Fale sobre como foi ou é a relação de seu pai com os estudos.
8. Você gostaria de dar continuidade aos seus estudos?
9. Quais os seus “sonhos” ou “projetos” em relação à vida profissional? (Exaurir esta questão mediante as respostas que forem sendo colocadas)
10. O que você tem feito ou pretende fazer para conseguir “isto” que você deseja?

• **FORMAS DE LAZER E ENTRETENIMENTO**

1. O que você costuma fazer quando não está trabalhando? (Fale um pouco como é essa rotina).
2. Como é sua rotina nos finais de semana? (Explorar as Instituições sociais que o entrevistado e seus pares frequentam)
3. O que você costuma fazer quando não está trabalhando? (Fale um pouco como é essa rotina)
4. Quais são as coisas que identificam você hoje? Aquilo que ao pensar em (n), não conseguimos dissociar e não se lembrar do que você faz.

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA (PESSOAS QUE CONVIVEM COM O JOVEM ENTREVISTADO)

- **APRESENTAÇÃO INICIAL DO ENTREVISTADO:**

- Nome;
- Grau de aproximação/parentesco do jovem em pesquisa;

- **HISTÓRIA DE VIDA**

1. Fale sobre a infância de (N). (Onde viveu, como foi “criado”, principais recordações, etc.)
2. Como foi sua convivência com (N)? (Em momento se conheceram, como mantiveram contato, etc.)

- **TRABALHO QUE EXERCE**

1. Fale sobre a história de (N) na confecção.
2. O que (N) costuma fazer quando não está trabalhando? (Fale um pouco como é seu grau de contato e/ou sua rotina com ele(a))

- **VIDA FAMILIAR**

1. Relate como é a convivência de você com (N).
2. Fale um pouco sobre como é a vida familiar de (N) (principal provedor da casa, maior influencia na vida dele (a), como a família é composta, etc.).
3. (N) teve alguma influência de familiares, parentes ou amigos próximos para entrar na confecção? Fale um pouco como foi essa trajetória.
4. Como é a rotina de (N) nos finais de semana?
5. Fale um pouco sobre o que você sabe da infância e adolescência de (N).

- **RELAÇÃO COM OS ESTUDOS E PROJEÇÕES FUTURAS**

1. Como era a vida de (N) nos estudos?
2. (N) já deixou de frequentar seus estudos alguma vez? Se sim, como isso aconteceu?

3. Ainda relacionado aos estudos, como (N) vê (via) a leitura e a escrita? Lê (lia) e escreve (escrevia) com frequência? Relate sobre como é a vida dele (a) nesse aspecto.
4. Como eram feitos os incentivos para (N) nos estudos? De que forma? Fale um pouco sobre isso.
5. (Em caso de ter cursado o ensino superior) (N) Teve dificuldades com os conteúdos escolares/universitários? Se sim, fale sobre essas dificuldades que (N) você enfrenta(va).
6. Fale sobre os “sonhos” ou “projetos” em relação à vida profissional de (N). (Exaurir esta questão mediante as respostas que forem sendo colocadas)
7. O que (N) tem feito ou pretende fazer para conseguir “isso” que tanto deseja?

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO

LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr. (a),

Eu, **Mesias Ramos de Sousa Neves**, estudante de Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande em nível de mestrado, sob a orientação do **Professor Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky**, pretendo desenvolver minha pesquisa com trabalhadores no ramo da confecção de roupas para o Polo de Confecção com o objetivo de acompanhar as trajetórias e perspectivas dos jovens que trabalham em *fabricos e facções*. Farei esta pesquisa através de **entrevistas biográficas** que contará a história individual de cada pessoa.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A sua participação será voluntária, pois não acarretará qualquer dano, nem custo para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta entrevista serão divulgados no trabalho final (dissertação de mestrado), em eventos científicos da categoria e em periódicos (reservado anonimato do pesquisado).

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo através da assinatura abaixo:

Atenciosamente,

Pesquisador Responsável: Mesias Ramos de Sousa Neves
Orientador: Prof. Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky

Consentimento do Voluntário

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado ou coagido para tal e ciente de que os dados serão usados pelo responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

Campina Grande, _____.

Assinatura do Participante

APÊNDICE E - FOTOGRAFIAS













